



3 1761 07980027 2

M. CORRÊA DOS SANTOS
PAPELARIA, TYPOGRAPHIA
E ENCADERNAÇÃO

TRABALHOS
TYPOGRAPHICOS PARA O COMMERCIO

TELEPHONE 3350
10. RUA DA PRATA, 16
LISBOA

No seu valle sempre (onde da
Folgora,

Teatros e de pr. t. e. u. l.
eff. e. t.

of

// author.

Figuras do Passado

Figuras

DO

Passado

POR

PEDRO EURICO

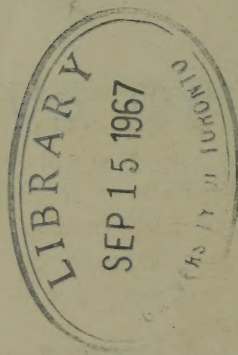
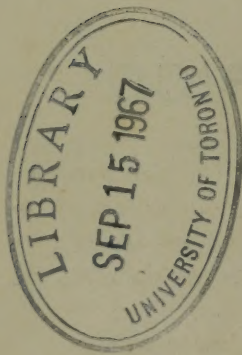
[Pseudonym of: AUGUSTO CARLOS CARDOSO PINTO OSORIO]



Composto e impresso na Typo-
graphia Editora JOSÉ BASTOS
— Rua da Alegria, 100 — Lisboa

1915

CT
1372
P55



UMA EXPLICAÇÃO

Um pseudonymo é um disfarce. E' a mascara, muitas vezes tão transparente e diaphana, que não occulta o rosto do que a usa.

Mas, inda assim, mascara conveniente! Mascara respeitosa e necessaria!

E' o nosso caso.

O que isto escreve presou, acima de tudo, a sua profissão e o seu nome de magistrado.

Zelou este como devia a si e á sua classe.

Quando, por distracção e desenfado do seu espirito, como remedio moral para intimas dôres, se entreteve com bugigangas litterarias, não quiz assigná-las com o mesmo nome com que assignava as graves decisões de um tribunal respeitavel.

Assignou-as com o pseudonymo de *Pedro Eurico*.

O pseudonymo de novo apparece agora.

Porquê?

Porque se chega a alturas da vida e a situações n'ella, em que não são permittidas cavallarias e extravagancias, nem mesmo litterarias!

O coração nunca envelhece: poderia allegar. Mas quantos, por formas bem diversas, repelliriam a maxima?

O auctor nunca ambicionou, nem podia ambicionar, o titulo de homem de letras. Simples curioso d'ellas o foi pelas necessidades do espirito.

As suas faculdades exerceram-se em um campo, cujo cultivo esterilizava todo o pendor litterario.

Amendo o *Bello*, teve — por obrigação legal e por indole — de cultivar o *Bem!*

Lembrou-se sempre d'aquelle conselho, que *Jules Lemaitre* tão bellamente exprimiu dizendo:

«Uma boa acção moral é a unica obra de arte que póde fazer quem não é artista».

Mas, ás vezes, da pedra bruta salta uma faisca de luz!

*

Voltando agora de novo aos devaneios litterarios, de novo retoma o pseudonymo, porque, além do que fica dito, elle tem ainda outra utilidade.

E' como que o bordão de quem, sentindo-se pouco seguro de si, receando a queda, a elle se ampara para que essa queda seja menos desastrosa e menos promova o riso do publico.

Quer dizer: se a critica tiver de ser severa e de maltratar o livro e o auctor, que tenha a caridade de o fazer contra o nome litterario e não contra o verdadeiro e authenticico.

Présa este e desdenha aquelle.

À MEMORIA

DE

Amelia Coutinho Filgueiras Osorio



.....

.....

Não pode profanar-se com a publicidade o que é sagrado e intimo!

Mas n'este livro, em que revivem tantas memorias queridas, pertence — não pode deixar de pertencer — a primeira pagina d'elle á que me é mais querida de todas! Á que mais tem vivido em mim!

Á da pessoa, que mais influiu nos destinos da minha vida!

Á d'aquella, a quem estive ligado pelos laços da Igreja; e, já antes, pelo parentesco do sangue e — muito mais do que por este — pelo parentesco das almas!

Á da formosa e valente rapariga, que tudo — tudo! — sacrificou por mim... morrendo em Africa... aos vinte e cinco annos... com dois de casada... depois de haver sido mãe!

E, n'esses breves dias, ella não foi só o ser idolatrado, a companheira de coração de seu marido! Foi tambem, pela cultura do seu espirito, um companheiro nas letras e um auxiliar dos seus trabalhos officiaes!

Nobre e santa amiga!

Pertence-te este humilde livro, porque n'elle se presta

homenagem a affectos e sentimentos, que tambem foram teus!

Ensinei-te a amar João de Deus e os seus versos, os quaes, quando eu os publicava, tu os coligias, ainda antes da nossa união, na casa que foi dos nossos Avós, onde nasceu minha Mãe e onde nasceste tu!

Os que agora ahi apparecem sahiram da mesma pasta de velludo — a minha pasta de estudante — onde foram collocados pelas tuas mãos delicadas: as mãos que sabiam tirar do piano maravilhosas melodias!

No reverso do teu retrato a oleo, estão — transcriptas de um d'aquelles livros que liamos em commum — estas palavras de *Lamartine*, que contêm outro retrato, porque são o teu retrato moral:

«Cette jeune personne avait reçu de la nature un esprit délicat.

«Elle descendait, sans fausse honte, aux plus humbles fonctions du ménage; et elle se livrait aux lectures les plus solides et les plus élégantes de la vie lettrée.»

Sobre a pedra do teu jazigo puderam, com justiça, ser gravadas — copiando-as de um livro de tristes memorias — estas palavras: *Quando a mulher alia ás virtudes da alma os dotes da intelligencia, é o ideal do bello e tambem o ideal do bem.*¹

Já lá vão tantos annos! Tem-me sido longa, aspera, por vezes tempestuosa, a jornada caminhando para ti!

Mas já me não demoro... aproxima-se o momento do encontro das noßsas almas!

.....

.....

¹ Bulhão Pato, *Sob os Cyrestes*, pag. 128.

O Ultimo Marquez de Ponte de Lima

(Esbôço biográphico e histórico)

I

O ultimo Marquez de Ponte de Lima foi uma figura originalissima, que deveria apparecer-nos naquella galeria de typos de raridade humana, que *Champfleury* celebrou no seu interessante livro — *Les Excentriques*.

Esboçada a sua phisionomia moral pela penna elegante do escriptor francez — que foi um dos iniciadores do realismo — ficaria o seu retrato como de um dos mais sympathicos e de mais formosa alma!

Ao lado do illustre portuguez Gama Machado, ficaria bem este outro portuguez, por tantos titulos mais illustre ainda!

No Marquez verificava-se aquella regra formulada, para os excentricos, por um celebre observador: *L'homme extérieur est moulé sur l'homme intérieur!*

É que á originalidade de proceder e de pensar correspondia a originalidade do trajar e vestir!

Sempre de sobrecasaca comprida de briche, ou de casaca preta; e, raras vêzes, no inverno, um capote, á antiga, do mesmo panno nacional da sobrecasaca! Um inalteravel chapéu de feltro de copa baixa e abas largas. Bengalão de

canna da India! Era assim que o Marquez percorria as ruas e ia tomar assento na Camara dos Pares, de que foi secretario, e a cujas sessões, durante certo periodo, comparecia com assiduidade.

Nascido em bérço de oiro, no meio da opulencia; senhor de uma grande fortuna herdada e de um herdado pòderio, fidalgo por nascimento, e da mais antiga e authentica linhagem historica, ninguem foi mais despido do amor das grandezas e mais alheio ás vaidades humanas!

Democrata pelo coração e instincto, foi um fiel observante dos mais rigorosos e radicaes preceitos da fraternidade e egualdade humanas!

Cidadão integro, coração bondosissimo, alma candida, foi o amigo dos pequenos, dos pobres, dos humildes, com os quaes de preferencia vivia e se irmanava!

II

D. José Xavier de Lima Vasconcellos de Brito Nogueira Telles da Silva, que este foi o seu nome, nasceu na Praça de Almeida em 12 de novembro de 1807.

Pertencia á mais antiga nobreza do reino. Na linguagem heraldica era azulissimo o seu sangue. Girava-lhe nas veias o de Affonso de Albuquerque, o do chronista João de Barros, e era descendente e directo representante de *Pedro Alvares Cabral*, o descobridor do *Brazil* (1). Seu pae, D. Thomaz José Xavier de Lima, fallecido aos 45 annos, militou com o pôsto de coronel na legião estrangeira, que,

(1) Veja-se no fim a nota A.

em 1808, foi para França, distinguindo-se em alguns combates. Sendo ajudante do Duque de Ragusa, quando as tropas francezas vinham invadir Portugal, patrioticamente desertou e foi apresentar-se ao Duque de Wellington para combater pela patria.

Tinha o 3.º Marquez de Ponte de Lima a mais illustre ascendencia por armas e letras.

O titulo de Visconde foi o primeiro, que houve em Portugal, concedido ao seu ascendente D. Leonel de Lima, a quem, no seculo xv, o Rei Affonso V fez Visconde de Villa-Nova da Cerveira e Alcaide-Mór de Ponte de Lima (1).

O titulo de Marquez d'esta villa foi concedido a seu vis-avô, quando primeiro ministro da Rainha D. Mária I. Succedeu n'elle a seu pae em 1822.

Era o 17.º Visconde de Villa Nova da Cerveira; o 3.º Marquez de Ponte do Lima; o 21.º senhor do morgadio de *Soalhaes*, no Minho; o 20.º do de S. Lourenço, em Lisboa; e senhor tambem dos morgadios da Casa de Mafra. Disfructava os bens da commenda de Santa Maria de Borba e de Santa Maria de Satam (Vidé B. de S. Clemente, tomo 4.º pags. 448 e 450).

Outhorgada a Carta Constitucional em 29 de abril de 1826, logo, no dia seguinte, escolhidos os membros da nobreza que haviam de constituir a Camara dos Pares, foi, apesar da sua menoridade, nomeado par do Reino. Apresentada a carta regia da sua nomeação na respectiva Camara, em 7 de dezembro, não tomou posse, n'essa legislatura, por falta de idade (2).

(1) Veja-se a nota B.

(2) Diz assim a Carta Regia:

Honrado Marquez de Ponte de Lima, amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar, como aquelle que muito amo.

Attendendo aos vossos merecimentos e qualidades, hei por bem nomear-vos par do reino. O que me pareceu communicar-vos para vosso conhecimento.

Escripta no Palacio do Rio de Janeiro, a 30 de abril de 1826.
Rei com guarda.

Assim reunia á nobreza herdada a nobreza propria e legal de novo regimen constitucional.

✽

* * *

Pois este Grande do Reino, este fidalgo de raça, este nobre de uma fidalguia, que era até principesca, e mais que quatro vezes secular, praticou mais a democracia e foi mais apaixonado observante dos preceitos da egualdade de que uns certos plebeus do nosso tempo, que, pelos acasos da fortuna ou da politica, adquiriram posições, que os fazem arrotar, por toda a parte e por todas as formas, a sua importancia, olhando-nos, impertinentes e impertigados, d'alto, por cima do hombro, e como que intimidando toda a gente a reconhecer-lhes a sua pretenciosa superioridade!

III

Espalhadas em Portugal, no primeiro quartel do seculo XIX, as ideas liberaes, commungou n'ellas.

Dotado de viva intelligencia, seguia, aos dezenove annos, os estudos litterarios, proprios da sua cathegoria social, quando, depois de jurada a Carta Constitucional, na regencia da infanta D. Izabel Maria, se levantou a insurreição absolutista do Marquez de Chaves e outros caudilhos anti-liberaes.

Immediatamente o joven Marquez, interrompendo os

seus estudos, foi tomar logar entre os defensores da nova ordem de cousas, alistando-se, como cadete, no regimento de cavallaria n.º 4.

Pelo seu nascimento e senhor de uma grande e opulenta casa, á qual andavam inherentes extraordinarios privilegios; estando, além d'isso, já nomeado par do reino, podia, desde logo, ser-lhe dado o posto de official. Mas não! Foi como cadete, isto é, como simples soldado com algumas distincções, que se alistou.

N'essa obscura e humilde qualidade fez toda a campanha de 1826 a 1827, nas provincias do Minho e Traz-os-Montes, sujeitando-se a todos os perigos e duros trabalhos da guerra, como qualquer outra praça de pret sem differença alguma.

Tomou parte nos combates da Ponte do Prado e da Ponte da Barca, e seguiu a sorte dos seus companheiros de armas, que, sob o commando do Conde de Villa-Flôr, perseguiram os absolutistas até Melgaço, obrigando-os a transpôr a fronteira do territorio portuguez.

*

* *

Quando o seu regimento entrou em Villa Nova da Cerveira, a Camara, sabendo que estava dentro dos muros da villa o titular d'ella, o representante dos seus nobres solarengos, resolveu ir, em corporação, cumprimentá-lo. Um dos vereadores preparou-se para lhe lêr uma allocução de boas-vindas.

Procurando-o no quartel, onde estava instalado o seu regimento, indicaram-lho. Os vereadores ficaram atonitos! Custava-lhes a acreditar que fosse quem lhes indicavam o personagem, que procuravam!

E' que foram encontrar o Marquez, em mangas de camisa, a limpar o seu cavallo! Foi assim, de ferro em uma das mãos, e de brossa na outra, que recebeu os representantes do municipio! Agradeceu os cumprimen-

tos, que lhe dirigiam; fez-lhes uma cortezia e continuou na limpeza do animal.

Para elle as obrigações de soldado eram todas igualmente dignas! (1)

Rechacados os absolutistas, obrigados a passar a fronteira e a internarem-se em Hespanha, despiu a farda de soldado e voltou para a sua casa de Lisboa.

Mas, logo no anno seguinte, em 1828, proclamado o absolutismo de D. Miguel, correu de novo ás armas, ainda como soldado cadête do mesmo regimento de cavalaria 4.

N'esta qualidade fez parte das tropas liberaes, que, depois dos combates do Vouga, da Ega e da Cruz de Morouços, tiveram de retirar sobre o Porto e em seguida emigraram atravez da Galliza, sob o comando do brigadeiro Joaquim de Sousa Quevedo Pizarro e do heroico Bernardo de Sá Nogueira, já então notavel por feitos illustres e que tão gloriosamente figura depois na historia com os nomes de Visconde e Marquez de Sá da Bandeira.

Assim soffreu todos os duros transes, privações e maus tractos desse triste exodo, que são descriptos por todos os historiadores. Embarcou depois para Inglaterra com os seus 2.580 companheiros de armas, que a tantos ficaram reduzidos os 5.000, que, antes de passar a fronteira, se reuniram na *Portela do Homem*.

(1) Foi narrado este facto e outros respectivos á vida do Marquez de Ponte de Lima, por ocasião da sua morte, no jornal *A Democracia*, de que era redactor, com Elias Garcia, o meu muito talentoso amigo Alberto Osorio de Vasconcellos, de illustradissima e preclara memoria. Creio não me enganar julgando ser narrador ou informador daquelles interessantes factos um distincto e muito instruido official de engenharia, camarada e amigo de Osorio de Vasconcellos, e que com elle vivia muito em contacto.

Por vezes escrevia no jornal curiosas narrativas do passado sob o pseudonymo de *Velho Democrata*. Era o coronel, depois general e ministro da guerra, Francisco Pereira Sanches de Castro, natural de Villa Nova da Cerveira, e que ali tinha casa e familia.

Por despacho do governo miguelista de 20 de agosto de 1828 lhe foram mandados sequestrar todos os bens com o fundamento de haver sahido do reino sem licença (1).

Quem era senhor de tão opulenta fortuna achou-se assim reduzido á pobreza de qualquer outro emigrado!

Em 1851 partiu de Inglaterra para a Ilha Terceira,



Restos do Paço do Marquês, em Ponte de Lima

onde se congregavam os defensores da liberdade que para ella pretendiam conquistar a patria.

Tomou parte nos combates dos Açores e foi um dos 7500, que desembarcaram no Mindêlo e entraram no Porto.

(1) Carta do Marquez de Palmela, datada de Londres, em 5 de setembro e dirigida a D. Pedro 4.º. Vid. Barão de S. Clemente, Vol. 5.º pag. 247.

Durante o cêrco, fez serviço em artilharia com o pôsto de alferes, distinguindo-se pela certesa dos seus tiros.

O regente D. Pedro, attendendo á alta hierarchia social do Marquez de Ponte de Lima e á sua valentia de soldado, quiz promovê-lo a mais elevado pôsto. Quiz fazê-lo seu ajudante de campo. Pediu escusa e não acceitou (1). Quiz tambem fazê-lo seu camarista. Não acceitou ainda!

Sómente lhe acceitou o presente de um fardamento nôvo e a condecoração da Torre e Espada (2).

Esta e a commenda de Christo, que lhe pertencia por successão de seus maiores, foram as unicas condecorações, que teve e de que fêz uso.

Facto digno de registo é que, quer na campanha de 1826 a 1827, quer na de 1828, quer na emigração (onde tantas paixões e luctas se levantaram!), quer depois no Porto, o titular, o marquez, o grande senhor, com privilegios quasi realengos, desaparece! Ninguem o vê! Nunca se salienta! Só se conta com elle como um soldado obscuro, firme, disciplinado, prompto e fiel cumpridor das ordens dos seus chefes!

IV

Terminada a guerra civil, restaurada a Carta, não alardeou serviços, nem pediu recompensas. Sem se ligar a partidos, limitou sua acção politica ao exercicio das func-

(1) *Democracia* cit.

(2) *Idem*.

ções legislativas, como membro da Camara dos Pares, da qual, como fica dicto, foi secretario. O seu voto, livre sempre de compromissos partidarios, era dado com a mais rara isenção e independencia!

Por vezes ficava isolado e unico! Só obedecia á sua convicção.

Era dos que nada lucravam e pessoalmente tudo perdiam com o novo regimen! Aceitou-o porém com todas as suas consequencias, por mais contrarias que ellas lhe fossem!

Donatario da Corôa, dahi lhe provinha uma grande parte das suas rendas. Tinha o privilegio de nomear tabelliães de notas em alguns concelhos.

Era tambem padroeiro exercendo o direito de apresentação de parochos em numerosas freguezias (1).

Estas grandes regalias regeitou! A todos os enormissimos privilegios da sua casa, voluntaria e abnegadamente renunciou!

*

* *

Ha esse respeito um facto, que o caracteriza.

O decreto de 13 de agosto de 1832, chamado dos foraes e doações regias, foi uma das beneficas providencias de *Mousinho da Silveira*, que mais clamores levantou.

Foram-lhe feitas acerbas criticas e soffreu, durante muitos annos, uma grande impugnação dentro e fóra do parlamento (2).

Muito especialmente a soffreu nas discussões, que precederam a approvação da carta de lei de 22 de junho de 1846 para o explicar e esclarecer.

Era a camara dos pares, onde principalmente se encon-

(1) Veja-se a nota C.

(2) Veja-se o livro — *Repertorio Comentado sobre Foraes e Doações Regias por Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão*, 1848.

travam os privilegiados feridos, o ponto em que estavam concentrados os elementos que pretendiam destruí-lo!

Uma vez porém, que o espirito do decreto foi posto em discussão, ouviu-se uma voz mais vibrante e mais alta dizer — *Approvo!* . . .

Era a voz do Marquez de Ponte de Lima!

Pois a medida legislativa, que o Marquez assim applaudia, extinguiu onerosos privilégios, aliviava a terra, favorecia o povo, mas deixava-o sem uma grande parte dos rendimentos, que elle e os seus ascendentes haviam usufruído! (1).

Um raro altruista! Um espartano! Um estoico, que merece a admiração da posteridade!

V

A sua antiga nobresa chamava-o à côrte. Mas o ultimo Marquêz de Ponte de Lima não tinha feitiço para cortesão, nem pulmões para respirar entre aulicos.

Viveu sempre afastado dos paços reaes, e não por despeitos, ou ambições insatisfeitas, pois excepcionalisimamente, se julgava dever comparecer, lá comparecia.

Quando, ha poucos annos, falleceu a ultima filha da Rainha D. Maria 2.^a, a que foi a formosa infanta D. Antonia, relembrou a imprensa a pomposa solemnidade do seu casamento com o principe Leopoldo de *Hohenzollern*; e n'essa descripção figura o Marquez de Ponte de Lima,

(1) Veja-se a nota D.

como um dos dignatarios da côrte, a quem, na solemnidade religiosa, coube uma das principaes funcções.

Afastava-se da côrte, como das reuniões da aristocracia pela força dos seus instinctos e dos seus habitos.

Comprazia-se em viver antes de preferencia com os modestos e os humildes.

Celibatario, viveu sempre na terna e doce companhia de seus dous irmãos, D. Jose Xavier de Lima e D. Anna de Lima, simples e bondosos como elle.

Residiam todos tres n'esse grande palacio de S. Lourenço (não longe do qual estou escrevendo), que passou depois para sua sobrinha, a Marqueza de Castello Melhor, D. Helena de Vasconcellos e Sousa.

A capella do palacio é tão vasta que serve hoje de igreja parochial á freguesia.

Faz o palacio frente para o Largo da Rosa e occupa a maior parte da rua, que actualmente se chama de Marquez de Ponte de Lima.

A ruína dessa grande e fidalga habitação era tal que o Marquez, diz-se, por vêzes, tinha de abrir um guarda-chuva para passear nos seus salões!

Na mesma ruína cahiu uma parte desse nobre edificio, de grande e sumptuosa fabrica, que, em Ponte de Lima, se chamava o *Paço do Marquez*, e de que hoje só existem uns deturpados restos, que serão a quinta parte do que ainda conhecemos.

O *Paço de Giela*, nos suburbios da vila dos Arcos de Val de Vez, é que ainda formosamente se ostenta, mostrando o que foi (1).

Mas, n'esse arruinado palacio de S. Lourenço, abri-

(1) O Paço de Giela, com metade do termo dos Arcos e outras terras, foi doado pelo Rei D. João 1.º a Fernão Annes de Lima por se haver passado da Galliza quando elle conquistou Tuy. Esse fidalgo veio a ser o tronco da familia dos Viscondes de Villa Nova da Cerveira, que depois muito augmentou o edificio e a matta.

(Chorografia Portuguesa pelo Padre Antonio de Carvalho da Costa, tomo 1.º, pag. 223; Pinho Leal, Porto Ant. e Moder.

gava quantos pobres lhe pediam albergue e que elle podia albergar.

Pouco tempo antes da sua morte, seguindo os costumes antigos, ceava, uma noite, com seus irmãos, quando sentiram um extraordinario barulho no tecto, e delle viram cahir... uma grande cobra (1).



Paço de Giela, em Arcos de Val de Vez. — Primitivo solar da familia

Determinaram-se então a ir fazer uma exploração e pesquisa aos altos do palacio.

Foram e ali encontraram um individuo deitado em cama bem preparada a lêr um jornal!

Interrogado, respondeu-lhes que era um operario honrado, que, em uma noite, não tendo onde pernoitar, viera para ali, e, não havendo sido por ninguem incommodado, comprara aquella cama e mobilia e ali se instalára: que já ali estava... havia tres meses!

O Marquez riu-se e pediu-lhe desculpa de o haver incommodado (2).

(1) Democracia, cit.

(2) Idem.

*

* *

Não tinha um inimigo, nem mesmo um adversario! Apesar do seu feitio original, era, pela sua bondade, em toda a parte onde apparecia saudado e respeitosamente tractado.

Um anno resolveu perdoar metade das rendas a todos os inquilinos pobres.

No dia do pagamento, disse a todos: «ganhamos a meias; «vocêz ficam com uma metade e eu com outra.»

Por vezes — diz-se — se sujeitou a grandes privações e as fêz soffrer á sua virtuosa familia, porque dava aos pobres o que era indispensavel para si e para os seus!

*

* *

Facto caracteristico da sua despretençiosa e desprendida originalidade é o seguinte :

Estava em um estabelecimento de trens de aluguer, quando ali foram procurar uma carruagem, para ir buscar um medico reclamado para um doente em perigo de vida.

Procurou-se o cocheiro, mas estava ausente. Por mais que se buscasse, não appareceu. Havia trens mas faltava cocheiro.

Então o Marquêz promptificou-se a substitui-lo! Preparado o trem, saltou para a boleia, foi buscar o medico, levou-o ao doente e voltou a conduzir o trem para o estabelecimento (1).

(1) Idem.

VI

Como explicar o extraordinario modo de sentir e viver, os habitos adoptados por fidalgo tão opulento e tão illustre?

E' porque era baixo ou grosseiro de espirito e sentimentos?

Não! Era intelligente! Tinha uma distincta apresentação! Era uma alma nobre e delicada!

E' que elle era o producto de uma lei sociologica, de uma lei talvez providencial!

Era a sociedade antiga, que desaparecia, e a moderna que surgia na mesma pessoa!

Era um dos mais altos representantes dos privilegios e das desigualdades sociaes, que se tornava o representante da egualdade civil, da egualdade politica e da egualdade christã!

O principio da fraternidade humana encarnou n'elle! Tomou todo o seu sêr!

Havia no coração desse opulentissimo fidalgo a paixão da egualdade; o desdem e o aborrecimento enjoativo pelas grandesas e vaidades humanas!

Repetiam-se n'elle, mas com maior serenidade, os sentimentos daquelles membros da aristocracia franceza — os Noailles, os Châtelet, os Virieu, os Blacons — que na noite celebre de 4 de agosto (chamada na historia a Saint-Barthelemy dos abusos) renunciaram aos lucrativos privilegios e excepçoes prerogativas seculares, que lhes pertenciam!

Nenhum porém o fez como o Marquez de Ponte de

Lima, sem alarde politico, sem segundas vistas, sem o amor ou especulação da popularidade.

Se nunca foi, nem quiz ser cortezão dos reis, tambem não quiz nunca ser cortezão do povo, este novo soberano, ao qual não faltam nem cortezãos nem especuladores a lisonjea-lo.

*

* *

Elle, que se humilhava com os humildes, que tratava de egual para egual os pequenos, sabia elevar-se a toda a altura da sua hierarchia social e da dignidade da sua posição com os pretenciosamente vaidosos!

Anda narrado um caso, que bem pinta essa sua feição moral.

Deparou-se-lhe um d'estes fidalgotes de provincia, que espremidamente se dizem *primos* de todos os authenticos fidalgos e parentes de algum grande sancto da christandade! Typos, cuja prosapia heraldica está na razão inversa da pobreza de miolos e até, muitas vezes, compensando-a por essa forma, com a de bens de fortuna.

Dirigindo-se ao Marquez, que o recebeu com a sua natural bonhomia, deu-lhe o tratamento de *primo*, que elle acceitou. Mas, no proseguimento da conversa, empregou o Marquez o tratamento de *senhoria*, a qual, posto que já andasse pelo preço dos treimóços, como diz um soneto do satyrico Paulino Cabral, era comtudo o tratamento geral, porque a *excellencia* só então ainda era dada aos que legal e rigorosamente tinham direito a ella!

O provinciano, que, como primo, se julgava de fidalguia não menor, deu tambem *senhoria* ao Marquez, o qual mudou immediatamente dando *excellencia* ao seu interlocutor.

Este, lambendo-se com a elevação, emendou a lingua e passou a dar tambem *excellencia* ao Marquez. Mas logo voltou este á *senhoria*! E sempre assim, no decorrer d'essa, ou de outra conversação!

Até que o desmiolado e vaidoso, interrompendo, disse que não sabia como queria que o tractasse, pois que tinha notado a variação do tractamento.

«Como quizer, como quizer — replicou — é indifferente; mas o mesmo tratamento é que nós não podemos ter!»

Assim espirituosamente amarrotou o vaidoso, que era da laia de outros, que snobicamente por ahi se exhibem e abundam, com sapinhos nojentos em tarde chuvosa de maio!

VII

Estava-se no fim do anno de 1877.

Apesar da robusta saude, que sempre tinha gozado, a morte approximava-se.

A missão do 3.^o Marquez de Ponte de Lima estava cumprida. Tinha findado o seu bem extraordinario papel no mundo. Os seus dois irmãos e companheiros queridos iam soffrer um golpe, que os lançaria na mais profunda consternação.

Os pobres, perdendo um grande amigo, iam tambem derramar sinceras lagrimas!

Na fria manhã do dia 21 de dezembro, na simplicidade e despretenção dos seus habitos, entreteve-se, ainda muito cêdo, olhando de uma das janellas do seu palacio para um pateo interior a ver chamuscar um pôrco.

Depois, recolhendo-se, sentou-se junto de uma meza, e conversou com seu irmão. Reclinou a cabeça e serenamente, para sempre, adormeceu no Senhor!

A sua alma pura acolheu-se ao seio de Deus!

NOTA A

(Pag. 2)

Na *Memoria Apresentada á Academia Real das Sciencias pelo Visconde de Sanches de Baêna sobre o Descobridor do Brazil, Pedro Alvares Cabral* e no artigo do sr. Julio Mardel, no «numero extraordinario» da revista *Brazil-Portugal*, destinado á commemoração do 4.º centenario do Descobrimento do Brazil, encontra-se a seguinte linha genealogica descendente do grande navegador :

.....

VI — **Pedro Alvares Cabral**, ou de Gouveia, *Descobridor do Brazil*, casou com D. Izabel de Castro, 3.ª neta de El-Rei D. Fernando de Portugal e de El-Rei D. Henrique de Castella, filha de D. Fernando de Noronha e de sua mulher D. Constança de Castro, que era irmã do grande Affonso d'Albuquerque e que foi camareira-mór da infanta D. Maria.

Jazem em Santarem na Igreja da Graça.

VII — **Fernão Alvares Cabral**, teve varias mercês, foi moço fidalgo, etc. . . Foi grande valido de D. João III. Morreu n'um naufragio no Cabo da Boa Esperança; casou com D. Margarida de Castro, filha do commendador d'Arruda, alcaide-mór da mesma villa, e de sua mulher D. Brites de Castro, filha de Ayres da Silva, 5.º Senhor de Vagos.

Tiveram entre outros filhos :

VIII — **João Gomes Cabral**, que foi Capitão das Guardas dos Reis D. João III e D. Sebastião. Morreu em Alcacer-Quibir. Foi cazado com D. Brites de Barros, neta do chronista João de Barros.

Houveram entre outros herdeiros :

IX — **Fernão Alvares Cabral**, que casou com D. Joanna Carvahosa da Maya, filha herdeira de Ruy Gomes Carvahosa, thesoureiro-mór do reino, senhor do morgadio de Palhavã, e de sua mulher D. Maria de Maya de Lemos. D'este casamento nasceram duas filhas e herdou a casa de seus paes a primogenita.

X — **D. Maria Cabral de Noronha**, senhora da grande casa de seus paes e avós. Casou pelo anno de 1622, com o senhor da casa de Mafra, da Enxara dos Cavalleiros e dos Concelhos de Aregos e Soalhões, alcaide-mór de Castello-Bom, governador e capitão-general de Mazagão, D. João Luiz de Vasconcellos e Meneses, que morreu em 15 de maio de 1648.

Foi sua herdeira :

XI — **D. Joanna Cabral de Vasconcellos e Menezes**, que além dos senhorios da casa de seus paes, teve o senhorio da ilha do Fôgo.

Esta senhora foi primeiro casada com o infeliz Conde de Armar, decapitado com o Duque de Caminha e Marquez de Villa-Real, na Praça do Rocio, em Lisboa, e a segunda vez com o 9.º Visconde de Villa-Nova da Cerveira, D. Diogo de Lima Brito Nogueira, nascido em 1615.

Foi do Conselho de Estado e do da Guerra, governador das Armas de Entre Douro e Minho, estribeiro-mór de El-Rei D. Affonso VI, senhor de varias alcaidarias-móres, commendador de Christo. Morreu no seu Palacio da Rosa em 24 de Abril de 1665 e sua mulher havia morrido no seu solar de Ponte de Lima em o anno de 1653.

Um filho d'este matrimonio, o primogenito, morreu afogado no Tejo, quando em companhia de El-Rei D. Affonso VI, navegavam em frente de S. José de Ribamar. Parece que este teve, em vida de seu pae, o titulo de Visconde, porque seu irmão João, que lhe succedeu, era o 11.º Visconde e seu pae fôra o 9.º na ordem numerica dos Viscondes.

XII — **D. João Fernandes de Lima Vasconcellos Brito Nogueira**, 11.º Visconde de Villa Nova da Cerveira, nasceu em Ponte de Lima, a 12 de outubro de 1655. Casou com a Condessa de Athougua, D. Victoria de Bourbon, viuva do Conde D. Manuel Lima de Athaide. Do casamento com o Visconde houve, entre outros herdeiros :

XIII — D. Thomaz de Lima Vasconcellos de Brito Nogueira, 12.º Visconde de Villa Nova da Cerveira, que morreu em 26 de abril de 1674. Casou com a princêza Maria de Hohenloe, filha de Luis Gustavo, Conde de Hohenloe e Principe do Sacro Romano Imperio, etc., etc. (Vid. *Os Grandes de Portugal*, por D. Antonio Caetano de Sousa). Tiveram: D. João de Lima, que morreu menino, e a filha que lhes succedeu.

XIV — D. Maria Xavier de Lima Hohenloe. Foi 13.ª Viscondessa de Villa Nova da Cerveira. Nasceu no 1.º de Dezembro de 1697, e casou em 28 de Outubro de 1720 com Thomaz da Silva Telles, filho dos 2.ºs Marquezes de Alegrete; morreu a 5 de julho de 1730.

D'este casamento nasceram varios filhos, seguindo a linha com o primogenito.

XV—D. Thomaz Xavier de Lima Nogueira Vasconcellos Telles da Silva, nascido em Ponte de Lima a 12 de outubro de 1727, foi 14.º Visconde de Villa Nova da Cerveira, 1.º Marquez de Ponte de Lima, 1.º ministro de D. Maria 1.ª e seu mordomo-mór. Foi sob a sua gerencia que Diogo Ignacio de Pina Manique fundou a Casa Pia. Casou em 4 de julho de 1745 com D. Eugenia Maria Josefa de Bragança, nascida em 1725, filha dos Marquizes de Alegrete e neta materna dos Duques de Cadaval. Marido e mulher morreram em 1780. D'este enlace nasceu, entre outros, o filho primogenito.

XVI—D. Thomaz Xavier de Lima, 15.º Visconde de Villa Nova da Cerveira, que morreu em vida de seu pae em 1780, tendo casado com D. Maria José de Assis Mascarenhas, em 1777, filha dos 3.ºs Condes de Obidos.

Teve d'este casamento um filho, com o qual segue a linha.

XVII—D. Thomaz José Xavier de Lima Vasconcellos de Brito Nogueira Telles da Silva, nascido a 12 de dezembro de 1779, e foi 16.º Visconde de Villa Nova da Cerveira e 2.º Marquez de Ponte de Lima. Casou em 1807 com D. Helena José de Assis Mascarenhas, que nasceu a 21 de fevereiro de 1784, sendo filho dos 4.ºs Condes de Obidos. D'este casamento nasceu

XVIII—D. José Xavier de Lima Vasconcellos Brito Nogueira Telles da Silva, 17.º Visconde de Villa Nova da Cerveira e 3.º Marquez de Ponte de Lima.

Este foi o ultimo Marquez d'este titulô, de que nos occupâmos.

NOTA B

(Pag. 3)

No *Almanach de «O Commercio de Lima»*, de 1909, o sr. *Dr. Manoel de Oliveira*, distinctissimo medico municipal em Ponte de Lima, deputado e senador ao Congresso da Republica, illustre pelos dotes da sua intelligencia e variada illustração, escreveu um artigo, a que devemos fazer honrosa referencia, e seria grave falta não a fazer n'este nosso estudo.

Nesse artigo, que tem por titulo *Pro Veritate*, se lê o seguinte:

«Os municipios na Edade Média, revoltando-se contra as exigencias *legaes* dos senhores *de juro e herdade*, evidenciavam essa força *mysteriosa* de vida e revolução, mais por instinto do que por consciencia nitida de seus direitos, mais em defeza natural de seus interesses do que em odio a seus senhores.

«A critica parcelar da Historia, baseada nessas luctas titanicas do município de Ponte de Lima, aponta D. Leonel, o visconde, e seus descendentes mais proximos, como tyranos desta nossa terra, tão encantadora e tão linda. Quem assim a ouvir julgará que esses homens só de extorsões viviam, ignorando os enormes serviços que prestavam á Patria e que se elles exigiam tributos, estes lhes eram facultados pelas leis e costumes da Edade-Média, nas doações de *juro e herdade* que lhes faziam os monarchas, como paga de seus trabalhos nas *conquistas e descobertas maritimas*.»

A estes periodos, acrescentou o distincto escriptor uma erudita nota historica, que julgamos dever transcrever na integra.

E' a seguinte:

De um codice dos fins do seculo XVI vamos transcrever o sumario dos principaes serviços prestados á Patria por D. Leonel de Lima e seus descendentes immediatos. É o duplicado d'um requerimento feito por D. Luiz de Brito Nogueira ao cardeal rei, pedindo-lhe para, a despeito da lei mental, ser encorporada na sua casa, a de seu sogro D. Francisco de Lima, que foi o ultimo representante varonil no ramo direito da sua linhagem.

... Lionel de Lima foi na tomada de Ceita, he em tempo d'el Rey Dom Duarte foi cos Iffantes a Tamgere com muita gente he alguns de seus filhos co elle. He sendo hum dia a guarda do palanque sua, elle cos seus sosteve não ser emtrado aquelle dia, onde ganharão muita honra.

He foi mais he alguns de seus filhos co elle, he com muita gente com el Rey dom Afonso o quinto na tomada Dalçaçere.

He foi na tomada de Tamgere he na Darzilla, em que levava seisçentos de pé, he sesenta de cavallo, he os seisçentos erão bes-teiros, lanceiros he escudados, he muitos navios, he mantimentos.

He se achou em todas as guerras de Castella, que o mesmo Rey teve onde fez muitos e valiosos serviços.

He foi muito estimado de quatro Reys que servio, por que todos servio sempre co a lança na mão, he foi o capitão que mais vitorias teve na fronteira de galiza, onde estava, he que mais terras tomou por que entrou por galiza até o Padrão seis legoas de Santiago, he tomou he destruhio muitas villas he lugares, he os trouxe á obediencia del Rey de Portugal.

He foi mandado por embaixador a Castella por mandado del Rey Dom Afonso o quinto no tempo del Rey dom João o segundo de Castella. He na batalha Dulmedo que El Rey teve cos Iffantes seus cunhados pelejou elle tam valerosamente, he fez taes cousas que lhe fez o dito Rey de Castella mercê de duzentos mil reis de costamento.

He em tempo del Rey Dom João o segundo se fez prestes para o socorro Da graciosa com perto de mil homens de pé, antre escudeiros e peães, he muitos navios que mandou á sua custa fretar a galiza; he sendo muito velho, he co huma espingarda por uma perna que lhe derão nas guerras de Castella, de que nunca foi são, lhe não safreo o coração ficar n'este Reyno, he mandou levar uma tumba cuberta de veludo preto, em que o enterrassem se lá morresse. He este foi o primeiro Bisconde.

— Dom João de lima seu filho, herdeiro de sua casa he Titollo, foi guarda mor del Rey Dom João o segundo; foi em vida de seu pae cos Iffantes a Tamgere, he co el Rey Dom Afonso o quinto na tomada Dalçaçere, he assi se achou na tomada de Tamgere, he na tomada Darzilla, he em todallas guerras de Castella, he na entrada da ponte de Samora foi muito mal ferido dhuma espinguardada.

— Dom Francisco de Lima seu filho herdou sua casa he Titollo, mandou-ho el Rey Dom Manoel Azamor quando foi o Duque de Barchugança que levasse trezentos homens: e assi o mandou Arzilla co sessenta de pé he oito de cavallo. He assi foi ao cerco Darzija co çento e çimcoenta de pé he corenta de cavallo, onde esteve hum anno e se achou com o Conde de Borba em todas as emtradas que fez. He em huma foi por Capitão só coa sua gente he co corenta de cavallo que lhe o Conde deu, he nella tomou e çaqueou algumas aldeas de que trouxe muito grande preza sem perda de nenhum dos seus.

— Dom João de Lima seu filho herdou sua casa he Titollo, foi por mandado d'el Rey Dom João o terceiro, quando mandou os morgados a Ceita co muita gente, he navios he mantimentos co muito gasto de sua fazenda, e assi servio sempre em todas as mais cousas que socederão he que o mandarão . . .»

A muitos d'estes factos summariados por D. Luiz de Brito no seu memorial, referem-se, e por vezes largamente, os nossos velhos chronistas. A seguinte resenha bibliographica servirá de roteiro aos estudiosos e de justificação ás palavras acima transcriptas:

D. Leonel de Lima:

Expedição a Ceuta: *Chronica de D. Duarte*, por Nunes de Leão, cap. VIII, pag. 23. *Chronica de Duarte*, de Ruy de Pina, cap. xv. *Africa Portugueza*, por Faria e Souza, cap. III, pags. 37 e 41.

Expedição de Tangere e guarda do palanque: *Chronica de D. Duarte*, por Nunes de Leão, caps. XI e XII; *Chronica de D. Duarte*, de Ruy de Pina, caps. XXVII e XXX.

Embaixada de Castella em 1443: *Europa Portugueza*, por Faria e Souza, tom. II, part. III cap. III, pag. 370.

Leonel de Lima foi uma das principaes personagens que figuraram no pomposo baptisado de D. João II (vide *Europa Portugueza*, cap. IV, pag. 428), e foi uma das mais notaveis da côrte de D. Affonso V (vide *Historia Genealogica da Casa Real*, tom. III, pag. 8). — Alguns dos filhos segundos de Leonel de Lima praticaram tambem actos de bravura na Africa. Lembraremos Pedro de Lima, em Alcacer (*Chronica de D. Duarte de Menezes*, pag. 227) e Alvaro de Lima, que foi captivo na expedição de Tangere em 1464 (*Africa Portugueza*, cap. VI, pag. 59) e foi na entrada de Merida em 1476 (*Europa Portugueza*, tom. II, part. III, cap. III, pag. 420). A respeito de D. Leonel de Lima, veja-se ainda: *Chronica da Conceição*, tom. II, cap. II e seguintes, *Escola da Penitencia*, cap. XXIV, pag. 395.

D. João de Lima, o II visconde:

Jornada de Alcacer: *Chronica de D. Duarte de Menezes*, por Azurara, pag. 170.

Tomada de Tangere, o velho: idem, idem, pag. 242.

Entrada da Ponte de Çamora; *Chronica de D. Affonso V*, de Ruy de Pina, cap. 184; *Chronica del Rey Affonso V*, por Nunes de Leão, cap. IV; *Chronica do Principe D. João*, por Dameão de Goes, cap. LXVIII; *Europa Portugueza*, tom. II, part. III, cap. III, pag. 402.

D. Francisco de Lima, o III visconde:

Sobre a ida a Arzilla e as entradas nas fronteiras mouriscas, veja-se *Chronica de D. Manuel*, por Dameão de Goes, 3.^a parte, caps. VIII e XI. Sobre esta aparatosa expedição, veja-se tambem a interessantissima noticia dada pelo sr. dr. Figueiredo da Guerra, no seu notavel *Archivo Viannense*, pag. 75, noticia extrahida do *Memorial de Calheiros*. Ha na apreciação dos factos certa divergencia entre Goes e o auctor do *Memorial*. Vide ainda *Africa Portugueza*, por Faria e Souza, pag. 90.

D. João de Lima, o IV visconde:

la por capitão á India em 1518, quando lhe sobreveio um desastre no navio proximo do Cabo da Boa Esperança, estando a ponto de perder-se e tendo por isso de regressar a Portugal. *Asia Portugueza*, tom. I, cap. III, pag. 185. — Voltou á India como capitão, em companhia de Diogo Lima, em 1522. — *Asia Portugueza*, tomo I, cap. VII, pag. 217. — Foi governador de Calecut, onde praticou actos de subido grande valor. *Asia Portugueza*, tom. I, cap. IX, pag. 256 e seguintes. — *Chronica de D. João III*, por Francisco de Andrade, 1.^a parte, cap. 57, 70 a 75, 78 a 84, 88 a 91, etc.

NOTA C

(Pag. 9)

Da *Chorografia Portuguesa* do Padre Carvalho, vê-se que os Viscondes de Villa-Nova da Cerveira tinham a prerogativa realenga do direito de apresentação de muitos parochos e da nomeação de officiaes de justiça.

No concelho de Arcos de Val de Vez apresentavam os parochos das seguintes freguezias:

Sancta Comba de Guilhafonce.
 S. Jorge.
 Nossa Senhora do Valle.
 Sancta Maria da Oliveira.
 Sancta Eulalia de Gondariz.
 S. Cosmêde.
 S. Salvador de Cabreiro.
 Sancta Maria de Mei.
 Sancto André da Portela.
 Nossa Senhora das Neves de Padrôso.
 Sancta Comba de Eiras.
 Sancto Estevão de Aboim.
 S. Salvador de Sabadin.
 Sancta Vaia de Rio de Moinhos.
 Sancta Maria de Prozêlo.
 S. Bartholomeu de Monte-Redondo.
 Sancta Maria de Tavora.
 S. Paio de Jolda.
 S. João de Villar do Monte,

No concelho de Coura:

Sancta Maria de Parêdes.
 S. Pedro de Castanheira.
 S. João de Bico.
 S. Miguel de Christelo.
 Sancta Marinha de Padornêllo.
 S. Pedro de Formariz.

S. Paio de Aguas Longas.
S. Pedro de Ruivães.

No concelho de Famalicão :

S. Salvador de Ruivães.

Mais :

Sancta Cruz do Douro, no concelho de Baião.
S. Martinho de Soalhaes (no concelho d'este nome).
Sancto André ds Portel.
Priorado de Alemquer.
S. Lourenço, em Lisboa.
S. Miguel de Barrio (em Ponte de Lima).

Apresentavam os Viscondes de Villa Nova da Cerveira seis tabeliães e um alcaide, no concelho de Arcos de Val de Vez ; e pagavam-lhe pensão os seis tabelliães do concelho de Ponte de Lima.

Tinham o senhorio da villa dos Arcos de Val de Vez ; o (dos então concelhos) de Santo Estevão de Facha e de Geraz do Lima, o do concelho de Coura, o das terras do Beiral do Lima e Couto de Nogueira, em Villa Nova da Cerveira, que era a cabeça do Viscondado. Era donatario e Capitão-géneral da ilha do Fogo (Vid. Carvalho, cit. e a Resenha das Fam. Titul. e Grandes de Portugal por Albano da Silveira e Sanches de Baêna, Tomo 2.º) fóra as diversas commendas, como a de Sancta Maria de Passos, de Valongo, S. Miguel da Foz de Arouce (Cron. cit.) e as de Sancta Maria de Borba e Sancta Maria de Satam, como já dissemos no texto.

NOTA D

O decreto de 13 de agosto e as rendas que elle aboliu.

(Pag. 10)

No já citado artigo—*Pro Veritate*— do Dr. Manoel de Oliveira — que diz possuir parte dos papeis do archivo dos antigos donatarios de Ponte de Lima, os quaes passaram para o adquirente do grandioso edificio d'aquella villa e lhe foram cedidos pelas senhoras, representantes e herdeiras d'aquelle adquirente, — indica o distincto escriptor qual a importancia das rendas, que cobravam os Marquezes n'aquella qualidade de donatarios.

Em face de taes documentos, pôde dizer o seguinte :

«Recebiam o quinto de todo o trigo, centeio, cevada, milho, «painço, aveia, vinho e linho produzidos dentro dos limites marcados «pelo foral de D. Thereza confirmado por D. Manoel e verificados «em 1626 e 1640. Alem d'estes direitos recebiam tributos em dinheiro «de todas as casas de Ponte de Lima, excepto das privilegiadas.

«Em 1814, a avença do quinto rendia para o donatario 330\$250 réis «em metal e 150 alqueires de pão.»

Vamos para aqui transcrever o texto dos principaes artigos do decreto que aboliu todas essas onerosas rendas e excepçoes alcavallas, e que o Marquez, que as perdeu, foi um dos primeiros a applaudir. Tem 18 artigos. Copiaremos os artigos desde 2 a 9, que são os que mais interessam ao nosso intento :

.....

Art. 2.º — Os bens da nação, tomada collectivamente, são os bens do uso geral, e commum dos habitantes, como portos, canaes, rios navegaveis, estradas geraes, e pontes n'ellas construidas, caes, e edificios destinados para a residencia do rei, ou para as sessões

das camaras, secretarias, tribunaes, aquartelamentos, estaleiros, arsenaes, e outros semelhantes. Os bens da nação, adquiridos por titulos de successão, e execução fiscal, e não destinados ao uso geral, e commum, serão regulados pelas leis da fazenda, e formarão parte do thesouro publico disponivel: a nenhuma d'estas especies de bens he applicavel a jurisprudencia dos bens chamados—da corôa—: a natureza d'estes bens fica extincta, bem como todas as leis relativas a elles, e á successão d'elles.

Art. 3.º—As doações feitas pelos reis d'estes reinos de bens chamados da corôa; de bens da fazenda publica; de direitos chamados—direitos reaes—; do gozo exclusivo de bens destinados ao uso geral, e commum dos habitantes; os foraes dados ás terras do reino, ou pelos reis, ou pelos donatarios; e os foros, pensões, quotas, rações certas, e incertas, laudemios, luctuosas, e mais direitos, e prestações de qualquer denominação que seião, impostas pelos reis, ou pelos donatarios em virtude de suas respectivaas doações, ou pelos foraes, ainda que estejam reduzidos a emprazamentos, ou sub-emprazamentos, ou a censos, são por sua natureza revogaveis.

Art. 4.º—As contribuições, e tributos pagos pelos povos, sendo essencialmente destinados para as despezas publicas, não podem fazer o patrimonio de alguma corporação, ou individuo de qualquer hierarchia que seja: as contribuições e tributos serão de sua natureza geraes, e devem ser repartidas entre todos os habitantes da monarchia, segundo as leis geraes. Os direitos, foros, pensões, e mais prestações enumeradas no art. 3.º, e impostos pelos donatarios, ou pelos foraes, são verdadeiros tributos e contribuições, que nem todos pagavão, nem de todas as terras, e não podem continuar a subsistir.

Art. 5.º—Ficão por conseguinte cassadas e revogadas todas as doações de quaesquer dos bens enumerados no art. 3.º, feitas pelos reis a qualquer corporação, ou individuo de qualquer hierarchia que seja; e extinctos todos os foraes dados ás diferentes terras do reino, ou fossem dados pelos reis, ou pelos donatarios da corôa.

Art. 6.º—Ficão extinctos todos os foros, pensões, quotas, censos, rações certas e incertas, jugadas, teigas de Abrahão, laudemios, luctuosas e mais direitos e prestações de qualquer denominação que seião, impostos nos bens enumerados no art. 3.º, ou pelos reis, ou pelos donatarios, ou por contractos, de emprazamento, ou sub-emprazamento, ou de censo, fundados, em doações regias, ou em foraes, ou em sentenças, ou posses, ainda que sejam immemoraveis, ou por outro qualquer titulo, posto que não especificado.

Art. 7.º—Ficão extinctos os prazos da corôa, os relegos, os reguengos, os senhorios das terras, e as Alcaidarias móres, salva a conservação puramente honoraria dos titulos.

Art. 8.º—As terras e os edificios, e demais bens enumerados no art. 3.º, em que estão impostos os tributos e prestações e mais

direitos extinctos, pelos arts. 6.º e 7.º, ficção livres e allodiaes em poder de quem pagava esses tributos, prestações e mais direitos extinctos, para poder dispôr delles como quizer em todo, ou por partes, ou transmitti-los a seus herdeiros e successores e dividi-los por elles como seus proprios, ou os houvesse dos reis, ou dos donatarios, ou d'aquelles, que os tivessem havido dos reis, ou dos donatarios.

Art. 9.º— Ficção revogados, a beneficio dos gravados, todos os impostos cobertos com os nomes de emprazamento, ou sub-emprazamento, ou de censo, ou de retro aberto, ou de outra qualquer denominação, feitos sobre os bens especificados no art. 3.º, ou fossem feitos pelos reis, ou pelos donatarios, ou por os que d'elles obtiverão esses bens ou por qualquer titulo.

Art. 10.º— Fica revogada a lei mental e todas as leis que regulavão a successão dos bens da corôa.

.....
Paço na cidade do Porto, 13 de agosto de 1832.

D. PEDRO, DUQUE DE BRAGAÇA.
JOSÉ XAVIER MOUSINHO DA SILVEIRA.

Antonio Corrêa Caldeira

(Esbôço biográfico)

I

O Conselheiro Antonio Corrêa Caldeira (Antonio José Marques Corrêa Caldeira, nos registos universitarios), doutor pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, lente substituto ordinario da mesma Faculdade, secretario do governo civil de Lisboa, secretario do Conselho de Estado, deputado em muitas e successivas legislaturas, conselheiro do Tribunal de Contas, vice-presidente da Camara dos deputados nas sessões legislativas de 1872, 1873 e 1874, Par do Reino, nasceu na villa de Ponte de Lima em 13 de outubro de 1815 e ali passou os primeiros annos da sua mocidade.

Foi um homem illustre por talento e virtudes, tendo uma grande notoriedade e consideração politica desde 1842 até 1876, em que falleceu.

Era filho de José Marques Caldeira, official do exercito, oriundo de uma familia das proximidades de Coimbra, o qual morreu no pôsto de general de brigada, e da Senhora D. Anna Ephigenia Rita Corrêa, dama limiense, sobrinha de Frei Francisco de S. Luiz.

Pertencia assim, por sua mãe, o nosso biographado á

familia do glorioso monge beneditino, que patrioticamente abandonou o recolhimento e obscuridade do claustro, bem como os estudos, em que nelle tanto se comprazia, para se pôr á frente da revolução de 1820!

O sabio, que foi escolhido para redigir o manifesto ás



Igreja Matriz, onde foi baptizado

nações, explicando as causas d'esse grande movimento nacional, tornando-se a *voz da revolução!* O varão insigne, que foi um dos membros do governo superior do reino na ausencia do rei! O patriota, que presidiu, com Manoel

Fernandes Thomaz, ás cortes constituintes de 1822 e depois á legislatura de 1827!

Frade liberal e frade catholico e virtuosissimo, que veio a ser Bispo-Conde de Coimbra, ministro de Estado, reitor da Universidade, Patriarcha de Lisboa e Cardeal da Sancta Igreja Romana!

*

* *

Tendo, pelas exigencias da vida militar, sahido seus paes da villa de Ponte de Lima, ficou o filho entregue aos cuidados de suas tias, irmãs do futuro cardeal, D. Joanna e D. Marcelina Saraiva, que o crearam e educaram como seu filho predilecto e estremecido.

Frequentou a aula de latim na casa situada no Largo do Adro da Matriz, que faz esquina para a Rua do Souto



Caza onde foi a aula de latim

(hoje de Vieira Lisboa), a qual é actualmente habitada pelo bondoso homem e honrado negociante, o Sr. Manoel Faria.

N'ella ensinava a lingua de *Virgilio* e *Horacio* o pro-

fessor *Falcão*, um d'estes mestres de *rispido focinho* — na phrase de Tolentino —, dos quaes tanto abundava a época.

Pode dizer-se que madrugaram no nosso biografado as scintillações de uma intelligencia, que, mais tarde, tanto havia de preluzir!

Sendo dos mais novos era o primeiro e mais distincto dos alumnos!

Não obstava porém isso a que o professor, odiento e fanatico absolutista, o maltractasse e lhe dirigisse chufas e motejos, allusivos ao tio, o respeitavel e virtuoso Bispo resignatario de Coimbra, cujo liberalismo havia concitado os odios de todos os retrogrados da época!

Teve por isso que abandonar a aula, onde já não tinha que aprender e que só frequentava, porque as angustiosas circumstancias da familia lhe não permittiam ir cursar os estudos superiores, para os quaes o estavam impellindo as aptidões, que já se evidenciavam n'elle.

II

Cêdo lhe começou a vida do trabalho.

Acabada a guerra civil, estabelecida a ordem legal, chamado até á gerencia da pasta do reino o Bispo-Conde resignatario, seu tio, obteve um pequeno logar na perfeitura do Minho, donde passou para a de Coimbra e depois para a secretaria do respectivo governo civil.

Foi assim que pôde seguir os estudos universitarios, matriculando-se na Faculdade de Direito, em novembro de 1836 e concluindo a formatura em 1841.

Estudante, que desde logo se revelou muito distincto,

obteve o primeiro premio pecuniario no 4.º e 5.º anno do seu curso. Nos annos anteriores, por virtude dos acontecimentos politicos, não houve classificações pecuniarias nem honorificas.

Frequentou o 6.º anno e recebeu o capello com o grau de doutor em 24 de Julho de 1842.

Já depois do exercicio dos cargos officiaes e das funcções legislativas, a que vamos referir-nos, conquistou, em brilhante concurso, o logar de lente substituto extraordinario da faculdade em que se doutorou (1854) e foi ainda promovido a lente substituto ordinario (1855).

III

As seducções da politica e da vida da capital, afastaram-n'o de Coimbra e do professorado universitario.

Em 1844 havia sido nomeado secretario geral do governo civil de Lisboa, e conservou esse cargo até 1851. N'elle foi — como se diz vulgarmente — o braço direito do governador civil, Marquez de Fronteira, honrado soldado da liberdade, fidalgo de antiga linhagem, neto daquella encantadora mulher e gloriosa poetisa, que se chamou D. Leonor de Almeida, Condessa de Oeyhansen e de Assumar, Marqueza de Alorna, e que teve, no mundo da elegancia e das letras, o nome de formosa *Alcipe!*

De 1845 a 1846 foi governador civil interino, conservando o logar de secretario, que depois voltou a exercer.

Demittiu-se deste cargo, quando, triumphante a revolução do Duque de Saldanha, em 1851, se inaugurou o governo chamado da *regeneração*, ao qual, como deputado, fez intransigente opposição.

Em 1856 foi nomeado secretario do Conselho de Estado, que então reunia tambem as attribuições, que hoje pertencem ao Supremo Tribunal Administrativo. Exerceu esse logar até 1859, em que foi nomeado conselheiro do Tribunal de Contas, cargo que desempenhou até ao seu fallecimento.

*

* *

Era extremamente cuidadoso no desempenho das suas funcções officiaes. Considerava uma deshonestidade o recebimento dos ordenados sem o correspondente trabalho. Detestava os parasitas do orçamento, que sempre lhe repugnaram. Professando estes sentimentos, exerceu os seus cargos com o maior cuidado e brio.

IV

Posto fosse assim funcionario muito distincto e que, como tal, conquistasse nome honroso pela sua intelligencia, illustração e integridade, foi comtudo o parlamento o campo onde mais se manifestaram as altas qualidades do seu espirito e o brilho do seu talento.

Entrando pela primeira vez na Camara, em 1848, foi successivamente eleito deputado em onze legislaturas, desde a daquelle anno até á de 1871 a 1874, em que, sendo vice-presidente, foi nomeado par do reino.

Desde que, pela primeira vez, tomou a palavra, em 1848, marcou distinctamente o seu logar no parlamento portuguez.

A sua estreia, precedendo poucos dias a de Luiz Au-

gusto Rebello da Silva — que foi um dos principes da eloquencia parlamentar nos tempos aureos d'ella, — foi de maiores effeitos politicos do que a deste, como consta dos jornaes da época.

E mais augmentou depois o prestigio da sua palavra e a auctoridade d'ella.

A um dos seus companheiros de parlamento, grande e insuspeita auctoridade para o apreciar, o sr. José Luciano de Castro, ouvi dizer o seguinte:

«Tinha um grande valor parlamentar; falava com grande facilidade e correcção.»

*

* *

Foi nas legislaturas de 1852 e de 1853 a 1856, como deputado da opposição, que mais se salientou a sua figura de orador.

Em um opusculo d'essa época, que se intitula *Apointamentos sobre os oradores parlamentares de 1853 por um deputado*, apparece o seu perfil.

Posto não traga esse opusculo o nome do auctor, sabe-se que o foi o Dr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, erudito homem de letras, então bibliothecario da Bibliotheca de Evora, e depois secretario geral do governo da India. Apparece até, mais tarde, esse opusculo enumerado entre as suas obras (1).

Cunha Rivara era deputado da maioria e Corrêa Caldeira da mais intransigente opposição.

Apezar de escripto por adversario politico, o perfil tem alguns traços verdadeiros, e por isso o vamos transcrever:

(1) É opusculo rarissimo e muito difficil de encontrar. Tendo-o lido na longiqua colonia, onde Cunha Rivara muitos annos viveu, só podêmos obter uma copia manuscripta da parte consagrada a Corrêa Caldeira por obsequioso favor do nosso erudito amigo dos tempos de Coimbra, o sr. Antonio Francisco Barata, antigo conservador da Bibliotheca de Evora, fallecido pouco depois de nos ter feito esse favor.

Diz:

«O sr. Corrêa Caldeira não tem quarenta annos. Tem phisionomia agradável, que todavia obscurece e carrega pelo uso de oculos muito escuros, que lhe encobrem completamente a expressão dos olhos.

«Parece, quando ora, que tem o rosto coberto com uma mascara, posta de proposito para amedrontar o adversario.

«Tem sido varias vezes deputado, mas é agora a primeira vez que se encontra collocado na opposição.

«Fala com desembaraço e argumenta menos mal. Tem voz soffrivel e é ouvido com attenção. De ordinario offende os seus adversarios com a aspereza e desabrimento das suas palavras. Interpelador infantigavel, persegue os ministros nos seus ultimos entrincheiramentos.

«É longo em seus discursos, d'onde vem que ás vezes cae em frouxidão e suscita uma tal ou qual impaciencia na assembleia, mas nunca a ponto de lhe negar attenção.»

✽

✽ ✽

Cumpre registrar que nunca lhe era *negada attenção* em uma camara onde se sentavam oradores, como, José Estevão, Passos Manuel, Rebello da Silva, Avilla, Vicente Ferrer, Cunha Souto Maior, Mendes Leal, Carlos Bento, Casal Ribeiro e outros; e estando na bancada do governo Rodrigo da Fonseca Magalhães, Garrett, Antonio Luiz de Seabra e Fontes Pereira de Mello.

Mas vejamos! Corrêa Caldeira era, n'aquelles tempos, considerado orador aggressivo e violento!

O que seria justo dizer é que elle era um orador vehemente por ser homem de arreigadas e profundas convicções. Obedecia apaixonadamente a estas!

Mas as paixões — disse Garrett — são a *poesia* da politica. São materia d'ella o amor da patria, da justiça e

da liberdade, que com ardor costumam ser amadas! Facil é que esse ardor aqueça e incendeie os animos.

Ser apaixonado não é ser baixo, nem grosseiro na lucta dos partidos!

Não foi, nem podia ser Corrêa Caldeira um declamador de facecias, nem um insultador parlamentar.

Não podia sê-lo, porque tinha, no mais alto grau, um sentimento necessario em todas as situações da vida. Nunca o abandonava. Era o respeito por si proprio!

Era este sentimento que lhe dava uma grande nobreza de porte e uma aristocracia de maneiras, que se manifestavam em todos os seus actos, em todas as suas relações sociaes.

Bondoso, afavel, delicadissimo, não facilitava familiaridades. A sua mesma primorosa delicadeza, que dulcificava o apumado do seu trato, distanciava.

Mas é que era um vaidoso? Um fatuo?

Não! Largamente demonstrou o seu desdem pelas futeis e estereis vaidades humanas.

Nunca quiz ser ministro. Por mais de uma vez rejeitou sê-lo.

Com grandes dotes de parlamento, experiencia de negocios e perfeito conhecimento dos serviços publicos, era geralmente indicado para a gerencia das pastas da justiça ou do reino.

Convidado pelo duque da Terceira, em 1859, para fazer parte do ministerio, a que o honrado general presidia, recusou-se; e, por mais de uma vez, oppôz invencivel resistencia aos convites, que lhe fez, para aquellas pastas, o Conde, depois Duque de Avila, com quem constantemente manteve estreitas relações politicas e — mais ainda — pessoaes.

Sempre declinou esses offercimentos.

As miragens do poder não o seduziam. Homem de arreigadas convicções, não as sacrificava.

Julgava não poder servi-las, nem servir utilmente o paiz, nas situações em que lhe offereciam aquelles altos cargos.

D'ahi o seu irreductivel retrahimento.

*

* *

Mas voltêmos á sua acção parlamentar nas legislaturas de 1852 e 1855.

Dia a dia travava lucta com Rodrigo da Fonseca Magalhães, que foi uma das grandes figuras do nosso parlamento, «para quem (diz Latino Coelho) a tribuna foi a sua «predilecção e a sua gloria, e, dispondo de uma palavra «solemne e persuasiva, foi um grande e exemplarissimo «orador.» (1)

Rodrigo da Fonseca respeitava-o e temia-o. Para lhe desviar os golpes, por vezes, recorreu aos expedientes e habilidades, em que era fecundo o seu engenho e que lhe mereceram o epitheto de *Raposa* politica.

Uma vez em que, antes da ordem do dia, sobre grave assumpto, Corrêa Caldeira havia pedido a palavra, Rodrigo da Fonseca, antecipando-se-lhe, aproveitou a occasião para, sobre um pretexto qualquer, fazer o mais caloroso elogio do Cardeal Saraiva, D. Francisco de S. Luiz.

Tocando-lhe nos seus mais queridos affectos, Corrêa Caldeira commoveu-se, e, sob essa comoção, levantou-se para falar, tendo de principiar por agradecer ao Ministro. O seu ataque foi mais frouxo n'esse dia.

*

* *

Foi ainda com o mesmo illustre deputado opposicionista que se passou o conhecido episodio da quebra dos oculos (2).

(1) Elogio historico de Rodrigo da Fonseca Magalhães por J. M. Latino Coelho.

(2) Biographia de Rodrigo da Fonseca, na *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*, tom. 3.º por J. M. Andrade Ferreira.

Corrêa Caldeira atacou violentamente os actos de uma auctoridade administrativa, de que o governo não podia, ou não queria separar-se.

Rodrigo da Fonseca defendeu-a, e, para destruir completamente as arguições do seu adversario, prometeu trazer á camara documentos, que comprovavam as suas affirmações.

Na sessão seguinte, Corrêa Caldeira foi mais veheamente ainda e convidou o ministro a destruir os factos com os documentos, a que tinha feito referencia.

O ministro, levantando-se, passou a dar resposta ás accusações do deputado; e, como era seu costume quando a lucta era mais viva, tirou os oculos, que collocou deante de si.

Os documentos tinha-os ali e ia lê-los.

Falando com calor e alargando o gesto das occasiões solemnes, acompanhava as suas palavras com alguns murros na carteira.

Um d'elles apanhou os oculos e partiu-os. Quando chegou a occasião, em que devia tirar os papeis da pasta e lê-los, pegou nos oculos... inutilizados!

Lastimou-se do desastre. Mostrou-se contristado. Diversos deputados lhe offereceram os seus oculos, que Rodrigo, grande actor, experimentava!

Não lhe serviam! Não via por elles.

Mas, voltando-se para a opposição, disse o que continham os documentos e perguntou quem é que ali duvidava da sua palavra.

Os seus parciaes applaudiram. Estava levantada a questão pessoal entre um deputado e um membro do governo, que era a verdadeira alma d'elle; e a maioria prompta a cobrir o ministro.

Corrêa Caldeira mantinha-se no seu lugar com a gravidade e aprumo, que lhe eram habituaes.

Era incapaz de promover ou tomar parte em scenas do parlamento, em que falam os pés!

*

* *

Uma das honras, que mais ambicionou na sua vida, foÿ ser eleito deputado pela sua terra natal.

Conseguiu sê-lo duas vezes.

Promulgada a lei de 25 de novembro de 1859, que, pela primeira vez, estabeleceu circulos uninominaes, ficou o concelho de Ponte de Lima constituindo, só por si, um circulo eleitoral. Tornava-o assim aquella lei independente dos outros concelhos do districto, a que até ali tinha andado eleitoralmente ligado e que supplantavam os votos dos seus eleitores.

Veu logo á geral lembrança escolher para representar o circulo eleitoral o filho do concelho, que mais se havia assignalado nas luctas da representação nacional.

Todos os politicos cahiram de accôrdo. Todos tiveram essa opinião. Nem mesmo d'ella discordaram os partidarios, ainda importantes, do velho regimen.

Nunca eleição alguma ali suscitou maior enthusiasmo! O prestigioso candidato não teve concorrente.

Chegado o dia da eleição, de 1351 eleitores, que concorreram ás assembléas primarias, obteve 1338 votos. Só treze votos discordantes!

Philarmonicas á noite percorreram as ruas! O foguetorio e viverio atroaram os ares!

Mas o enthusiasmo não se limitou a isso. Quizeram mais. Um grande banquete, por subscrição, devia coroar e solemnisar a obra da fraternidade eleitoral.

Teve de realisar-se ao ar livre, porque não havia casa que pudesse conter os convivas.

Effectuou-se na matta dos extinctos frades, ainda então povoada de grandes arvores.

Reinou a alegria. O enthusiasmo electrísava os espiritos! Todos se sentiam por elle dominados!

Chegada a altura propria, começaram os brindes. Foram innumerados!

Brindou-se primeiro, já se sabe, pelo illustre deputado eleito: pelo filho mais distincto da formosa terra! Pelo que mais a honrava e ia eleva-la e brilhantemente representa-la.

Brindou-se pela independencia e authonomia eleitoral do concelho.

Brindou-se pela harmonia e união das vontades para os progressos locais.

Brindou-se por cada um dos chefes, influentes e magnates, que mais tinham concorrido para tão feliz resultado eleitoral!

E quando já não havia a quem brindar; quando o entusiasmo, como fôgo que já não tem combustível, se ia apagando, um conviva bateu as palmas para chamar a atenção, e, de copo na mão, pediu mais um ultimo e derradeiro brinde:

Brindou pelo *deputado perpetuo* pelo circulo de Ponte de Lima! . . .

Una voce calorosamente todos o applaudiram, e assim o proclamaram! O entusiasmo redobrou. Os copos mais retiniram.

Assim terminou a festa.

Corrêa Caldeira podia julgar-se satisfeito e saturado com as honras alcançadas e conferidas pelos seus patriotas!

*

* * *

Reunida a camara dos deputados, tomou assento n'ella em janeiro de 1860.

Volvidos porém alguns mezes, em julho d'esse anno, o ministerio, que se havia organizado sob a presidencia do Duque da Terceira, e que, depois da morte d'este illustre general, passou a ser presidido por Joaquim Antonio de Aguiar, foi substituido por outro, que tinha por chefe o Marquez de Loulé.

Corrêa Caldeira enfileirou logo na opposição.

Foi dissolvida a camara dos deputados por decreto de 27 de março de 1861.

As novas eleições fizeram-se em 28 de abril desse anno.

Apresentado candidato novamente pelo circulo da sua naturalidade, os eleitores, seus patricios, ainda se lhe mostraram firmes e fieis!

De 1526 listas, que entraram nas urnas das assmbleas primarias, 1525 continham o seu nome! Só uma lista discordante (Diario, n.º 123, de 3 de junho)!

Incrível!

Até parece que só houve eleição fingida e actas pintadas! Mas não! Parece que ainda se não usava disso! Houve realmente eleição, e as philarmonicas e o foguetorio ainda, desta vêz, perturbaram a tranquillidade dos ares! Banquête é que já não houve!

Nenhuma significação porém tinha essa falta de libação pelas taças da amizade!

Devia julgar-se cimentada em solidas bases uma duradoura solidariedade eleitoral entre os eleitores e o eleito!

Erro! Illusão!

Nunca mais foi eleito! Nunca mais pôde lembrar-se de o sêr!

Os eleitores retrahiram-se. Na eleição seguinte de 1864 ficou fóra da camara. Nunca isso lhe havia succedido desde que nella entrou pela primeira vêz!

Como se explica?

Ora... como se explica!... Explica-se reflectindo que a popularidade politica é uma dama, sem virtudes, que tanto beija como atraição e repele aquelles a quem uma vêz concedeu os seus favores!

E' sempre aquella voluvel dona, de quem se canta no *Rigolêto*:

*La donna è mobile,
Qual pluma al viento,
Muda d'assiento
E di pensieri!*

*

* * *

E' que durante a larga legislatura de 1861 a 1864, manteve-se na opposição e elle não era homem que se dobrasse a pedir favores a adversarios.

E assim não pôde fazer abbades, nem satisfazer com despachos a emprego-mania! Nem, ao menos, arranjar dinheiro para algumas estradas com que a sciencia e amôr de arte das engenharias d'este paiz entortassem e desfeiassem as entradas da villa! Nem emfim para alguns d'estes melhoramentos, que nada melhoraram, mas que conspicias pessoas da terra dizem serem bellos e utillissimos, e desde logo passa a ser acto de estupidez e — o que é peor — de falta de patriotismo dizer que o não são!

Podiam, para attenuante, levar-lhe em conta que o dinheiro não era então preciso para os rasgos do progresso material da villa, pois que, por essa época, — pouco mais ou menos — foram derruidas as duas torres, que completavam a harmonia architectonica da monumental e famosa ponte sobre o Lima, que dá o nome e o brazão á villa.

Bastaram para isso os recursos do municipio e a iniciativa de dois vereadores, pessoas respeitabilissimas e homens ricos, mas castrados do sentimento do bello e do amor das tradições.

Assim estava escripto no livro dos destinos!

Assim o quizeram os fados, que ainda hão-de completar aquella obra vandalica! Só admira que ainda não tenham conseguido levá-la a effeito! (1)

(1) Aqui vou fazer uma denuncia e que me perdoe o denunciado pela intenção com que a faço.

O meu illustre amigo, Dr. Antonio Feijó, poeta consagrado, honra da litteratura nacional e gloria authentica da terra em que nasceu, disse-me um dia, com indignação e tristeza, que, contra os que tal effectuassem, elle havia de escrever um artigo tão violento que seriam obrigados a chamal-o aos tribunaes e a mettê-lo na cadeia, pois

Mas foi só o que fica dito a razão do desagrado?
Diga-se em abono da verdade, — não!

Corrêa Caldeira não tinha feitiço para a cultura da vinha eleitoral! Não respondia a todos que lhe escreviam! Não se prestava a quantos pedidos lhe faziam! Era um austero!



Ponte sobre o rio Lima

Antes de fazer qualquer pedido, queria sempre examinar se era justo. É este um dos traços do seu caracter.

Mais:

A sua palavra havia emudecido, e não lh'o levaram a bem os seus eleitores.

Queriam que falasse para, ao menos, se falar na terra, diziam!

Mas elle não era d'aquelles que falasse só para falar!

que só assim se julgaria quite, em tal caso, da sua divida para com a querida terra natalicia! Por tal forma quiz exprimir a sua reprovação pelo apregoado projecto do alargamento da ponte com cachôros de pedra e varandas de ferro!

Non in solo pane vivit homo, direi eu!

Via que o meio politico não lhe permittia a realização das suas ideas, e que o luctar por ellas era deslocado. A lealdade politica levava-o para as bancadas da opposição, mas sentia que qualquer outro governo não seria melhor de que o ministerio Loulé-Avila, e governaria e administraria pela mesma forma que esse.

Assim falar era inutil. Nenhuma consideração humana o levaria a desempenhar o papel de actor ou de realejo parlamentar!

D'ahi a perda da popularidade e a incompatibilisação com o circulo.

V

Occupou muito o seu espirito com a publicação das obras, algumas ineditas, do Cardeal Saraiva, que levou até o decimo volume.

Em 1860 casou com uma distincta e virtuosa senhora, felizmente ainda viva, a Senhora D. Maria José Deslandes Corrêa Caldeira. Desse casamento existem duas filhas e um filho, o sr. Dr. Venancio Jacintho Deslandes Corrêa Caldeira, secretario geral do districto de Beja.

De uns seus romanticos amores da mocidade havia nascido, em Coimbra, a Senhora D. Amelia Janny, recentemente fallecida, a qual, herdando de seu tio, o malogrado poeta das *Flores da Biblia*, o dom privilegiado da poesia, foi continuadora dos talentos litterarios de sua familia e legitima e autentica gloria d'ella.

Homem de inexcedivel lealdade nas suas relações pessoases, modelo no lar domestico, a vida publica d'este illustre limiense foi espêlho da sua vida particular.

Falleceu repentinamente no dia 2 de novembro de 1876.

Pinheiro Chagas, no *Correio da Manhã*, do dia seguinte, escreveu um sentido artigo, em que honra a memoria do homem publico, que diz ter sido «distinctissimo, «leal, honrado, de uma tempera austera e nobre, respeitado até pelos adversarios pela inquebrantavel firmeza «do seu character e das suas convicções.»

Nesse artigo encontra-se tambem o seguinte periodo:

«Seu irmão mais novo, Luiz Corrêa Caldeira, poeta «de um raro talento, morrera de uma meningite, na flor «da vida, e essa morte causou tão viva impressão no «animo affectuoso de seu irmão, que, ainda ha pouco «tempo, lembrando-a, lhe vimos os olhos rasos de agua e «o aspecto profundamente comovido.»

Haviam decorrido já dezasete annos!

*

* *

Foi um cidadão illustre, um politico honesto, um homem de distincto merito e um homem de bem!

NOTA

Por obsequioso e benevolente favor do distinto professor e actual Reitor da Universidade de Coimbra, sr. dr. José Alberto dos Reis, aqui se pode publicar uma copia da certidão do assento de baptismo, que foi juncta ao requerimento de Antonio Corrêa Caldeira, para a sua matricula no primeiro anno da faculdade de direito.

CERTIDÃO

João Bento de Medeiros, Parocho da Collegiada Matriz de Santa Maria dos Anjos da Villa de Ponte de Lima, e Arcipreste d'este Julgado, etc.

Certifico que revendo hum dos Livros dos Baptisados d'esta Villa, nelle a pags. 157 achei o assento do theor seguinte: Antonio, filho legitimo de José Marques Caldeira e D. Anna Efigenia Rita Corrêa, da rua do Carrerido d'esta Villa de Ponte de Lima; neto paterno de José Marques Caldeira e de sua mulher D. Joaquina Thereza de Macedo, da Cidade de Coimbra; materno de José Rodrigues Lima, e sua mulher D. Marianna Thereza de Jesus, desta Villa. Nasceu aos 19 dias do mez de Outubro de 1815; e aos 26 dias do dito mez foi solemnemente Baptisado na Pia Baptismal da Collegiada Matriz d'esta Villa por mim, e lhe administrei os Santos Oleos: sendo padrinhos Antonio Lobo Teixeira de Barros e Barbosa, tenente-Coronel do Batalhão de Caçadores e D. Henriqueta Malheiro, desta Villa ambos. Em fé do que fiz este Assento. O Coadjutor e Beneficiado Manuel José d'Araujo. E não contém mais o dito assento, que aqui copiei fielmente, a cujo Livro me reporto. Passo na verdade, por me ser pedida. Ponte de Lima, 2 de Novembro de 1836. (a) O Parocho Arcipreste, *João Bento de Medeiros*.

RECONHECIMENTO

Reconheço a letra e assignatura supra por verdadeira de que dou fé. Ponte de Lima, 2 de Novembro de 1836. Em testemunho de verdade (logar do Signal Publico). O Tabellião, *Francisco José Moutinho*.

*

* *

Diz o assento de baptismo que os paes moravam na Rua do *Carre-rido*. Tal nome era o da torta rua, que hoje tem o nome de *Rua do Cardeal Saraiva*, porque n'ella moraram, durante muitos annos, na casa bem conhecida e apontada, as irmãs do illustre sabio.

Creio que por isso se póde concluir, com a maior probabilidade, que na mesma casa nasceu Antonio Corrêa Caldeira, isto é, na casa de suas tias, D. Joanna e D. Marcellina.

Na mesma casa, por vezes, habitou D. Francisco de S. Luiz, durante o tempo, (que por certo seria curto), em que se afastava dos conventos da sua ordem, onde o prendiam não só os votos monasticos, mas a predilecção dos estudos, a que constantemente trazia preso o seu espirito. Mais tempo por ali se demoraria seu irmão, Frei Luiz Saraiva, ou Frei Luiz dos Seraphins, que a pessoa querida da minha familia ouvi dizer que, sendo tambem muito intelligente, era um espirito mais alegre e mais mundano do que o irmão.

*

* *

Não resisto a dizer aqui que, quando Antonio Caldeira se baptisou a frontaria do famoso templo, cuja gravura publicámos, era bem mais bella e harmonica!

Mas, passados bastantes annos, a torre ameaçou ruína. Teve de reedificar-se, e o amôr das commodidades ou a preocupação d'ellas, que lá na terra supplanta sempre o culto do bom gôsto, resolveu que a torre se elevasse mais para . . . melhor se ouvirem as horas!

Assim ficou o que se vê! Escapou esta deturpação a *Ramalho Ortigão*, que nas *Farpas* escreveu o seguinte:

*

* *

«Em Ponte do Lima a ponte que deu o nome á villa é um dos mais antigos monumentos do seu genero em Portugal. Assenta em vinte e quatro arcos, dos quaes dezeseis em ogiva.

«Foi reconstruida primeiramente por D. Pedro I, talvez sobre a ponte romana da época, da via militar de Braga a Astorga, e depois por D. Manuel. Era entestada por duas bellas torres, uma do lado de Arcozello, outra do lado da villa, a que dava entrada por uma

porta ogival. As guardas da ponte assim como as duas torres eram guarnecidas d'ameias.

«Com essa forma se conservou este curioso monumento até 1854. Depois, com o regimen liberal, veio uma vereação que mandou arrasar as duas torres; e outra vereação, não querendo ficar atraz da primeira, mandou serrar as ameias que coroavam as guardas! (1) O cinto de muralhas, com as suas cinco portas, as suas torres e as suas barbicans, com que D. Pedro I fortificou a villa reedificada no seculo XIV, não cahiu tambem inteiramente de per si, foram ainda as vereações municipaes que successivamente se encarregaram de o fazer desaparecer.

«O poder central em sua alta e suprema indiferença pelos mais estupidos attentados de que são objecto os monumentos mais veneraveis da arte e da historia nacional, approvou uma por uma todas as marradas de preto capoeira com que á municipalidade de Ponte de Lima approveu derribar e destruir os mais bellos vestigios architectonicos da gloriosa historia da antiga villa e o proprio sentido heraldico das suas armas, nas quaes em escudo de prata figura uma ponte entre duas torres».

.....
Occupar-se depois de outras mutilações.

(1) Foi o inverso : primeiro as ameias e depois as torres.

João de Deus

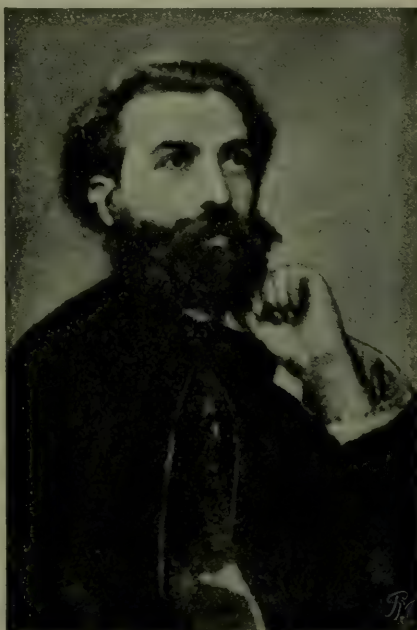


Historia de duas satyras suas (1)

Atravessando a grande nave sombria do famoso templo manuelino, por vezes tenho ido, em piedosa romagem, até junto da grade da capella dos *Jeronymos*, onde está collocado o ataúde, que contém os restos mortaes de *João de Deus*.

Parece-me sempre que aquelle feretro e o de Garrett, cobertos de panos negros com algum pó e flores sêccas, estão ali provisoriamente, desde a vespera, á espera — como os de quaesquer outros mortaes — do canto-chão de uns padres e dos braços de uns lagoias, que vão transportá-los para sepulturas definitivas!

Sepulturas, que eu quizera que fossem em estrophes de alvejante jaspe, cobertas pela cupula azul dos ceus, no meio de muitas flores,



João de Deus, 1860

(1) Excerptos de um livro, que não chegou a ser publicado.

que atrahissem o cantico das aves, musicas da natureza, sons que seriam menos harmoniosos, menos sublimes do que os seus versos!

Tendo de falar de *João de Deus*, faço invocação á sua sombra venerada e querida, para que só escreva o que seja digno d'elle!

Em uma das vezes, que me encontrei em face do seu ataúde, me acudiram á memoria os versos sublimes de *Roque Barcia*, consagrados a Camões, que bem posso applicar ao lyrico genial, que é tambem o auctor da *Cartilha Maternal* e dizendo com o poeta hespanhol:

*Tremulo llego a ti, vate sagrado!
Ayúdame a decir lo que tu has sido,
Tu que á la tierra lusitana has dado
Lo que nunca le ha dado hombre nacido!*

*Párate, sombra: á mi razon oscura
Suspende deja un formidable vélo,
Y déja me alentar en esta altura
Donde parece que nos mira el cielo.*

*Sepulcro colossal, mundo ignorado,
Dime como decir lo que tu has sido
Tú que á la tierra lusitana has dado
Lo que nunca le ha dado hombre nacido.*

.....

I

A Deputação

A deputação, satyra infelizmente perdida, e de que apenas andam publicados alguns poucos versos, teve por origem a denegação do indulto ao estudante José Cardoso Vieira de Castro, quando, pela segunda vez, foi riscado da Universidade.

Elle havia sido expulso, por dois annos, em 1856, por causa da falada investida da *Sala dos Capellos*. Voltou á Universidade no anno lectivo de 1859-1860, matriculando-se no 5.º anno juridico.

Voltava com o prestigio, que lhe dava a sua nobre independencia, o seu ostracismo academico e tambem o seu indisputavel talento e grandes dotes de orador.

Basilio Alberto de Souza Pinto que, como professor, tinha adquirido creditos de abalisado criminalista, havia, mezes antes, sido nomeado reitor.

N'essa qualidade, encarnava todas as velharias dos rigorismos universitarios com os estudantes.

Por um edital, afixado logo no começo d'aquelle anno lectivo, determinou o rigor dos trajes, isto é, a batina completamente abotoada, o sapato e meia, o cabeção e volta.

Nada de gravatas de côres; nada de botas ou calças cahidas sobre ellas, o que tudo, durante o doce regimen do vice-reitor, José Ernesto de Carvalho e Rego, havia sido tolerado e permittido.

Proibição completa! Mudança rapida de costumes!
 Mas Vieira de Castro, com a ousadia que lhe era propria, apresentou-se um dia na Universidade, com a calça cahida sobre botas de elasticos com gaspeas de verniz! . . .

Escandalo de lesa disciplina!

O guarda-mór, Basilio José Ferreira, em termos mais ou menos inconvenientes, admoestou Vieira de Castro. Este replicou-lhe logo com a palavra que é attribuida a Cambrone, e cuja verdade historica muito tem sido discutida.

O guarda-mór intimou-o a ir á presença do Reitor.

Vieira de Castro recusou-se.

D'ahi um conflicto, cujas proporções pôde calcular quem conheceu o genio violentissimo do ardente mancebo, que depois veio a ser um grande infeliz!

Formado processo academico, foi, como *reincidente*, expulso pela segunda vez, e riscado perpetuamente! *Pena de morte academica*, diziamos nós! . . .

Tal condemnação, nas circumstancias em que foi proferida, e pelos precedentes do estudante expulso, desperitou as mais acerbas criticas dentro e fóra da Academia.

O estudante do 5.º anno juridico, Bernardo de Albuquerque e Amaral (o respeitabilissimo lente jubilado, ainda hoje felizmente vivo) escreveu, no jornal academico — *Estreia Litteraria* — de que era redactor, um vehemente artigo, criticando o accordão do *Conselho dos Decanos*, demonstrando ao antigo professor de direito penal, presidente d'elles, os erros juridicos da decisão; e concluindo que, não se verificando as condições da reincidencia, a pena applicada era manifestamente illegal.

Não foram precisas reuniões.

Amigos de Vieira de Castro formularam logo um eloquente appello ao poder moderador, pedindo o indulto e readmissão do talentoso estudante, cuja esperançosa carreira assim era, com tanta dureza, cortada.

Toda a Academia foi espontaneamente assignar a petição.

Tambem a assignaram os estudantinhos do Lyceu; e

foi esse o unico acto, durante toda a nossa vida academica, em que *os caloiros do Pateo*, como então se dizia, foram chamados a compartilhar em um acto dos estudantes da Universidade.

Mas a representação ao Rei, que era *D. Pedro V*, não foi só assignada em Coimbra! Resolveram perfilhá-la e assigná-la muitos homens de letras e jornalistas de Lisboa. Tudo quanto havia de mais notavel, n'este paiz, a assignou!

N'ella pozeram os seus nomes illustres: Alexandre Herculano, Antonio Feliciano de Castilho, Luiz Augusto Rebello da Silva, José da Silva Mendes Leal, Raymundo Antonio Bulhão Pato, Antonio da Silva Tullio, Antonio Rodrigues Sampaio, Levy Maria Jordão e muitos outros.

Mas o indulto foi negado! Tantas esperanças foram malogradas!

A representação da Academia e dos homens de letras e jornalistas foi indeferida!

O desgosto foi grande na Academia. Os resentimentos profundos e duradoiros!

Manifestaram-se ainda no anno seguinte, quando *D. Pedro V* e seus irmãos, os infantes *D. Luiz* e *D. João*, foram a Coimbra de passagem para o Porto. Foi a derradeira vez, que ali foi.

Ao approximar-se a visita do Rei, alguns rapazes viram n'ella a seductora perspectiva d'alguns feriados.

Hão-de ser sempre assim!...

Mas para obter os feriados era preciso ir cumprimentar o Rei. Prompto! É convocada uma assembléa geral, no saudoso salão do Theatro Academico, para nomear a commissão dos cumprimentos.

Reunida a assembléa geral, logo varios oradores pediram a palavra.

Nenhum contestou que devesse ir cumprimentar-se o Rei. Nenhum soltou para com elle qualquer phrase grosseira ou offensiva. Sómente os oradores falavam em todos os assumptos, menos n'aquelle para que havia sido convocada a reunião.

Um falava no Velho e no Novo Testamento; outro fazia o elogio das tricanas de Coimbra; outro nos grandes homens da Grecia e Roma; outro nos preços dos generos do mercado, acompanhados sempre os oradores por um côro de gargalhadas.

Se algum tentava falar no assumpto para que fôra convocada a assembléa, era logo coberto de *apoiadissimos*, cortado de interrupções, impedido de falar.

Um dos oradores, que mais se distinguiu, interrompendo e promovendo a troça, foi *Fausto de Queiroz Guedes*, que depois veio a ser o benemerito e generosissimo *Visconde de Valmôr*.

Reuniu-se segunda assembléa no dia seguinte. Repetiram-se exactamente as mesmas scenas da vespera. Grande bulha, grande risota!

Passaram-se alguns dias. A chegada do Rei aproximava-se e convocou-se então terceira assembléa, não já para o salão, mas para o theatro da Academia.

Apresentou-se no palco e foi indicado para presidi-la o estudante do 6.º anno, Bernardo de Albuquerque e Amaral, o mesmo que tão distincta attitude tinha tomado quando foi riscado Vieira de Castro.

Esta circumstancia, a geral consideração e sympathia de que gosava, pelo seu talento e seriedade de character, e tambem algumas nobres e felizes palavras, que proferiu, ao assumir a presidencia, aplacaram os animos e impuzeram socego.

A assembléa correu placida.

Decidiu-se nomear a commissão, mas não só para fazer cumprimentos. Deviamos usar do *direito de petição*, que era uma das garantias que nos estava consignada no que então se chamava o sagrado paladio das nossas liberdades.

Não era indigno! Era o uso dum direito! Por isso a commissão devia pedir:

1.º — A abolição da capa e batina, que era traje jesuitico.

2.º — A abolição do fôro academico e concessão das garantias do fôro commum.

Os rapazes tiveram sempre a mania de querer ser julgados pelas infracções de policia academica, que constituem contravenções, pela mesma fórma, e no mesmo tribunal, em que se julgam os vadios, os gatunos e os ladrões de profissão!

Mas o caso é que aquellas deliberações foram tomadas.

João de Deus, que assistia á reunião em um camarote de 1.^a ordem (ainda deve haver quem se lembre), por uma das distracções, que lhe eram tão habituaes, pediu a palavra, quando já tudo estava votado!

Ovação a João de Deus!

Viva João de Deus! Viva o nosso João!

Acclamação geral ao grande poeta!

Mas vamo-nos embora, clamavam tambem! Tudo está decidido! Vá a commissão e venham os feriados, que é o que toda aquella bulha queria dizer!

João de Deus, com a notavel veia satyrica que possuia e espontaneidade genial, disse, nessa mesma noite, em verso, o que queria dizer como orador. Escreveu a satyra *A Deputação*, joia litteraria infelizmente perdida.

Della se conservam apenas alguns versos publicados pelo dr. Rodrigo Velloso, reproduzidos depois na penultima edição do *Campo de Flôres*, os quaes quem escreve estas linhas conservou de memoria.

Começava assim :

Ouvi, infancia epidemica,
As tristes vozes do bardo,
Que resolve em papel pardo
Gritar contra a pepineira!

Teve logar a terceira
Das assembléas geraes,
E ouça o Mondego os meus ais,
Porque, em verdade, oh vergonha

Pois em quanto na Gasconha
Se estão nivelando os thronos,
Quer esta sucia de mônos
Preparar real bexiga!

E, em verdade, que o diga
 O Albuquerque, que é fino, (1)
 P'ra pedir ao deus-menino
 A reforma da cadeia !

Mas, oh mancebos ! que ideia
 Não farão de nós lá fora,
 Ao saber que isso já agora
 Não é ao rei que pertence,

Para o que bastará só
 Da Carta do pae-avô,
 Artigo 13 que diz :
 «Julgar pertence ao juiz
 «E legislar á nação !»

Condemnava depois que se fizessem pedidos ao Rei,
 quando elle nos tinha indeferido um pedido santo e justo !
 Dizia :

«E não iamos nós sós !
 «Pois em nossa companhia
 «Ia quanto era poesia
 «E quanto era prosa tambem !

«Ia o pae d'aquella pequena
 «Que metteu frade o Eurico (2)
 «E o que na Ilha do Pico (3)
 «Ensinava agricultura !

«Ia, em summa, quanta figura
 «Quiz entrar nessa comedia !
 «Quando nós, na face nedia
 «D'este pachá de Janina,
 «Quizemos ver se a *botina*
 «Era lesa-magestade !

(1) Referencia a Bernardo de Albuquerque, presidente da 3.^a assembléa geral.

(2) Refere-se a Alexandre Herculano, que creou a Hermengarda do romance *Eurico*.

(3) Refere-se a Antonio Feliciano de Castilho, que escreveu nos Açôres *A Felicidade pela Agricultura*.

«E ninguém nos disse :
 «Volte o borrego ao rebanho,
 «E esse zagal d'arreganho,
 «Que ande, se quer, de sandalias.

«O cothurno é das Italias !
 «E com veste roçagante,
 «É além de mais galante,
 «Mais decente que o chinello !

«Tão decente que o marmelo
 «Do Camões já lá dizia :
 «É assumpto, musa fria,
 «De cothurno e não de sócco.

«Mostrando n'isto em quão pouco
 «Tinha o classico chinello
 «Destes pêgas de capêllo,
 «Cabeças de tapadoura.

.....

*

* *

Conheci esta satyra — *A Deputação* — por m'a haver mostrado *Anthero de Quental*. Copiei-a e restitui-a.

Tendo divulgado muitas das poesias de *João de Deus*, algumas ineditas, conservei essa comigo, durante largos annos, por uma especie de avareza litteraria.

Tal era o aprêço em que a tinha! O arrependimento, que disso tenho tido, tem-me sido severo castigo.

Desappareceu-me em alguma das mudanças de terra, a que fui obrigado pelas exigencias da vida official, ou no quasi naufragio, que soffreram os meus papeis e livros. Transportados em um navio de vela, tal foi o temporal que este soffreu que chegou a ser abandonado pela tripulação, e foi a propria tempestade que o metteu dentro do pôrto! Mas toda a carga ficou avariada!

Tambem me desappareceu a *Lata*, tal como primitivamente havia sido escripta. Foi tambem *Anthero* que m'a

emprestou; e continha mais estrophes de que as que andam publicadas.

Julguei que podia readquirir a *Deputação*, visto que apenas tinha possuido uma copia. Foi-me impossivel.

Recorrendo ao meu amigo muito querido, João de Sousa Vilhena — o integro e inquebrantavel magistrado que falleceu juiz de uma vara civil de Lisboa —, companheiro dedicadissimo e admirador apaixonado de João de Deus; recorrendo a José Sampaio e a Frederico Philemon, companheiros de Anthero e que, como eu, haviam tido a *Deputação* em suas mãos, já não se lembravam!

Desesperando de a encontrar, dei a outro dedicado e bondosissimo companheiro de mocidade, *Rodrigo Velloso*, cujo amôr pelas boas lettras nunca se apagou até os seus ultimos momentos, os versos que sabia de cór.

Publicou-os elle na sua interessante *Bibliotheca* da *Aurora do Cavado*; e d'ahi passaram para a penultima edição do *Campo de Flores*, mas sem a historia que é indispensavel para bem comprehender a engraçadissima composição.

Cabe-me fazê-la agora a mim, o ultimo e mais obscuro dos amigos e admiradores de *João de Deus*.

II

Os Pires de Marmelada

Fui copista e vulgarizador dos *Pires de Marmelada*. Ainda a famosa e formosa satyra não tinha acabado de nascer, ainda não estava toda escripta, e já eu conhe-

cia a parte dada á luz e a copiava e decorava! Com mais facilidade — acreditem — do que todas as cousas de algebra e geometria, com que andava atrapalhado para fazer o meu ultimo exame de *caloiro* e poder entrar na Universidade.

Corre agora na edição do *Campo de Flôres*, coordenada pelo Sr. Theophilo Braga, com variantes, que desdoam dos primitivos versos, taes como ainda os conservo na minha memoria.

Parecem-me menos felizes essas variantes, como tantas outras dos versos do divino poeta, atrevo-me a dizer.

*

* *

João de Deus era um prodigo das suas preciosissimas joias poeticas! Anthero não era menos prodigo!

Um e outro, muitas vezes, logo em seguida á sua feitura, ou passado pouco tempo, rasgavam ou queimavam formosas producções do seu engenho, porque não satisfaziam ao seu ideal de belleza.

Outras vezes as abandonavam ou perdiam! Foram salvas muitas, porque quando elles as rasgavam, já estavam copiadas.

João de Deus nem mesmo era muitas vezes quem escrevia os seus versos; escreviam-nos os amigos a quem os recitava no calôr e borbulhar de inspiração.

Foi assim, por esta forma, que foram escriptos por Guimarães Fonseca — um mimôso talento litterario, já então revelado —, em julho de 1860, os *Pires de Marmelada*, em uma casa da *Rua dos Militares*, quasi em frente dos *Lazaros*, que, creio, é a terceira, a contar da que faz esquina para a *Rua do Guedes*, com entrada por esta rua, onde eu morava. Estreitas como são as intermediarias, podia falar-se de janella para janella!

Tinha aquella então o n.º 42. E digo que tinha este numero, porque é com elle que vem designada, na pauta

ou relação dos estudantes d'esse anno, a morada de Antonio Joaquim da Fonseca Pinto, meu condiscipulo no Lyceu, rapaz muito ligado a todos os amigos de *João de Deus*, especialmente a *Guimarães Fonseca*, que n'essa epocha do anno, tambem ali morava.

João de Deus não tinha residido n'essa casa, mas para ella foi viver nas ultimas semanas d'esse anno lectivo.

Com amigos e admiradores, que disputavam a sua companhia, tinha varias casas. Onde mais residiu n'esse anno, foi na *Rua da Trindade*, n.º 30, com João de Sousa Vilhena.

Tambem morou na *Rua de S. Jeronymo*, n.º 6, com outros rapazes, sendo um d'estes o estudante de theologia, cujo *R*, que levou no acto do 1.º anno, motivou a satyra.

Tendo partido para férias todos os seus companheiros da *Rua de S. Jeronymo*, foi *João de Deus* para a casa da *Rua dos Militares*, onde chegou sob a impressão da injustiça feita ao seu amigo.

*

* *

A satyra, como se sabe, teve por victima o lente de theologia, antigo frade crusio, D. Victorino da Conceição Rebello, a quem os estudantes puzeram a alcunha de *Besta Sagrada* e tambem a do *Marmelada!*

Como ao Conde de Santa Maria eram-lhe attribuidas bernardices e necedades imaginarias!

Foi o caso que *Jayme Cardoso de Gouveia Corte-Real*, que era um dos rapazes que morava na *Rua de S. Jeronymo*, n.º 6 levou um *R* (foi só um *R*, e não reprovação) no primeiro anno de theologia.

Attribuiram essa macula academica á ousadia de ir fazer acto, não de cara rapada — cara ecclesiastica, então, — mas com bigode, o que era contrario ás praxes dos que se dedicavam ás sagradas letras e se destinavam á vida clerical.

O bom do rapaz não queria segui-la. Frequentava theologia, porque faltando-lhe um exame, quiz gozar as honras de estudante da Universidade.

Devia por isso estar bastante falho nas letras sagradas.

João de Deus, magoado com o que julgou uma injustiça e uma affronta ao seu companheiro e amigo (hoje não dão tanta importancia a um simples *R*) compôz a satyra.

Compô-la, ora passeando, ora deitado na cama!

Guimarães Fonseca escrevia.

Era, como já disse, em julho! Julho tropical de Coimbra! João de Deus nunca sahia de dia por causa do calor e parece que tambem pela pouca riqueza do seu guarda-roupa!

A sua batina — que as leis academicas já lhe não permitiam usar — estava no estado em que, muitos mezes antes, apparece com a manga rasgada, no retrato que publicamos, tirado por *José Alfredo da Camara Leme* (que foi conservador em Vianna do Castello) em um pequeno quintal da primeira casa, que fica á esquerda, descendo a ladeira do Arco do Castello.

Só sahia á noite, ordinariamente em passeio até ao *Penedo da Saudade*, vestindo uma forte japona, uma jaqueta de pelles... em julho!

Guimarães Fonseca, por essa occasião, nem de dia, nem de noite, punha os pés na rua! Vivia sob a ameaça do chicote de um outro estudante — mais tarde muito respeitavel e muito calvo desembargador, — de quem tinha flagellado, em um folhetim do *Purgatorio*, jornal portuense, umas infelizes primicias litterarias, as quaes o outro dizia — e era verdade — que só se animou a publicar, instigado pelos louvores e auctoridade do *Fonsequinha*! Era assim que lhe chamavamos.

Timido e nervoso, só se arriscava a ir até á minha casa, onde tinha amigos, depois de se annunciar da janella e de explorados os arredores, obtidas que fosse a segurança de estar longe o perigo do conflicto (1).

(1) Veja-se a nota no fim.

Então sim! Elle ahi vinha, sorridente e triumphante, com os versos de *João de Deus*, como que ainda quentes do bafo da inspiração!

Por esta forma conheci e copiei a deliciosa satyra, quando ainda apenas estava composta a primeira parte até aos versos que dizem:

Lê o propheta Abacuc!
E lá verás na *passagem*,
D'este grande personagem,
Se isto assim foi! Continúo:

Agora, na citada edição do *Campo de Flores*, a palavra *passagem* está substituida por *linguagem*; e a satyra não tinha a divisão de 1.º e 2.º *Pires*, rimando a ultima palavra *continúo* com o verso seguinte:

Eu dava quanto *posso*
Por ter a frente rasgada;

.....

*

* *

Veio logo depois toda a satyra. Toda vulgarizei por algumas copias e principalmente pela recitação, que a cada passo me era imposta.

III

João de Deus e a Academia de seu tempo

Desde os meus primeiros tempos de Coimbra até que terminei o meu curso juridico, versos do divino poeta, que cahissem debaixo dos meus olhos, ineditos ou publicados, copiava-os ou fixava-os na memoria.

João de Deus e os seus versos foram uma das maiores paixões da minha mocidade.

Foi no *Echo do Lima*, logo depois da minha formatura, que, em 1866, abri o meu guarda-joias, começando a publicar estas! (1).

Além das especialmente indicadas, o Sr. Theophilo Braga, no *Escoço Biographico de João de Deus*, confere ao modesto jornal limiense a honra de n'elle haverem sido publicadas, pela primeira vez: *A Pomba* (que são, talvez, os primeiros versos do poeta), *A. L. C.*, *A visinha do 4.º andar*, *A. . .*, *Desanimo*, *De lucto* e *Sonho*.

Publiquei o soneto, ainda inedito, que se encontra a paginas 163 da edição, já referida, do *Campo de Flores*, com o titulo *Num romance*, e cujo primitivo titulo, segundo o meu velho caderno, era:

MARGARIDA
(*La dame aux camelias*)

(1) Veja-se a nota.

*

* *

Tinha antes, no n.º 7 do saudoso jornal, publicado, acompanhado de um folhetim, consagrado a *João de Deus*, a formosíssima poesia, ainda então inedita, chamada *Lágrima Celeste*, a qual aqui vou reproduzir, porque se encontra no *Campo de Flôres* com variantes em muitos versos, que vão notados com o signal *, e com a omissão de uma quadra, que vae em italico:

Lágrima celeste, Perola do mar, * O que me fizeste Para me encantar ?	Quando o nectar chora Que se lhe introduz Ao romper da aurora, E ao nascer da luz !
Ah ! se tu não fosses... Lágrima do céu ! Lágrimas tão doces Não chorára eu.	<i>Por entre a folhagem Onde mal se vê, Como eu vejo a imagem Da que eu adorei !</i>
Se eu nunca te visse, Bonina do val, Talvez não sentisse * Nunca dôr igual.	* Que esta voz te enleve * Que este adeus lá sôe * Que o senhor te leve, * Que Deus te abençoe !
* Pomba extraviada, (1) Que é dos filhos teus ! Luz da madrugada, Luz dos olhos meus !	* Que o Senhor te diga Se te adoro ou não, Minha doce amiga Do meu coração !
Meu suspiro eterno, Meu eterno amor, D'um olhar mais terno Que o abrir da flôr.	Se de ti me esqueço * Se já me esqueci, * Se mais céu lhe peço * Que o de ver-te a ti.

(1) *Pomba debandada* está no *Campo das Flores* ! Não posso aplaudir esta variante !

A ti que amo tanto
 Como a flôr a luz,
 Como a ave o canto,
 * Jesus Christo a cruz!

E a campa o cypreste,
 E a rola o seu par...
 Lagrima celeste!
 Perola do mar!

*

* *

Publicou depois o *Echo do Lima* muitas outras poesias do divino lyrico só conhecidas dos leitores dos jornaes litterarios de Coimbra.

O sr. *Theophilo Braga*, no citado *Escôrço Biographico*, que precede o notavel livro, que se intitula — *O Festival de João de Deus* (pag. XVI, XXI, XXIII) por tres vezes honra o jornal limiense e o seu obscuro redactor, mencionando o nome deste entre os dos maiores admiradores de *João de Deus*, e um dos seus colleccionadores e vulgarisadores!

Eramos muitos.

E' que *João de Deus* é — e será sempre — uma das maiores glorias da Academia conimbricense!

Ligado intimamente a ella, continuou sempre a pertencer-lhe! Continuou a ser estudante quando já não era estudante!

Formado no anno lectivo de 1858 a 1859, só em 1861 é que desapareceu de Coimbra!

Confinou-se então na sua terra natalicia, ou nas proximidades, lá para o sul.

Mas a sua alma continuou a viver na academia de Coimbra!

A sua lenda de poeta e de artista lá é que existia!

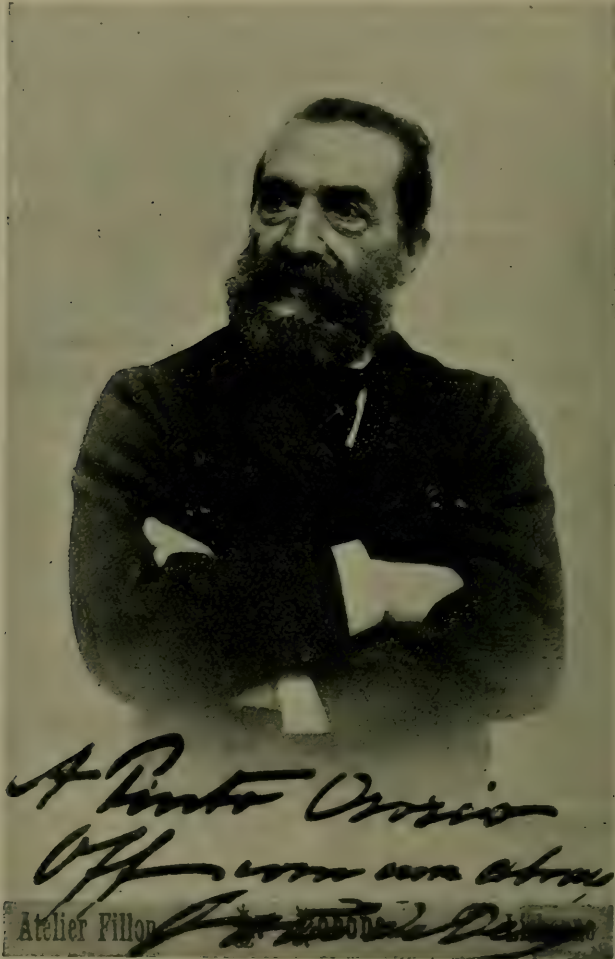
O facho luminoso do seu genio lá é que mais ardia e mais deslumbrava!

O seu novo lyrismo falava ao coração da mocidade!

Era neste que ficaram como que depositados os seus versos tão novos e tão sublimes!

Era ella, a mocidade, que bem os entendia! Era essa mocidade que tinha de espalhá-los!

Como Homero, *João de Deus* era um divino! E não era só no genio que o lyrico português tinha de assemelhar-se ao grande poeta grego.



Como os *rapsodes* ou *homerides*; como esses cantores ambulantes, que foram os que tornaram conhecidos os versos do divino épico, levando-os a todas as ilhas e cidades da Grecia, os contemporaneos de *João de Deus*, em

Coimbra, foram tambem, na phrase de um escriptor illustre, as edições vivas que espalharam o seu novo lyrismo por todas as terras do paiz!

Essa luz, tão suave e tão intensa de poesia, irradia do centro!

Surge em Coimbra nos *Preludios Litterarios*, na *Estreia Litteraria*, no *Academico*, no *Atheneu* e no *Phosphoro*.

Depois, de norte a sul, no *Seculo 19* (de Penafiel), no *Echo do Lima*, no *Bejense*, na *Folha do Sul*.

E' por esses jornaes, publicados em provincias distantes, que o poeta recebe a consagração, que lhe era devida! Que adquire novos e apaixonados admiradores! E que os seus versos se tornam conhecidos.

E' pela reproducção da publicidade da provincia que as suas principaes composições poeticas appareceram depois na capital do paiz!

*

* *

Os laços que prenderam João de Deus a Coimbra e á sua Academia são impereciveis!

Hão-de sempre existir!

E' o coração da mocidade, que lá lhe ha-de render eterno culto!

São os doutores e os capêllos das suas satyras!

São pessoas que lá viveram e já não existem, e cousas que sempre hão-de existir!

E' o *Mondego*, o *Penedo da Saudade*, a *Fonte dos Amôres* e o *Penedo da Meditação*!

É a *janella do Occidente*, que tem tão melancholica referencia na sentidissima elegia a Rachel Nazareth! Janella que fica a uma esquina da *Rua da Sophia* e se debruça sobre a travessa, que d'ella parte.

É o *Convento de Santa Thereza*, ao qual anda ligada a lenda de uns amores, não sei se verdadeiros se phantasticos,

a que foram attribuidos os formosissimos versos da *Noite de Amôres*:

Mimosa noite de amôres!
Mimoso leito de flores!
Mimosos, languidos ais!

A poetisa da *Carta Anonyma* julgou (e talvez tivesse motivo para julgar...) que os amores, a que os versos se referem, eram verdadeiros e que foi profanado o segredo d'elles! O poeta, em versos sublimes, veio affirmar que eram phantasticos!

Sempre ouvi dizer que a poetisa da *Carta Anonyma* era uma talentosa mulher, de uma familia fidalga da Beira, *D. Marianna Povoas*, dotada de nobre coração e nobre character, segundo me disse, muitas vezes, um meu saudoso amigo, que foi ornamento distinctissimo da magistratura do seu tempo, o qual a conheceu e com ella tratou!

Deve a litteratura a essa illustre dama os versos sublimes da resposta de João de Deus, que se encontra a fl. 10 do *Campo de Flôres*, sob o titulo:

Resposta á minha bella incognita... censora

Primitivamente tinha este:

*Resposta á minha bella incognita inimiga...
Ech. e Narc.*

*

* *

Sim; deve-se á incognita poetisa da *Carta Anonyma* o ter inspirado a mais linda quadra que os meus olhos leram na lingua portugueza:

Quando a mão de um innocente
Pede a estrella que o seduz, (1)
Ninguem ha tão inclemente,
Que no ceu lhe apague a luz!

(1) No *Campo de Flores*, foi substituida no segundo verso a palavra *Pede* pela palavra *Quer*. Prefiro aquella!

Só podia ser composta esta quadra no *Penedo da Saudade* olhando o poeta para o oiro e azul do firmamento!

É lá, é em Coimbra, que a *João de Deus* devia ser erigido o seu monumento!

.....
Que mais?... Não sei dizer mais... Que me perdôe a alma gentil do divino vate e a sua immortal memoria este pobre tributo de uma admiração que nem o largo tracto prosaico dos negocios, nem o gelo dos annos poderam nunca arrefecer e extinguir!

NOTA 1.^a

Francisco Guimarães Fonseca

A memoria deste pobre companheiro da mocidade, tão distincto e tão infeliz, reclama algumas linhas!

Era natural de Guimarães. No anno lectivo de 1859 a 1860 havia frequentado o primeiro anno philosophico, mas na occasião em que serviu de secretario a João de Deus, na feitura dos *Pires*, preparava-se para fazer um exame, que lhe faltava para seguir o curso juridico, em que, no anno seguinte e nos outros, até o fim do 4.º anno, fomos condiscipulos.

O estudante, que queria tirar atroz vingança da sua mordaz causticidade litteraria era um nosso comprovinciano minhôto, de nome Acacio de Carvalho Fontes, que morreu juiz da Relação do Porto.

O folhetim do *Purgatorio*, que era o corpo de delicto da malfeitoria do pobre Guimarães Fonseca, intitulava-se *Acacius Robur*.

Baixo, franzino, peito curvo, farta cabeleira annelada não escura, emquadrando uma larga testa e um alvo rôsto, em que brilhavam olhos de um azul claro, com labios finos, em que bailava o perenne sorriso da ironia, Guimarães Fonseca era, em todo o seu phisico, attraente, distincto e muito sympathico.

Interessantissimo conversador, quando encolhia os hombros e inclinava a cabeça para um lado, como era gesto seu habitual, a *verve* e a graça esfusiavam.

Tinha um mimôso talento litterario comprovado nos *Preludios Litterarios*, no *Academico*, no *Phosforo*, no *Tira-Teimas*, no *Attila*, e outros jornaes litterarios e politicos de Coimbra e de fóra de Coimbra.

Uma grande espontanedade no verso e a sua prosa era um encanto!

Bastará lêr um largo escripto, em prosa e verso, que denominou *A Virtude de dous Anjos*, e se encontra desde o n.º 3 até o n.º 14 d'aquelle ultimo jornal litterario.

Sendo muito intelligente, nunca foi capaz de disciplinar a sua vontade para o estudo de questões positivas, alheias á litteratura.

Não tendo podido conseguir approvação no 4.º anno, foi para o Brazil, onde se dedicou ao jornalismo. Não foi feliz. Regressando,

obteve um logar de amanuense em uma secretaria do Estado, e, durante um certo periodo, appareceu, nos principaes jornaes de Lisboa, a sua brilhante colaboração litteraria.

Uma vida desordenada de bohemio apagou-lhe o espirito e despedaçou-lhe o corpo! Luctou com a doença e com a pobreza; e teria morrido ao abandono e na mais extrema penuria, se lhe não valesse a bondosa alma de um outro condiscipulo nosso, Luiz Jardim, Conde de Valenças.

Honra seja á sua memoria!

Parece que o destino caprichou em tornar negro o futuro de um rapaz que, pelo talento, se nos antolhava aureo e brilhante!

NOTA 2.^a

O "Echo do Lima,, e Antonio de Magalhães Barros

E pois que falei no saudoso jornal, onde foram divulgados muitos versos de João de Deus, vou consagrar-lhe algumas palavras.

Era bisemanal, tendo sahido o primeiro numero em 12 de agosto de 1866.

O *Echo do Lima* foi destinado a ser orgão dos interesses locais e de um grupo de politicos do concelho, que eram adversarios da politica de Fontes Pereira de Mello, então no poder.

Estes foram os seus intuitos ao crear-se.

Quanto á politica de principios, os seus redactores — que tinham por unico estipendio o prazer de expôr as suas convicções — gozavam de toda a independencia e liberdade.

*
* *

Aquelle grupo local tinha por cabeça e alma um môço advogado, morto infelizmente em 1888, em pleno vigor da vida, deixando uma perenne saudade no coração de todos que com elle trataram.

Era a individualidade, superiormente sympathica, de Antonio de Magalhães Barros de Araujo Queiroz. Formado aos vinte e um annos, em 1859, teve por condiscipulos João de Deus e José Dias Ferreira.

Por aquella época era já advogado famoso pelo saber, pelo desprendimento de interesses, pela bondade angelica e inexgotavel, com que a todos servia, com que zelava os direitos e interesses de todos, esquecendo-se sómente dos seus!

Era homem para tudo na sua



Antonio de Magalhães Barros

terra e amou-a tanto; tanto se prendeu aos negocios della e dos seus amigos, que nunca de lá o deixaram sahir!

Depois de formado só uma vez pôde ir ao Porto!

Pôde sempre dizer, como Thomaz Ribeiro, aquelle verso do D. Jayme, que continha uma verdade, quando o poeta o escreveu:

Eu nunca vi Lisboa e tenho pena!

Era dotado de uma distincta intelligencia, de uma feliz e rara memoria, mas tinha um coração ainda maior!

Fui dos que mais o amaram! Entrando pela sua mão em Coimbra pela primeira vez, fui como que a pedra de toque dos raros quilates da sua bondade!

*

* *

Teve o *Echo do Lima* por seus redactores, quando se fundou, o Dr. Francisco Roberto de Magalhães Barros, actualmente juiz de 2.^a instancia aposentado, irmão d'aquelle nosso querido amigo e quem escreve estas linhas, formados no anno anterior, e ligados por fraternal amisade desde os seus primeiros annos.

Temperamentos differentes, completavam-se um pelo outro.

Se um tinha a intelligencia, a frieza e o bom senso, tinha o outro a paixão e a impetuosidade.

Era correspondente do jornal, em Lisboa, escrevendo em todos os numeros uma carta — cartas politicas no fundo e litterarias na forma — o Dr. Alberto Telles de Utra Machado (hoje chefe de repartição no Ministerio da Justiça) distincto homem de letras, e, desde a Universidade, amigo dos seus redactores.

Alves Matheus, o glorioso orador sagrado, e *Manuel Penha Fortuna*, amigo e condiscipulo de Antonio de Magalhães, quizeram manifestar a sua sympathia pelo incipiente jornal e pela sua redacção, mandando para elle alguns artigos.

José Caldas, hoje grande escriptor pelo talento e pela erudição, e já então primoroso e promettedor cultor das boas letras, nosso amigo e companheiro de mocidade, honrou o *Echo* com a sua collaboração.

O jornal fez fortuna em popularidade e concorreu para conquistar para o grupo valiosas adhesões.

Fez rude e intransigente opposição ao ministerio, que governou desde setembro de 1865 a janeiro de 1868, de que era alma Fontes Pereira de Mello, e foi um dos que, no norte do paiz, preparou a opinião para o movimento pacifico do 1.^o de janeiro de 1868.

Honra-se, ainda hoje, quem escreve estas linhas da pequena parte, que teve n'essa campanha!

Anthero de Quental

...agradeço como um dos muitos dilectos amigos do defuncto a homenagem posthuma que lhe conferem, e digo muitos, porque o numero d'elles conta-se pelo dos que no breve decurso da sua vida, sempre angustiada, tiveram a fortuna de conhecer de perto a candura quasi santa da sua alma, a nobreza extrema do seu sentir e a lucidez cristalina da sua ideia.

(*Oliveira Martins*, Officio á Camara de Ponta Delgada).

Do poeta e do pensador falam os seus versos e os seus escriptos:

Do homem, porém, é preciso que fale o coração dos seus amigos.

Luiz de Magalhães, In Mem.

I

Anthero Tarquinio de Quental, que este é o seu nome nos registos universitarios, nasceu na cidade de Ponta Delgada em 18 de abril de 1842.

Era filho de Fernando de Quental, que deixou fama de homem muito intelligente e espirituosissimo, o qual, aos 17 annos, se alistou soldado-cadete na expedição liberal, que da sua terra se dirigia ao Porto e foi um dos 7500 soldados d'ella; e era neto do celebre morgado André Ponte de Quental da Camara e Souza, poeta e homem de letras, amigo e companheiro de *Bocage*, que, nas côrtes constituintes, que se seguiram á revolução de 1820, foi deputado pela ilha de S. Miguel.

Por sua mãe, D. Anna Guilhermina Maia, procedia de uma distincta familia de Thomar, em que houve magistrados illustres, sendo neto do respeitadissimo desembardor Anthero José de Maia e Silva, do qual herdou o nome.

Provinha, pelo lado paterno, de uma das mais nobres e antigas familias açorianas e de uma fidalga familia da ilha da Madeira, á qual pertencia sua avó.

Tinha tambem na sua familia a nobreza intellectual de Frei Simão de Novaes, fundador do Convento da Praia, na Ilha Terceira; e de Frei Bartholomeu de Quental, fundador da Congregação do Oratorio, primoroso escriptor místico e grande orador sagrado, prégador da Casa e Capella Real, que o sr. Joaquim de Vasconcellos, fundado em Barbosa Machado e outros, diz que, por seus talentos e virtudes, não teve menor importancia que o padre Antonio Vieira. (1)

*

* * *

Vindo muito novo para um collegio de Lisboa, matriculou-se, em outubro de 1858, tendo desaseis annos, no primeiro anno juridico.

Sem me aproximar d'elle, porque o não permittia a minha humildade de estudante recentemente chegado, pela

(1) Veja-se, no *In Memoriam*, o *Esbôço Genealogico* por Ernesto do Canto e o artigo do Visconde de Faria e Maia.

O illustre genealogista, o sr. José de Azevedo e Menezes, escreveu o seguinte:

«A familia de Anthero é de origem francesa, e o primeiro portu-
«guez que usou o appellido de *Quental* foi Francisco Botelho de No-
«vaes, pae de D. Maria de Novaes Quental, dama da rainha D. Isabel,
«mulher de D. Affonso V.

«D. Maria casou com Ambrosio Alvares Homem de Vasconcellos,
«muito illustre por nascimento e pae de quatro filhos, que o fizeram
«feliz. Um d'elles Simão de Novaes, foi frade franciscano e fundador
«do Convento da Praia, na Ilha Terceira. (*In Memoriam*, *Apendices*).

primeira vez, a Coimbra, lembro-me bem da sua figura d'essa época.

Com os seus cabellos de ouro e um colete verde a



Anthero de Quental, 1864

querer fugir-lhe da batina negra pelo pescoço e pelo peito, alegre, inquieto, vivo como uma travêssa creança!

*

* *

Mas porque é que ainda hoje — dirão — não conservas o acanhamento de outr'ora, e ousas pôr mão profana em.

assumpto tão delicado e sagrado, qual o da memoria do altissimo poeta e profundo pensador, que foi Anthero de Qental?

Não ousou, não!

Quero apenas trazer aos seus admiradores uma pequena contribuição de factos ignorados ou esquecidos

Quero offerecer-lhes algumas lembranças, que o coração, mais que a memoria, guardou.

Não é um artigo que escrevo, é um depoimento de factos pessoaes ou presenciaes.

Sou como que um rude e bem fraco operario, que traz nos braços uma pequena pedra tosca para o grandioso edificio, que ha a levantar á sua memoria!

II

Os companheiros e amigos de Anthero

Elle tinha em Coimbra um tio paterno, personalidade muito distincta e bondosa, que, quando Anthero se matriculou no primeiro anno juridico, frequentava o 3.º anno de medicina e foi depois professor d'essa faculdade.

Era Philippe de Qental. Só nos primeiros annos viveu em casa do tio. Ahi continuou sempre a ser a sua morada para os registos e effeitos academicos. Mas onde elle tinha quarto, cama e meza era na casa onde moravam José e Alberto da Cunha Sampaio.

Não sei bem desde quando este facto começou a existir. Parece-me que foi desde o anno lectivo de 1861 a 1862, em que José da Cunha Sampaio, que havia sido ris

cado por causa de uma desordem com caloiros, voltou á Universidade entrando no meu curso.

Estavamos no segundo anno d'elle. Eram tambem companheiros na mesma casa, Frederico Philemon da Silva Avelino, de Lisboa, e Eduardo de Andrade, de Foscôa.

Mas porque é que Anthero deixou a companhia do tio e foi para a d'aquelles rapazes?

Foi por azedume ou dissentimentos, que os separassem?

Não. Eram incompatíveis com a tolerante bondade e reciproca affectuosidade de ambos.

Nenhuma nuvem toldou nunca a pureza do affecto entre elles.

E' que Philippe era tio e os dois Sampaio eram os seus irmãos!

Elle e Alberto Sampaio e Germano Mey-

relles eram como aquelles gemeos siamezes, que não podiam separar-se e o que um sentia era o que sentia e soffria o outro.

Posto não vivesse na mesma casa com Germano, constantemente se viam juntos, de dia e de noite.

Alberto Sampaio era o seu companheiro e confidente nas letras; era bem o seu irmão pela capacidade intellectual, pelo character e pela bondade de coração.

Já então se entregava a serios estudos economicos e se revelava o futuro erudito escriptor da *Portugalia* e o auctor do notabilissimo livro, que se intitula *As Villas do Norte de Portugal*. Nunca teve por familia senão o irmão e os filhos de seu irmão! Um sabio e um santo!



Alberto Sampaio

*

* *

Germano Meyrelles, intelligencia superior, talento vivissimo, era, em todo o seu ser, originalissimo!

Baixo, magro; olhos vivos, beiços finos, cara pequenina, sem barba e povoada de um ligeiro vélo claro, grande mobilidade de physionomia, havia n'elle alguma cousa que fazia lembrar um pequenino rato!

Aleijado dos pés, que tinha como que amputados e voltados para traz, o que o fazia caminhar com difficuldade, ondeante, vivia como que em guerra com a natureza, que havia tido com elle aquella enorme crueldade!

Era azedo, desdenhoso, sarcastico!

Um sarcasmo vivo e em pé! Palavra facil, vibrante, ousadissima, como a sua penna! Secco no trato, não tinha a communicativa bondade de Anthero e Alberto Sampaio.

*

* *

José da Cunha Sampaio, que era o mais velho, era o chefe. Chefe de Alberto, de Anthero e dos outros companheiros de casa. E não era só d'elles.

A outros estendia o seu ascendente de irmão mais velho, muito querido e respeitado.

Esse José Sampaio, de olhar melancholico, testa alva e altissima, donde saham abundantes cabellos de ébano, com o rôsto ornado de fina e formosa barba nêgra, typo de homem com linhas de raça arabe, era dotado de uma clara intelligencia e de um espirito muito ponderado.

Era uma das mais sympathicas figuras da academia. A sua alma tinha ainda maior nobresa do que o seu corpo.

Era já então e foi, durante a sua vida, um espelho moral a que podiam compôr-se os que quizessem ser dignos.

Estes eram como que a familia de Anthero.

Mas muitos outros frequentavam a casa, e viviam ligados a elle pela communhão das letras, ou pela amisade.

Eram: José Falcão, Antonio de Azevedo Castello-Branco, Santos Valente, Anselmo de Andrade, Francisco Machado de Faria e Maia, Alberto Telles de Utra-Machado, Florido Telles de Vasconcellos, Marianno Machado de Faria e Maia, Philomeno da Camara, João de Sousa Vilhena, João Lobo de Moura, Guimarães Fonseca, Theofilo Braga, João Machado de Faria e Maia, Fernando Rocha, Manoel de Arriaga, José Leite Monteiro, José Bernardino de Abreu Gouveia e Raymundo Capella, que são os que agora me lembro.

As relações com Guilherme de Vasconcellos Abreu, então militar e estudante de mathematica, e com Eça de Queiroz, só começaram mais tarde e em época a que ainda me referirei.

Além d'aquelles, cujos nomes citei, havia a plebe dos admiradores, os que nos diziamos soldados do seu ideal de *Justiça*, e que lhe não votavamos um menos quente affecto.



José da Cunha Sampaio, 1865

*

* * *

Ánthero tinha tambem já então admiradores nas outras escolas do paiz.

Quando, em 1864, arrastados pela sua palavra, por ocasião da *Rolinada*, fomos em exodo para o Porto, viveu lá sempre rodeado dos mais distinctos estudantes portuenses.

Alexandre da Conceição, Custodio Duarte e Manoel Duarte de Almeida viam-se sempre juncto d'elle.

Então conheci, de vista, os dois primeiros, dos quaes depois fui amigo.

Os irmãos, Custodio Duarte e Manoel Duarte, sequestraram-no, levando-o e a Antonio de Azevedo Castello-Branco, que estavam hospedados na *Hospedaria Estanislau*, na Batalha, para a casa em que viviam.

III

Anthero e Filippe de Quental. Uma grave doença.

Foi no inverno do anno lectivo de 1863 a 1864 — parece-me que em dezembro ou janeiro — que tive occasião de conhecer a affectuosa ternura, que ligava os dois.

Marco aquelles dois menses desse anno, porque na primeira epocha d'elle, Alberto Sampaio, pela atracção pelo irmão e por Anthero, ainda esteve em Coimbra sob pretexto de frequentar uma cadeira do curso administrativo; e, quando se passou o que vou contar, já não estava.

Chamado pela mãe, tinha ido para junto d'ella. Não tive a honra de conhecer essa senhora, mas ella devia ter as virtudes da mãe dos *Gracchos*.

Ausente de Coimbra, Alberto achava-se na honrada casa de *Boamence*, em S. Christovão de Cabeçudos (Fa-

malicão), onde nasceu José, e onde depois quando residia em Villa do Conde, Anthero tinha um quarto, que só a elle pertencia e sempre preparado para recebê-lo.

(Alberto nasceu em Guimarães).

*

* *

Viviam, n'esse anno, Anthero e seus companheiros na rua da Trindade n.º 16.

E' a chamada casa da ilha, porque fica isolada, sendo cortada pela rua dos Militares e pelo prolongamento da rua do Borrvalho.

Anthero sentiu-se doente e teve de recolher-se á cama. Julgaram os companheiros que seria uma grande constipação, filha de resfriamento e proveniente este da falta de cuidados, que tinha com a saude.

Inda assim, foi participado o seu estado a Philippe de Qental. Este veiu, como medico, vêr o enfêrmo.

Assisti á visita. Foi no comêço da noite, depois do toque da *cabra*.

O tratamento, que entre si se davam era o de uma intimidade de irmãos, ou, melhor ainda, de entre pae e filho com muita ternura e desusada confiança.

Anthero — com a sua doce voz que nunca mais esqueceu a quem se acostumou a ouvi-la — chamava-lhe *pae Philippe*; e este tratava-o por *compadre Anthero*. Nenhum d'elles teve filhos.

Chegando o medico, entrou no quarto do doente, tomou-lhe o pulso, e, com o seu ar bonacheirão, disse: *não é nada, compadre Anthero, não é nada!*

Receitou e foi para o quarto de José Sampaio conversar. Para lá fomos todos.

Digno tio de Anthero na intelligencia e na bondade, physicamente era um typo inteiramente diverso: alto, cheio, bojudo, suissas e cabellos negros, e usando oculos escuros.

Muito illustrado e possuindo a livraria do pae, onde Anthero muito se instruiu! Muito relacionado com politicos e litteratos.

Havia sido no *Theatro Academico*, um actor comico de distincto merito, e ninguem contava com mais espirito uma anedocta, sublinhando-a apenas com um ligeiro e especial tremer dos labios.

N'essa primeira noite da doença de Anthero, elle teve todas as honras do cavaco.

Anedoctas; casos da academia anteriores á nossa época, de que era chronica viva; casos picarescos da sua primeira mocidade, na ilha de S. Miguel; aventuras galantes d'esse tempo, tudo salgado com a sua graça, para ali trouxe o bom Filippe.

*

* *

Voltou na noite seguinte e repetiram-se as mesmas scenas.

Anthero tinha febre, mas conversava. Ao terceiro dia porém o doente peorou muito. A febre era muito alta.

Chegou Filippe com a sua alegria costumada.

Tomou o pulso ao doente. Examinou-o muito demorada e cuidadosamente.

De repente a phisionomia transtornou-se-lhe! O tremer dos seus labios não era o que tinha quando contava casos alegres!

Sahiu do quarto e desceu as escadas, porque isto se passava no andar superior.

Em vez de se dirigir para o quarto de José Sampaio, dirigiu-se para a porta da sahida.

Levantou a gola do sobretudo como para esconder o rôsto. Falando baixo a José Sampaio, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos. O medico experimentado sentiu-se sem serenidade para o combate, que havia a travar com a doença.

Muito enfiado, ouvimos dizer-lhe: *eu mando cá o Lourenço.*

*

* *

N'essa mesma noite, tomou conta do enfêrmo o distincto professor, grande e sympathico clinico, Dr. Lourenço de Almeida Azevedo.

Anthero tinha um perigosissimo ataque de *berigas!*

Os frequentadores da casa offerecêmonos para auxiliar os companheiros em todos os serviços, de que precisasse o doente.

Em uma noite, que passei junto d'elle com Frederico Philemon, o enfermo delirava.

Conversava com os grandes poetas: com Camões, com o Dante, com o Petrarca, que por essa occasião lia.



Frederico Philemon

Interrogava-os. Exigia-lhes que lhe respondessem!

De repente teve um ataque de choro. Quiz levantar-se para procura-la—dizia!... porque a tinha perdido... e não podia viver sem ella... a *Consciencia!*

E chorava muito... porque a não encontrava,—a *Consciencia!*

*

* *

Vieram as melhoras depois de poucos dias. O perigo passou.

Lembrando-nos do que elle depois produziu; do papel moral e litterario, que desempenhou; da influencia que teve sobre tantos espiritos, é que bem póde apreciar-se a perda enorme, se elle então tivesse succumbido.

IV

Anthero aprendiz de dansa

Anthero tinha por vezes simplicidades de creança.

Elle, que era um triste, tinha tambem alegrias sinceras como as dos annos infantis! Parece proprio da maldicta doença, que lhe amargurou a vida e afinal o victimou!

Ouviu-nos falar, uma vez — a mim e a Philemon — em umas dansas, em que, com outros rapazes, nos andavamos a exercitar em casa de um nosso condiscipulo, que deve ter ido desta vida para outra em passo de dansa! Era insigne dansador, e morava á Sé Velha, na casa da esquina vindo da rua da Ilha. Anthero disse-nos logo que tambem queria ir; que era uma prenda que lhe faltava e queria completar-se!

Lá foi duas noites para entrar no regimen constitucional da dansa, que era como elle chamava ás quadrilhas e lanceiros.

Mas, como elle esteve alegre, n'essa noites! Como brincou e riu! . . .

V

No anno de 1862-1863

É este, quanto a mim, o mais feliz anno da vida de Anthero, em Coimbra.

É o anno do seu maior calor pelas cousas da academia. É o da sua mais radiante gloria e predominio moral.

É o anno da Fé e Esperança no futuro!

Morava com os seus companheiros aos *Palacios Confusos*, ou antes na travessa, que d'ali segue para a *Cou-raça de Lisboa*, perto da casa, onde tantos annos viveu e morreu a pobre Amelia Janny.

É o anno, em que se revela a existencia da *Sociedade do Raio*, fundada no anno anterior, e de que era um dos chefes com José Sampaio e José Falcão.

Os socios não se conheciam. Reuniam por decurias em casa dos chefes destas, e, como dez estudantes, em casa de um outro estudante, não causavam reparo, manteve-se o segredo. Só depois de 8 de dezembro é que houve a reunião, a que se refere Marianno Machado, no seu interessante artigo do *In Memoriam*, escripto com a probidade moral e litteraria, que sempre o distinguio. Muito interessantes as surpresas, a que este se refere! Nessa reunião, effectuada na casa que fica ao fundo da rua dos Loyos, e presidida por Anthero, este revelou o extraordinario poder de sugestão da sua palavra.

*

* *

Logo no começo do anno lectivo, em 21 de outubro, pelas 6 horas da tarde, entrou em Coimbra o principe real de Italia, que depois foi Rei Humberto. Consta das noticias da sua viagem, publicadas no Diario do Governo, n.º 262. Dirigia-se ao Porto a visitar os logares, onde passou os seus ultimos dias e onde morreu seu avô, o Rei Carlos Alberto.

A unificação da Italia e as épicas façanhas de *Garibaldi*, desde os annos anteriores que despertavam o maior enthusiasmo na mocidade de Coimbra.

Reuniu-se uma assembléa geral, no Theatro Academico, para ser nomeada a commissão, que havia de ir cumprir o principe italiano em nome da Academia.

Contra a praxe de escolher só *ursos* (estudantes premiados) para essas commissões, conseguimos, pelas disposições que tomámos, calor e energia com que gritámos, eger Anthero e, na quasi totalidade, rapazes do seu grupo.

Vou pôr aqui a felicitação, escripta por Anthero, e copiada por mim antes de assignada, transcripta, prosa unica, no meu caderno de versos de João de Deus, onde vou buscal-a. Não tinha as reticencias e parenthesis, que lhe pozeram no livro consagrado á memoria de Anthero, como — hão-de reconhecer — não era proprio, nem delicado.

Dizia assim :

Principe :

Os estudantes da Universidade de Coimbra, filhos e netos dos heroicos defensores do Porto, saúdam, em nome da fraternidade de dois povos irmãos, o neto de Carlos Alberto ; a mocidade liberal portugueza saúda, em nome da liberdade do mundo catholico, o filho de Victor Manuel.

Á mocidade portugueza não lhe soffre o coração, que não recorde com saúdade a memoria do heroe infeliz, que, escolhendo por ultimo

leito uma terra de homens livres, prestou, ainda na morte, homenagem á liberdade; não lhe soffre o espirito impaciente, ainda que oppresso por um phantasma do passado, que não vire os olhos para as bandas da luz, aonde, no meio dos combates, se enlaça o braço do rei com o braço do povo.

Não é ao representante da casa de Saboia, que vimos prestar homenagem: é ao filho do primeiro soldado da independencia italiana, esse, de quem os reis da Europa aprendem como, neste seculo ainda, se pode ser popular sendo-se rei; de quem a Italia espera resurreição completa: de quem espera a Igreja Christã uma nova época de verdadeira grandeza e de liberdade verdadeira.

Aos votos da Europa intelligente: aos votos da Europa popular; aos votos dos que trabalham pela santa causa dos povos, unimos os nossos, sinceros como a nossa idade, e como ella cheios de muita fé, para que a patria de Garibaldi possa reaver o sagrado patrimonio da sua nacionalidade; e para que o coração da Italia, que o é tambem do mundo christão, pulse com igual energia pela liberdade politica e pela liberdade religiosa.

Pela fórma, que ahi fica, sem discrepancia alguma, foi publicada, logo depois, no n.º 913 do *Conimbricense* e no n.º 247 do *Commercio do Porto*, do dia 25 de outubro de 1862. Verifiquei agora.

A commissão academica, que apresentou esta saudação ao principe italiano, era composta dos seguintes estudantes: *Anthero de Quental* (presidente), *José Falcão*, *José da Cunha Sampaio*, *José de Sá Coutinho*, *Antonio Bernardino Cerqueira Lobo*, *Henrique de Macedo Pereira Coutinho*, *Marianno Machado de Faria e Maia* e *Eduardo David e Cunha*. (1)

(1) Entre esses nobres rapazes, signatarios da mensagem ao principe italiano, havia um que não só não estava filiado na Sociedade do *Raio*, mas quasi se podia considerar o chefe do grupo, que lhe era hostil, tendo sido até, segundo as minhas impressões e lembranças, quem deu origem ao nome d'ella. Era Antonio Bernardino Cerqueira Lobo, estudante muito distincto, segundo premiado do seu curso.

Foi elle que, em virtude de umas exclamações, attribuidas a Anthero e Germano, em tarde de trovoadas, começou a chamar-lhes —

*

* *

Os cumprimentos ao príncipe foram-lhe apresentados no dia 22.

À noite, houve recita de gala no *Theatro Academico*, sendo estudantes todos os actores.

O enthusimo foi delirante quando um dos actores, o estudante do 5.º anno juridico *Antonio Filho Machado*, recitou a formosa poesia de Anthero, escripta para essa recita, e que se intitula—*Italia e Portugal*. Começa assim:

Italia e Portugal ! que duas patrias !
 Ambas tão bellas, tão amadas ambas !
 Uma a patria do berço ; outra a das almas :
 Uma a das artes ; outra a dos combates !

os do Raio e aos rapazes que conviviam com elles — a *soçiedade do Raio* ! Perfilhou-se a denominação.

D'aquelle grupo proveiu, mais tarde, outra denominação. Passaram a chamar-nos o grupo dos *Traças*, isto é, pequeninos bichos de destruição.

Como tínhamos a lingua prompta, demos-lhes, alludindo ao seu conservantismo, o nome de *Os Sopas*.

Estas divergencias e denominações, que — diga-se em honra de todos, — nunca chegaram á quebra das relações pessoases, appareceram na imprensa academica, como pode ver-se no *Attila*.

*

* *

Dos membros da commissão, que com tanta galhardia, falou ao príncipe estrangeiro, só vive um que era então rapaz muito sympathico e estudante muito laureado e é e tem sido engenheiro distinctissimo.

Marianno Machado de Faria e Maia ! Permitta Deus que a sua vida se prolongue para continuar a honrar a geração academica, a que pertenceu.

Tinha versos como estes :

Quem derruba, sobranceiro,
Altos colossos por terra?
Quem é que faz d'uma guerra
A festa do mundo inteiro?
Um homem?

Não!

A Justiça? . . .

Deus! o unico juiz
Dos povos na grande liça!

*

* *

Anthero e Fialho Machado foram depois ao camarote do principe, que lhes agradeceu e apertou muito a mão.

*

* *

Foi em novembro, e não em uma noite de maio ou junho, o que collocaria o acontecimento no anno lectivo anterior (como inexactamente se diz a pag. 151 do *In Memoriam*) que se realizou a primeira manifestação da sociedade do *Raio*; e não a proposito da volta de Lisboa do deputado Bernardo de Albuquerque, como tambem com esquecimento se diz. Não foi este que chegou de Lisboa, mas a noticia da sua nomeação de professor da Universidade, que tem a data de 27 de novembro de 1862, como consta do *Diario do Governo* e do *Anuario da Universidade* de 1901 a 1902 (1).

E' que, com verdade ou sem ella, tinha corrido que o reitor era hostil a este candidato e que desejara que elle

(1) Veja-se a nota 4.^a.

fosse preterido no concurso, filiando-se essas animosidades na critica por elle feita á decisão dos decanos, que impoz a pena de expulsão perpetua a Vieira de Castro.

Por isso os dirigentes da sociedade resolveram que fossemos, em grande manifestação, felicitar o novo professor pela sua nomeação.

*

* *

Passou-se isto nos ultimos dias de novembro. Era um ensaio. Pouco mais de uma semana depois se realizou o grande acto, em 8 de dezembro.

Esse acto consistiu na assistencia, com todo o socego e compostura, á solemnidade da distribuição dos premios na *Sala dos Capellos*, sendo ouvido, com fingida attenção, o longo discurso do decano; mas voltando as costas e sahindo da sala, logo que o reitor, Basilio Alberto, começou a falar lendo o discurso preparado para a occasião.

O caso fez ruido e teve diversas apreciações.

O manifesto ao paiz, explicando-o, e tomando a responsabilidade do acto, de que Anthero foi auctor e primeiro signatario, é um documento notabilissimo, que ainda hoje, apezar da fria velhice, me honraria de tornar a assignar, feitas algumas poucas restricções, que uma maior experiencia e uma menor ignorancia me levariam a fazer.

*

* *

Este movimento de espiritos foi iniciado, no anno anterior, por aquelles bellos versos, que *Fialho Machado*, em maio de 1862 tambem recitava, nos quaes o actor *Simões* era apenas o pretexto para esse verdadeiro hymno do nosso sentir.

Qual de nós, d'esse tempo, se não lembra d'elles :

O sol do bello a todos alumia !
 Sua aureola cinge cada fronte.
 Bem como o rei do dia, mal desponte,
 Dá luz igual a todo o ser creado !
 Esse baptismo sancto envolve e lava
 Todos na mesma onda inspiradora !
 Queima com a mesma chamma abrazadora,
 Orvalha em igual pranto derramado !
 Juntas as almas, que o sentir enlaça,
 Commungam, como irmãs, na mesma taça.

.....

*

* *

São da mesma época a *Beatice* e o *Fiat Lux*. E ainda aquelles versos de tão delicado lyrismo, que tanto enthusiasmo produziam, quando a elegante actriz, a quem foram dedicados, os cantava no *Theatro de D. Luiz*.

Quem é que, n'esse tempo, não trazia nos ouvidos a musica d'estes versos :

O beijo

Pudesse eu nessés teus labios,
 Filha! dar-te beijos mil!
 Dar-te a morbidez do afago
 A esse teu collo gentil,
 Pudesse, estrella dourada,
 Arrancar-te ao ceu de anil!
 Roubar-te, cordeira branca,
 E trazer-te ao meu redil.

Eu tenho a luz dos meus olhos
 No brilho do teu olhar!
 Gemma! Perola! Espelho!
 Onde me estou a mirar!
 Tenho tudo isso, tenho!
 Não me posso contentar!
 Meu sonhado paraíso
 Era essa bocca beijar!

.....

Que trovoada de palmas quando a actriz, que tinha uma agradavel voz e um collo gentil, como dizem os versos, — *collo de garça* como a linda Ignez, — acabava de cantar!

Falleceu, ligada a familia illustre, ainda não ha muito, rica e avó!

Sic transitt gloria mundi!



VI

Sua piedade pela mulher

Anthero tinha uma grande piedade pela mulher. Não menor do que a de *Michelet*, que elle tanto admirava. Era muito apreciado por elle o *La Femme* do grande escriptor francez.

Essa piedade era acompanhada de um sentimento cavalleiresco de defesa e protecção pelo ser fraco e delicado, que, como diz *Oliveira Martins*, elle considerava o symbolo da propria vida.

Esse culto pela mulher manifesta-se logo nos seus primeiros annos de escriptor.

Sinto não poder transcrever aqui alguns trechos de dois bellos artigos seus: um publicado nos *Preludios Litterarios* e outro na *Estreia Litteraria*.

Intitula-se o primeiro *A educação da mulher* e o segundo *A influencia da mulher na civilisação*, reproduzidos ambos na *Bibliotheca da Aurora do Cavado*.

Contarei um factó presencial. Acompanhava-o, uma noite, por uma rua de Coimbra. Em certa casa habitada

por casal, que nos era inteiramente desconhecido, senti-mos ralar e depois o chôro de uma mulher.

Suppozemos que o homem a maltratava. Anthero com-moveu-se logo extraordinariamente! Quiz intervir! Quiz bater á porta! Queria entrar, queria proteger a mulher, que ali chorava! Tremia! Custou-me a contel-o! Era uma desconhecida! Se fôra uma sua irmã, que ali estivesse sendo victima, não ficaria mais agitado! Não lhe despertaria maior sensibilidade!

Era ~~uma~~ vulgar contenda entre esposos de certa es-phaera, que logo se apasiguou. Restabeleceu-se o silencio. Mas, só passado algum tempo, só depois de bem assegurado de que uma mulher não estava ali sendo victima de maus tratos, é que consegui arrancar-o daquelle logar.

*

* *

Contarei um outro caso, que fez ruído no meio aca-demico. A elle se faz uma escura referencia no *In Memoriam*, e merece ser conhecido em todas as suas circums-tancias.

Esse caso deu origem a uns formosissimos versos bastante desconhecidos. Foram depois publicados nas *Primaveras Romanticas*, livro muito difficil de encontrar, e estão disfarçados com o titulo *Une femme qui tombe*, que não era o primitivo. Este era *Ermelinda*. Para bem apreciar essa formosissima poesia é preciso conhecer-lhe toda a historia.

Vou contal-a:

Anthero foi sempre — como com verdade escreveu Vasconcellos Abreu — uma alma pura e, em toda a sua vida, um idealista.

Posso unir o meu testemunho aos invocados por Souza Martins para confirmar a apreciação de que elle não amava com interesse da posse; amava divinizando a mulher.

*

* *

Uma tarde, dois amigos obrigaram-no a uma apresentação a uma infeliz rapariga, recentemente chegada a uma casa da *Couça dos Apostolos*. Não era essa infeliz destituida de dotes de belleza. Chamava-se *Ermelinda*.

Anthero, mantendo-se tímido, conservou para com a desventurada toda a innocente delicadesa da sua alma de poeta.

Entrementes ahi appareceu Vieira de Castro, que tinha temperamento e habitos muito differentes. Fez e disse-lhe cousas varias. A desgraçadinha ainda não tinha perdido inteiramente o pudôr de mulher. Saltaram-lhe as lagrimas! Anthero commoveu-se e fugiu logo d'aquella casa!

*

* *

Na mesma noute escreveu os versos, que poucos dias depois appareceram no *Attila*, jornal litterario de *Rodrigo Velloso*, com o titulo *Ermelinda* e uma carta dirigida ao redactor d'esse jornal.

Para aqui transcrevo a carta e os versos, taes como foram publicados :

Sr. Redactor (1)

Peço-lhe a publicação dos versos que seguem. É a poesia mais sancta que jámais escrevi, porque se chama consolação, e seguramente a mais bella, porque é uma boa acção.

Não sei, nem já agora espero sabê-lo, para que bandas do horizonte fica o ceu, que Deus nos guarda. Mas deante da fatalidade que a terra prende á barra do vestido de certas mulheres, como um lôdo pesadissimo, que as puxa para baixo a cada hora e as calca n'estes chafurdos da vida; deante d'esse mysterio, a alma vê claro, dentro em si, o que os olhos da cara não alcançam; e no escuro brilha uma luz

(1) Tem nota no fim.

como nenhum ceu de primavera a teve jámais, — a luz da primavera das almas, chamada *esperança!*

No meio da impotencia dos systemas dos philosophos e das religiões dos theologos, a immortalidade aparece, como uma aurora infinita, em uma pequena gotta de agua, n'uma lagrima de mulher!

Chega-se á crença pelo soffrimento, porque só elle nos pode dar a impressão profunda da *necessidade* de uma compensação, o sentimento da justiça. É isto exactamente o que os systemas não dão. Se Christo tivesse *philosophado* á maneira de *Hegel*, em face das dôres do seu povo, não passaria o seu nome, hoje, de um d'esses muitos que lêmos, ou antes não lêmos, nos *in-folios* que tratam de archivar as argucias do espirito humano para riso das pessoas das gerações futuras.

Chorou, sentiu, soffreu com os mais tristes e os mais mesquinhos; é por isso que foi Christo.

Ha-de parecer-lhe extranho, sr. Redactor, que seja eu (que ha tanto tempo perdi o nome de christão) que venha falar destas cousas em terra onde ha tantos e tão bons!

Que quer? este seculo é um paradoxo, e até na minha fraca pessoa quer ter mais uma prova d'este espirito de contradicção.

Depois, sr. Redactor, nós outros, os excommungados, quando nos expulsam da Igreja, temos a consolação de encontrar á porta o christianismo, o que nos abre o seio para n'elle escondermos a cabeça carregada de duvidas, magoada de incertezas e dôres sem conta. Ficam-se os sacerdotes e os eleitos da Fé com os seus templos, os seus altares, a sua consideração e as suas prebendas, nós com Jesus Christo. Não tendo já direito de vêr e amar a Deus na pedra das aras, na letra gothica dos missaes, ou na penumbra dos confissionarios, soletramos o Evangelho nos olhos dos tristes; e palpamos o vasto coração do Nazareno dentro dos peitos que as tristezas da terra encheram das infinitas esperanças do ceu.

Isto traz-me ao assumpto d'estas linhas.

Eu ouvi uma manhã d'estas falar (1) do Christianismo, como um douctor da Igreja (ou, ao menos, como um doutor da Universidade) a um homem, cuja certidão de felicidade lhe anda estampada, desde as faces ao ventre, na sanguinea redondesa de uma personalidade de Imperador Romano de outros tempos, ou deputado de hoje, o que julgo ser tudo um.

Fêz-me pasmar aquillo! Admirei, na minha humildade, o seculo em que os apóstolos do Christo, sellada emfim a paz entre o corpo e o espirito, podem já crear ventre e faces floridas de Pangloss, sem que com isso nada percam da sua seraphica sublimidade.

A' noite, esse mesmo apóstolo fazia corar uma mulher publica

(1) Refere-se a umma licção dada em uma aula.

com a irritante descripção de certos refinados prazeres, que nada deixariam a invejar aos da Roma de Juvenal, se não fossem infinitamente menos grandes e infinitamente mais porcos.

Compreendi então o Christianismo d'estes martyres barrigudos! E, como já disse, é forçoso que em tudo apareça o paradoxo do seculo, entendi eu, emfim, que era á minha impiedade que competia ensinar a estes christamões que as azas com que se vóa ao ceu, tanto as podem ter hombros vestidos de setim, como com vestidos de chita de pataco; que fazer chorar os que um destino mau curva até o chão é, alem de dureza, cobardia excessiva; e que, emfim, o respeito devido á mulher tem de se medir na proporção da infelicidade d'ella, e nunca na da desconsideração que lhe possa dar este estúpido mundo, onde em trevas vamos expiando não sei quaes escuras culpas de outro passado mysteriosissimo.

Não querem dizer outra cousa os versos que se seguem.

Coimbra, 6 de fevereiro de 1864.

ANTHERO DE QUENTAL.

Ermelinda

...une femme qui tombe!

V. H.

Ao meu amigo J. F. (1)

Quem te deitou, innocente,
Tremendo de frio e dôr,
Sobre o monturo da vida,
Como cousa sem valor;

E essa face dolorida
Te fez empallidecer
Com o olhado da miseria
Com o beijo do soffrer;

Pôde gelar-te esses membros,
Encher-te de palidez;
Furtar-te o chão da existencia,
Cada hora de sob os pés;

(1) José Falcão.

Mas o que essa mão não pôde,
Com a gelada pressão,
Foi tirar-te o dom das lagrimas
Foi seccar-te o coração !

Chora, pois ! Deus vê as almas !
O mais é cousa mortal !
Vê-as só, quer os ais saiam
Do palacio ou do hospital !

Sua mão, se faz estrellas,
É de almas que anda a colher !
Se, pois, o espirito sobe,
Bem pode o corpo descer !

Que importa onde os pés se firmem,
Se é porque o olhar se erga á luz ?
Bem podre é o chão dos mortos
E mais lá se hasteia a cruz !

Cómo aos poços mais sombrios
Chega um raio de luar,
Podem tambem nascer lyrios
Á porta de um lupanar ;

E os seios que o mundo compra,
Em crapuloso leilão,
A que preside a miseria,
Podem ter um coração !

Temos todos visto, ás vezes,
Sahir uma luz ideal
De cabeças que se encostam
Na enxerga de um hospital !

Ah ! deixa correr teu pranto
Sobre o chão do lupanar !
É sementeira de dores
Que andas triste a semear !

Que passe o inverno por cima !
A primavera ha de vir !
As dores que tu semeias
É no ceu que hão-de florir !

Lá são contadas as lagrimas
Que aqui se vão a chorar !
Por baixo de nossos olhos
Anda-as Deus sempre a aparar !

Eu creio na Providencia !
O tronco sêcco da Cruz
Rebenta no Paraiso.
Para dar flôres e luz !

As faces que empallidecem
Ha-de Deus ainda corar
Com o reflexo dos cyrios
Que ardem lá no seu altar !

E, se os olhos se anuviam
Escurecendo-se, Deus
Faz dos escuros da terra
A aurora eterna dos Ceus !

Que sôpro de espiritalismo religioso e de superioridade moral perpassa n'esses versos! Que sancta tolerancia! Que doce caridade!

Não seriam muito outras as palavras com que o sublime Nazarêno socegou o espirito perturbado da peccadora Maria de Magdala!

VII

Espiritalista eram para elle abominaveis todas as abjecções do materialismo.

A sua alma pairou sempre nas regiões sublimes da Fé, da Esperança e do Amôr!

A mulher merecia-lhe culto como fonte do amôr e da vida!

A cada passo se encontra este sentimento nos seus versos. Só teriamos diffiiculdade na escolha.

Mas não resistimos a trazer para aqui algumas das estrophes, tão sentimentaes e tão bellas, da *Beatrice*:

Bem como a gota d'agua ao pobre insecto inunda,
Inundem-me d'amor teus olhos — ceu e luz —
A quem pedimos nós que amor ao peito infunda?
Ao seu symbolo — á cruz —!

Abre-te, asylo santo, unico, eterno abrigo,
Ó seio virginal, ó seio de mulher!
É mãe, e irman, e amante! é este o seio amigo!
Eu quero inda viver!

Ó infinito! Ideal! Visão, que mal presinto!
Transfigura-te aqui! deixa cahir teu veu!
Quero palpar e ver a Deus, n'isto que sinto!
Quero antever o ceu!

Venham-me esta alma ungir palavras do teu labio
Que mestre ha hi que valha um labio de mulher?
Que livro folheou o Christo, o maior sabio?
Quero a vida aprender!

Coração! coração! eia! resurge! vive!
Ja pôde á voz do amor um morto resurgir . . .
É tu não te has de erguer, ó coração que tive?
Quero ainda sentir!

Afunde-me no mar da vida pelo affecto;
Quero sentir-lhe a vaga em mim tumultuar:
— De vida o oceano é pae, de vida anda repleto —
O amor! que immenso mar!

Irman! dá-me do manto alvissimo uma ponta,
Onde me envolva todo um raio d'essa luz . . .
Não é a cruz quem vê o dia mal desponta?
Tu és a minha cruz.

.....

Oh! vem! se ás maguas ando á muito affeito,
 Junctos podêmos contra a dor lutar:
 Não podem maguas contra um peito amigo . . .
 Oh! vem, que eu soffro! vem soffrer comigo . . .
 E então meu peito,
 Ha de acalmar!

Se soffres, soffro: quem não pisa abrolhos?
 Quem rosas colhe sem lhe a mão sangrar?
 Mas, quando a angústia me negar confôrto
 D'um pranto, ao menos, a meu peito absorto
 Volve teus olhos . . .
 Hei de chorar!

Oh! vem! que eu soffro! vem trazer-me a calma,
 Que anhele e busco no teu puro olhar!
 Se a minha estrella se apagar sumida,
 Oh, surge, surge, no meu ceu da vida . . .
 E então minha alma . . .
 Ha de exultar!

.....

Sabendo-se que esse formosissimo poemeto da *Beatrice* foi uma das producções que elle quiz depois destruir e fazer desaparecer, póde calcular-se quantas preciosidades perdidas!

VIII

Ainda em Coimbra

Anthero, assim como o seu companheiro Eduardo de Andrade, completaram a formatura no fim do anno lectivo de 1863 — 1864.

Mas ainda no anno seguinte continuou a residir em Coimbra, na companhia de José Sampaio e Frederico Philemon, morando na casa da rua do Borrvalho, que faz esquina para a rua da Trindade, do lado superior, á direita, descendo.

E' n'essa casa que elle escreveu a *Defeza da Carta Encyclica de sua Santidade Pio IX.*

Sempre pensador e sempre poeta, é n'essa casa que escreve, ou burila muitos dos seus sonêtos. Havia já a edição de vinte, feita por *Santos Valente* em 1861, precedida de uma brilhante prosa de auctor d'elles. Foi apenas tirado um muito limitado numero de exemplares para distribuir pelos amigos.

*

* *

Anthero era um conversador de raro encanto! Conversando, a phantasia de poeta não lhe fazia perder a clara visão das cousas! Punha as questões com a mais perfeita e admiravel clareza e nitidez. Dahi a irresistivel seducção da sua palavra.

Aspirando a um mundo melhor, era um propheta, um vidente, um apostolo!

Parecem feitos para elle os bellos versos de *Victor Hugo*:

Le poete en des jours impies
Vient préparer des jours meilleurs,
Il est l'homme des utopies
Les pieds ici, les yeux ailleurs.
C'est lui qui sur toutes les têtes,
En tous temps, pareil aux prophètes,
Dans sa main, où tout peut tenir,
Doit, qu' on l'insulte, ou qu'on le loue,
Comme une torche qu'il secoue,
Faire flamboyer l'avenir ! (1)

(1) *Les Rayons et les Ombres, Fonction du Poete.*

*

* *

As suas maximas de probidade moral e probidade litteraria, que eram inseparaveis para elle, exprimia-as, no fim d'esse anno de 1865, pela forma seguinte :

«A condição da grandeza, da belleza, da bondade, a «primeira e indispensavel condição não é o talento, nem «a sciencia, nem a experiencia; é a elevação moral, «a virtude da altivez interior, a independencia da alma, a «dignidade do character. Porque a intelligencia dos habeis, «dos grandes, dos esportissimos é muitas vezes cega em «lhe faltando uma coisa bem pequena, que se encontra «nos simples e humildes,— a boa fé.»

Isto escrevia n'aquella admiravel carta — *Bom senso e Bom gosto*, que é o Evangelho da dignidade litteraria, com que levantou a celebre *Questão coimbrã*.

No principio do anno lectivo de 1865 a 1866, em que ainda estive em Coimbra, é por certo que morou na casa do Largo de S. João, a que se refere *Eça de Queiroz*, e na qual estreitou relações com este.

Os seus antigos companheiros, e quem escreve estas linhas, tinham terminado os seus estudos em julho anterior.

*

* *

Durante todo esse largo periodo da sua vida de Coimbra, elle não teve só o brilho do seu talento genial. Resplandeceu a luz da sua alta dignidade moral. Foi um paladino da honra! Pelas suas lições e exemplos teve uma grande influencia na educação do character de muitos homens da sua geração. Deveria continuar a tê-la!

E' tambem sobre este ponto de vista que merece uma grande homenagem a sua memoria!

IX

.....

 Decorreram vinte e dois annos! Quantos trabalhos e luctas! Quantas illusões perdidas! Quantas aspirações, bem modestas e sanctas, esmagadas! Quantas dôres! Quantos mares percoridos: o Atlantico, o Mediterraneo, o Mar Vermelho, o Oceano Indico e o Mar da China!

Pude dizer!

Longe por esse azul dos vastos mares,
 Na soidão melancholica das aguas,
 Ouvi gemer a lamentosa alcyone,
 E com ella gemeu minha saudade! (1)

Depois de *vaguear pelos palmares onde rugo o tigre*, recolhi á patria; mas, quando julgava ter entrado no ambicionado porto amigo, foi ali que se me levantou uma des-carroavel tempestade! Fugindo-lhe, em busca de alguma paz para o meu espirito, torturado pela infernal doença que a crise moral provocou, fui acolher-me ás praias açorianas!

Cheguei a Ponta Delgada no dia 25 de julho de 1887. Passados dois ou tres dias, fui a bordo do paquete *Açor* para me despedir de uns companheiros de hotel e dos serviços que professavamos, os quaes partiam para o continente.

Entrando na camara do paquete, deparou-se-me ines-

(1) Garrett, Camões, canto V.

peradamente Anthero de Quental. que conversava muito attentamente com o distincto professor e causidico michaelense, o sr. dr. Aristides Motta, que, n'esses momentos, unicamente o acompanhava.

Olhando-me, reconheceu-me logo ! Apertámos as mãos. Dada a explicação da minha estada alli e ouvindo-lhe a de que ia regressar ao continente, afastei-me para que proseguissem na conversação interrompida por minha causa.

Pouco depois, o paquete lavantava ferro e de nôvo apertámos as mãos.

*

* *

No verão de 1890, fui viver para o Porto.

Um amigo muito querido, que accidentalmente ali se encontrava, disse-me um dia que ia a Villa do Conde visitar um parente. Disse-lhe que o acompanhava para visitar Anthero de Quental.

Chegado lá, foi mostrar-me a casa do poeta e commigo entrou n'ella o digno juiz da comarca, antigo condiscipulo de Anthero, o sr. dr. Manoel Alves da Silva, hoje juiz de segunda instancia aposentado.

Recebeu-me com a sua grande e dôce bondade. Fallando-lhe da sua encantadora ilha, disse-me que breve para lá iria e definitivamente.

«As minhas pupilas — acrescentou — já completaram a «sua educação; e por isso já não tenho que fazer cá no «continente. Julgo o meio da minha terra mais adequado «para ellas.»

Sancta alma! As suas pupilas eram as duas filhas illegitimas de Germano Vieira Meyrelles! Nasceu uma já depois de morto o pae.

Alberto Sampaio tratou de provêr á subsistencia da mãe e levou a menina, que já era nascida, para a sua companhia. Mas Anthero disputou-lha. Não cedeu, e tomou conta de ambas! Creou-as, educou-as como suas filhas! Legou-lhes a maior parte dos seus modestos haveres!

*

* *

Que belleza moral a d'estes dois homens!

Morto o amigo, não disputam a successão dos seus bens, dos seus direitos ou interesses, como é commum e todos os dias se vê!

Disputam substituil-o nos onerosos encargos e obrigações de pae!

Disputam a entrega de duas pobres creanças, que só teem por si uma mãe desvalida e sem nome, que elles protegem até á sua morte!

Que lealdade de affectos prolongada além da vida e até taes extremos!

Que raro exemplo moral d'essa lealdade dado a tanta gente, que engeita as obrigações do sangue; ou se serve dos laços d'este para melhor occultar a hypocrisia dos affectos e perfidamente effectivar a traição d'elles e os abusos da boa-fé!

*

* *

Sahindo de casa do poeta, poucos passos andados, encontrei-me com o amigo, que me tinha acompanhado do Porto a Villa do Conde, o qual era funcionario distinctissimo em Ponta Delgada, com talento, coração e alma, que o tornavam um grande admirador de Anthero.

Ambos lastimámos a resolução d'este!

Mal pensavamos, inda assim, que, volvido pouco mais de um anno, os nossos tristes receios se haviam de cumprir e que elle, com a sua palavra, elegante e sentida, seria um dos que, junto da sepultura aberta para receber o corpo inanimado de Anthero de Quental, em nome de tantos admiradores ausentes, lhe havia de dizer o ultimo *adeus* (1).

(1) Tem nota.

E mal pensava eu então que esse amigo querido, mais breve do que eu podia suspeitar, havia também, não longe da sepultura do poeta, dormir o somno eterno n'esse triste cemiterio de S. Joaquim!



Anthero de Quental, 1887

Para a campa de Anthero escreveu João Deus o unico epitaphio, que era digno d'elle:

Aqui . . . jaz pó; eu não; eu sou quem fui . . .
 Raio animado de uma luz celeste,
 Á qual a morte as almas restitue,
 Restituindo á terra o pó que as veste.

NOTA 1.^a

Cartas de Alberto Sampaio e Anthero de Quental

Boanense Junho 21, 1907.
Caluendos
Via Nova de Tanulicã

Meu caro Pisto D'avoro

Cuidei a ver se podia encontrar algum escrito inédito de Anthero que te servisse para uma nota. Creio que a carta junta terá parati o duplo valor de ser dirigida ao Foz: faz-te presente dela, e tens misto a maior satisfação, por teres sido amigo de conexão de ambos e de ambos ensinando um a um viva candade.

Deante á minha carta, não precisavas de autorização para a publicar, se assim te parecer bem: está ao teu inteiro dispor. Embora não lhe reconheça merecimento digno de ser a luz pública, tu julgarás, como bom juiz que és, e eu não apurei da tua sentença em última instância.

Recebe enfim um grande abraço e muitas saudades
Do teu velho amigo de e.

Alfredo Sampaio

José —

Fais attention à ce que j'écris.
 J'ai déjà écrit à mon père. Il ne m'a
 encore rien écrit. Tu ne fais rien,
 ni de bien ni de mal. Ne fais rien,
 que si, encore, à quelque chose,
 mais de ne pas faire de mal. Un
 homme inactif, pour le moins, n'est
 pas un homme pernicieux —
 et c'est un reproche.
 Si de là, au lieu d'aucun temps,
 et tout le monde conscient,
 o. j. actuellement me écris, te écris,
 ou mais extensivement.

Adieu.

Ten vol.

Anthony

NOTA 2.^a

Rodrigo Velloso

Este era o redactor do *Attila*, a quem Anthero dirigiu a carta de 6 de fevereiro de 1864 e pediu a publicação dos versos a *Erme-linda*.

Fundador e redactor do *Phosphoro*, do *Tira-Teimas* e do *Attila*, auctor de um livro, n'essa epocha publicado, que tem o titulo de *Folhas ao Vento*, Rodrigo Velloso era um rapaz de muito talento, illustração, graça e espirito, como revelou em todas essas publicações.

Nosso adversario nas questões academicas em que andamos empenhados, isso o afastava da nossa convivencia, mas foi sempre e inalteravelmente um grande admirador de Anthero e um dos que depois mais fez pela gloria do seu nome, reproduzindo-lhe os escriptos dos tempos academicos na sua interessante *Bibliotheca da Aurora do Cavado*.

Estudante, advogado, notario, nunca deixou de ser periodista!

Teve sempre um jornal seu! Em Coimbra fundou e redigiu aquelles tres jornaes litterarios. Depois de sahir de Coimbra, e ainda vivendo em Lisboa, manteve sempre a *Aurora do Cavado*, de Barcellos, e o *Boletim*

Notarial e *Forense*, sustentados á custa de muitos sacrificios, e que são repositorio interessantissimo da sua grande illustração e das suas qualidades affectivas.

Distinguindo-se por notaveis aptidões e por dotes de palavra, como orador forense, tinha, como maxima qualidade, a bondade!

Esta e a terrivel doença de uma impenetravel surdez lhe causaram as maiores difficuldades da sua vida, que não foi prospera e brilhante, como elle merecia por talento e virtudes.

Trabalhou e amou as letras até á ultima hora da sua existencia.

Teve a paixão dos livros! Sacrificava-lhes tudo: até a sua propria subsistencia e a da sua virtuosa familia!



Rodrigo Velloso

A sua enorme livraria, em que empregou muito mais de uma dezena de contos de réis ahi se tem vendido ao desbarato!

Ao que escreve estas linhas consagrou, desde os dias da mocidade até aos ultimos da sua vida, a mais affectuosa e leal amizade!

Foi um bom, um trabalhador e um crente!

Todos os que o puderam conhecer prestam o merecido culto á sua nobre e honrada memoria!

NOTA 3.^a

Julio Pereira de Carvalho e Costa

Este era o amigo, que me acompanhou a Villa do Conde, e que, com a commoção, que em carta me traduziu, foi um dos que disse o *ultimo adeus* a *Anthero de Quental*, em nome de tantos amigos e admiradores ausentes.

E ninguem tinha mais qualidades para ser o interprete de todos nós!

Era homem de exceptionaes facultades! Procurador regio juncto da Relação de Ponta Delgada, magistrado integro e de grande illustração; jurisconsulto; orador; jornalista; amante da poesia e da musica; cultor delicado da pintura; alma de artista, alma nobilissima; coração apaixonado do bem e do bello, e que não o podia haver melhor!

Tendo, por mais de uma vêz, percorrido as principaes cidades da Europa, tinha a lição dos livros e das viagens.

Natural de Aveiro, patricio de José Estevão, uma das suas paixões era o culto pela memoria do grande orador.

Lá jaz, perto de Anthero, no mesmo cemiterio de S. Joaquim!



Julio Pereira de Carvalho e Costa

Là, tu reposes, toi! Là meurt toute voix fausse.
 Chaque jour du levant an couchant, sur ta fosse,
 Promenant son flambeau,
 L' impartial soleil, pareil à l'espérance,
 Dore des deux côtés, sans choix ni préférence,
 La croix de ton tombeau! (1)

(1) VICTOR HUGO, *Les Voix Intérieures*.

NOTA 4.^a

Esta nota volta atraz! Retrocede! Mas eu não poderia antepôr a sua matéria á das precedentes.

É-me desagradavel o que tenho a dizer n'ella. Mas, tendo tratado da vida de Anthero em Coimbra; tendo falado do circulo de amigos, que a elle estiveram ligados por um reciproco e grande affecto, não me soffre o animo deixar em pé, e sem refutação, umas bem desastradas affirmações, que se encontram em um artigo do *In Memoriam* (pag. 152 a pag. 155).

Tal artigo, a alguns repeitos, interessante e escripto por pessoa intelligente, talvez porque, no largo decurso dos annos, a phantasia toma, muitas vezes, na memoria o logar da verdade; e tambem porque o escriptor se deixou dominar por um pensamento de *deprimir*, em vêz de ferir aquelles a quem quiz visar, ferio a propria sagrada memoria do amigo illustre, que queria glorificar!

Que cousas tão extraordinariamente incriveis ahi se lêem!

Diz-se que a attitudo de Anthero e as palavras por elle proferidas na assemblea geral da Academia, e que levaram esta, por occasião da *Rolinada*, a sahir de Coimbra e partir para o Porto, obedeceram a uma troça, combinada com o auctor do artigo, e a um premeditado desfôrço de Anthero contra os estudantes, contra os *idiotas* (diz que assim lhes chamou), que estavam apaixonadamente empenhados na questão levantada pelo indeferimento do pedido de perdão do acto em portaria do Duque de Loulé, que foi julgada grosseira e offensiva da dignidade e brios da mocidade academico-conimbricense d'essa epocha.

Diz-se ainda que Anthero, chegado do *Bussaco*, acompanhado de Antonio de Azevedo Castello-Branco, Filomeno da Camara e do auctor do artigo, vendo Vieira de Castro a perorar a um grupo, no *Arco de Almedina*, se lembrou de fazer a partida (aos *idiotas*) e de preparar o *guet-apens* (que outra cousa não era)! Que dirigindo-se ao orador do Arco de Almedina lhe dissera: «esqueçamos *antigas inimizades*; pode contar commigo, que pôngo á sua disposição *trescentos homens* e *outras tantas clavinas*, o que fêz com que Vieira de Castro, acreditando, lhe cahisse nos braços.»

E que, indo depois á reunião da Academia, os tres viajantes do Bussaco fizeram produzir a deliberação do exodo portuense!

Tanto teria de admirar-se a pacovice de Vieira de Castro como a

falta de respeito por si proprio, em Anthero, depois da recente carta ao redactor do *Atlla*, a que se chama *antigas inimisades!* Estava-se em fins de abril. A carta tem a data de 6 de fevereiro (pag. 100)! Uma antiguidade de dois mezes e tanto!!

*
* *

Quem conheceu Anthero para logo repelle a phantasia! Ninguem no mundo mais incapaz do papel, que lhe é attribuido!

Como é que aquelle (quero agora empregar as altas e nobres palavras de *Eça de Queiroz*) que foi *refulgente espelho de sinceridade e rectidão*; como é que quem possuia *aquella alma, de nascença toda limpida e branca, que quando Deus a recebeu, a encontrou tão limpida e tão branca como lh'a entregara*; como é que quem tinha *aquella lealdade magnifica, que resplandecia nos seus olhos claros como uma luz ás portas de um sacrario* . . . podia, premeditadamente, traiçoeiramente, só pelo prazer satânico de amesquinhar, querer levar a um despenhadeiro moral — perigosissimo para o futuro d'elles — tantos companheiros, que lhe consagravam a dedicação mais sincera e uma admiração incondicional e apaixonada?!

Não! Não é verdade!

Faz-se referencia, no logar citado, a *Antonio de Azevedo Castello Branco!*

Interroguei, ha annos, sobre essa referencia, este meu companheiro de cinco annos nas mesmas aulas, este velho amigo, este poeta de bondoso coração e nobre character. Não a confirmou!

*
* *

Poderia dispensar-me de nada mais dizer!

Mas, tratando-se de um passo tão importante na vida de Anthero, em Coimbra; e tendo, ha annos, escripto uns insignificantes artigos, em que procurei fazer a historia do exodo academico da *Rolinada*, vou reproduzir aqui uma parte do que então escrevi:

.....

«As tropas, que estavam em Coimbra, foram ainda julgadas insufficientes. Vieram mais tropas de Vizeu. Para o edificio dos Loyos, séde do governo civil, além da guarda de infantaria, que lá estava, foram mandados vir não sei quantos soldados de cavallaria, o que ia motivando um conflicto com estudantes, que, se não se tornou gravissimo, foi unica e exclusivamente devido á prudencia dos soldados.



D'ahi a ira e o cumulo da indignação!

Coimbra tinha realmente tomado o aspecto d'um acampamento militar. Nova convocação da assembleia geral.

Era ao anoitecer. O que escreve estas linhas, um dos mais frios e indifferentes a esse movimento, assim como quasi todos os rapazes, com quem convivia, resolveu ir a essa assembleia como simples curioso. Não costumava perder taes espectaculos!

A uma das portas do Theatro Academico, onde a assembleia ia reunir-se, não á porta principal, mas á da entrada para os camarotes, encontrou-se com o seu querido condiscipulo José da Cunha Sampaio e com Anthero de Quental, (então no 5.º anno de direito), que iam nas mesmas disposições de espirito.

Anthero era já então um triste; era já victima da doença, que lhe havia de dar tão desgraçada e tragica morte: e, por estas e outras razões, completamente alheio ao que se passava na Academia.

Approximava-se o momento de começar a reunião. A porta do theatro, que dava entrada para os camarotes, abriu-se.

Anthero seguiu com outros rapazes pelo corredor do lado direito, e foi tomar logar no camarote que ficava por cima da porta principal.

N'esse mesmo camarote, onde dois annos antes, isto é, em outubro de 1862, em uma noite memoravel, havia entrado para receber um aperto de mão do Principe Humberto, depois Rei de Italia, felicitando-o e agradecendo-lhe a sua bella poesia, distribuida e recitada n'essa noite.

José Sampaio e o que escreve estas linhas entramos n'um camarote proximo da porta, no que ficava ao lado direito do camarote do Conselho da Academia Dramatica.

Falaram diversos oradores (1). A assembleia debatia-se em protestos contra a desfeita e a violencia de accumular tropas em Coimbra contra rapazes briosos e inermes.

Estavamos diziam, sob o regimen do terror e da oppressão! Sob a ameaça das baionetas!

Mas não se chegava a nenhuma conclusão! De pedir ao duque e ao governo que fizesse retirar as tropas, para nos ser agradavel, ninguem se lembrava!

Tambem nenhuma cabeça douda — apesar de haver lá muitas —

(1) Vieira de Castro não falou n'essa reunião. Tinha falado na que houve de manhã. Morando na cidade baixa, no Hotel do Mondego não teve decerto conhecimento d'ella, a tempo de poder assistir.

alvitrou que fossemos atacar os quartéis e repellir para fóra da cidade as forças militares, que o Duque de Loulé tinha mandado vir para nos offender, para nos opprimir, talvez, diziam, para nos fuzilar!

Nenhuma solução!

De repente ouviu-se a voz de *Anthero de Quental* pedir a palavra.

José Sampaio estremeceu; e, tocando-me, disse: *o que irá fazer o Anthero!?*

Anthero não era orador!

Mas o que elle era, incontestavelmente, era a *aguia* de toda aquella reunião!

A *Aguia* bateu as azas e ia soltar o grito estridente!

Soltou-o!

Aquella multidão de rapazes aqueceu-o! A sua impressionabilidade de poeta commoveu-se!

Tomou-o!

Approximando-se da borda do camarote, estendendo o corpo, e, sacudindo a sua bella cabeça ornada de cabellos loiros, disse, com voz sonora, que resouu por todo o theatro, pouco mais ou menos, o seguinte:

«Quem não fôr digno, quem se sentir com disposições para escrevo, fica e vae ás aulas, sob a ameaça das bayonetas!

«Quem tiver no peito um coração de homem livre, volta as costas ao militarismo e sae de Coimbra! E vae para onde? Para a terra, que foi berço da liberdade portugueza; vae para o Porto!»

Toda a assembleia, como um só homem, se levantou, gritando:

— *Ao Porto! Ao Porto!*

— *Amanhã para o Porto!*

*

* *

Na manhã do dia seguinte, das 6 para as 7 horas, uma parte da academia sahia de Coimbra, em comboio especial até Ovar.

De tarde seguiu o resto.

Fui um d'estes.

Os que estavam em Ovar e haviam acclamado por chefe a Fernando Rocha — um rapaz açoriano muito talentoso e sympathico — aguardavam anciosos a nossa chegada, incertos do numero que iria reunir-se-lhes.

Esse encontro foi commovente e delirante.

Pouco depois partiamos todos para o Porto, onde chegavamos já de noite.

Ainda mais duas linhas sobre o citado artigo do *In Memoriam*.

Diz-se que, depois da demissão do Reitor, Anthero, abandonando a direcção da *Sociedade do Raio*, «esta, sob a influencia dos seus successores» se transformou em uma succursal da «maçonaria portu-gueza», passando a servir de elemento eleitoral aos lentes da Uni-versidade (pag. 152)!

Não é verdade que a Sociedade do Raio subsistisse sem Anthero. Depois do acto de 8 de dezembro, da publicação do manifesto ao paiz e da demissão do reitor, a sociedade ficou sem objecto e dissolveu-se por si!

Quanto a servir de elemento eleitoral aos lentes, só uma imagina-ção muito fertil podia descobrir o valor da nossa importancia e influen-cia eleitoral, em Coimbra, n'essa epocha!

Não é preciso mais!

Quiz por certo o escriptor referir-se, mas com grande desconheci-mento, a outra sociedade, que coexistiu com o *Raio*, e do pensamento do qual Anthero foi o primeiro executor dando-lhe até o nome. Medi-tou e formulou para ella um largo programma de reformas, de que nós, pobres rapazes, seriamos os porta-estandartes!

Veu-lhe depois o *desalento*, dizendo — como por vêzes lhe ouvi: — Que sem Fé não sabia trabalhar! Ahi ficaram porém os seus tres companheiros de casa, com os quaes esteve sempre na mais intima communhão de pensamentos e vontades.

Sobre a origem e existencia d'essa sociedade escreveu larga e minuciosamente, com os escrupulos de verdade que o distinguiram, em 1868, no *Coimbricence*, o honrado investigador *Joaquim Martins de Carvalho* e reproduziu depois *uma parte* de que tinha escrito n'aquelle anno no seu livro *Apontamentos para a Historia Contem-poranea*.

Fernando Rocha



Fernando Rocha foi dos tres meus condiscipulos, que faziam parte da commissão academica, eleita no *Theatro Baquet* (1), aquelle com quem, por menos tempo, vivi. Mas nem por isso a nossa amizade creou menos fundas raizes.

Já bacharel formado em philosophia, onde havia sido estudante muito distincto e premiado, não levou seguidamente o curso de direito. Por mais de uma vez o interrompeu, fazendo distincta figura em ambas as faculdades.



Fernando Rocha

Veio adventicio para o meu curso. Passou por elle como um metheoro, espalhando, entre nós, muita luz de talento e de sympathia!

Todos o estimavamos e admiravamos, como elle tanto merecia.



Pela mobilidade do seu rosto, illuminado pelo brilho dos seus olhos claros, e pelo imperio dos seus nervos, tão

(1) Foi este escripto destinado a uma nota para a compilação dos artigos sobre a *Rolinada*.

sensíveis e vibranteis, era o homem mais incapaz de occultar o que pensava e sentia! E elle lucrava em que os seus amigos podessem lêr o que estava no seu coração e na sua alma! Foi sempre um impulsivo, mas impulsivo para o bem!

Tinha grandes qualidades de orador e de tribuno!

Fallando na celebre reunião, effectuada no *Theatro Baquet*, o seu discurso e o de Oliveira Valle — que dispunha de uma palavra elegante e original — obtiveram, na imprensa do Porto (que nos era hostil), os maiores elogios, prophetizando aos dois talentosos rapases um brilhante futuro!

Infelizmente, não teve, cá fora, o futuro, que todos lhe prediziam!

Com notaveis dotes de intelligencia e de palavra, muito coração e muita imaginação, prejudicaram-no aquelle e esta!

Não traçando, desde logo, segura e praticamente, a sua carreira, entrou, já cortado de desenganos, na magistratura.

Deram-lhe, pouco depois do primeiro despacho, uma delegacia em Lisboa.

Era o reconhecimento das suas distinctas aptidões e o campo onde ellas iam manifestar-se e recommenda-lo para um mais facil accesso, ou mais remunerados cargos.

Parecia ter entrado no caminho da boa fortuna.

Mas a infelicidade perseguia-o. Veio a doença, uma terrível doença nervosa, a cruel neurasthenia — que tem sido o torturante mal de tantos da sua geração! — cortar essas esperanças. Foi obrigado a abandonar os tribunaes da capital e a ir procurar socêgo para o seu espirito na obscura comarca de Villa Franca de Xira!

Crearam-se os tribunaes administrativos. Coube-lhe a promoção.

Foi nomeado presidente do de Angra do Heroismo, sua terra natal.

Ahi servia, quando eu, desde 1887 a 1890, — residi em Ponta Delgada.

Depois de Coimbra, apenas, muito de passagem, havíamos tido um rapido encontro na *Arcada*.

Uns quinze annos depois, vivíamos em ilhas proximas. Por amigos communs tínhamos trocado lembranças.

Mas, em 1890, antes de sahir definitivamente da Ilha de S. Miguel, quiz eu ver algumas das outras ilhas do formoso archipelago. No paquete, que me havia de trazer ao continente, embarquei para a *Ilha Terceira* e para a *Ilha do Fayal*.

*

* *

Não resisto a descrever aqui o meu encontro com o pobre Fernando, em uma audiencia publica.

Porque não hei-de conta-lo?

Nenhum homem deve envergonhar-se de ter coração! Não fica mal a juizes mostrar que o tem!

Julgar o contrario leva a muitas vaidades e inconcebíveis erros!

Tanto os juizes como quem para elles legislar, ou quem tiver de aprecia-los e julga-los, deve ter sempre presente aquella sentença do sabio *Pascal*, que diz assim:

L'homme n'est ni ange ni bête; et le malheur est que qui veut faire l'ange fait la bête!

Vou, pois, contar a fórmula d'esse encontro com o meu talentoso companheiro dos bancos escolares.

Fica-se conhecendo!

Vê-se como o fogo dos affectos ardia n'aquelle coração! E em idade, em que o de muitos costuma estar gelado!

*

* *

Chegado ao hotel, em *Angra do Heroismo*, preparando-me para sahir, pedi que algum guia me acompanhasse para me indicar a casa de Fernando Rocha.

Informaram-me que, n'aquelle hora, não estaria em

casa, mas no tribunal, que era ali muito perto. Fizeram-me a indicação.

Melhor. Mais certo o tinha.

Dirigi-me ao tribunal e entrei. O juiz presidia, de beca, a uma audiencia ordinaria. Tinha em frente os escrivães e ao lado o delegado, que era o dr. Domingos Ribeiro Vieira, magistrado muito digno, que é hoje juiz de direito, creio que da comarca de Sabugal.

Achei-me em frente do meu antigo condiscipulo. Era bem elle. Todo elle! A mesma voz, a mesma mobilidade de gesto e de phisionomia. Só os cabellos é que não eram já de um louro escuro, como em Coimbra! Estavam brancos!

Entrando, fiz-lhe a minha venia respeitosa. Ficou indifferente. Não me reconheceu!

Sentei-me entre alguma gente do povo, que assistia á audiencia. Mas, passados momentos, lembrou-me que eu tinha qualidade para entrar para dentro da teia do tribunal.

Senti tambem no coração a exigencia de o pôr em comunicação com aquelle outro coração amigo, que ali se encontrava!

Peguei em um meu cartão, e mandei, pelo official de diligencias, entrega-lo ao presidente do tribunal. Esperava que este me convidasse a sentar-me, dentro, em outro lugar.

Mas, lendo o meu cartão, começou a mover-se em inquietação nervosa! A sua luneta de myope, presa por um cordão, como sempre usou, dava-lhe saltos no pescoço!

De repente disse: *está interrompida a audiencia por dez minutos!* E, descendo, rapido, da cadeira, dirigiu-se para mim e começou a abraçar-me effusivamente!

No meio do pasmo de toda aquella gente, que não sabia quem eu era!

Levou-me para o seu gabinete, onde, a esforços meus, não prolongou os dez minutos, e foi continuar a audiencia!

Terminada esta, nunca mais me deixou. Levou-me a sua casa. Apresentou-me á sua digna e bondosa esposa, a Senhora D. Maria da Silva Baptista Rocha, a sua formosa companheira de Coimbra, pois com ella casara nas ferias

do terceiro anno. Conservava ainda muitos traços da sua belleza dessa época!

No dia seguinte, deu-me um jantar, festa muito cor-deal, de que conservo a mais grata lembrança.

Depois frequentemente me escrevia para o Porto.

O seu pensamento era vir para uma comarca do continente, em que pudesse estar em contacto com os seus antigos amigos; e della acompanhar a educação de seu filho, hoje distincto professor no Lyceu Camões, o meu presado amigo, Dr. Arthur Fernando Rocha, herdeiro do nome e de muitas das distinctas qualidades de seu pae.

*

* *

Com o seu talento, o seu coração e a sua imaginação, Fernando Rocha era, como não podia deixar de ser, um poeta. Escreveu versos, que queimou. Di-lo em umas paginas intimas de conselhos a seu filho, nas quaes apparecem retratadas a belleza da sua alma e a nobreza do seu coração.

Escaparam, porém, uns versos, escriptos na *Ilha do Pico*, no ultimo periodo da sua vida, e que revelam o fogo da sua inspiração.

Era amigo dedicadissimo e admirador apaixonado de *Anthero de Quental*.

Quando este, em 1887 esteve em S. Miguel, foi fazer-lhe uma visita a Angra do Heroismo e foi seu hospede durante um mês.

A morte de Anthero produziu em Fernando Rocha um grande abalo moral. Talvez uma terrivel suggestão!...

*

* *

A adversidade, que foi sempre cruel para com elle, ia vibrar-lhe o mais tremendo golpe!

Morreu-lhe a esposa, a sua companheira querida!

Custou-lhe a resistir. Consolou-o um netinho, filho da sua distincta filha, a Ex.^{ma} Senhora D. Maria do Carmo da Rocha Coelho Borges.

A perseguição, porém, da adversidade continuava. Essa creança morreu tambem!

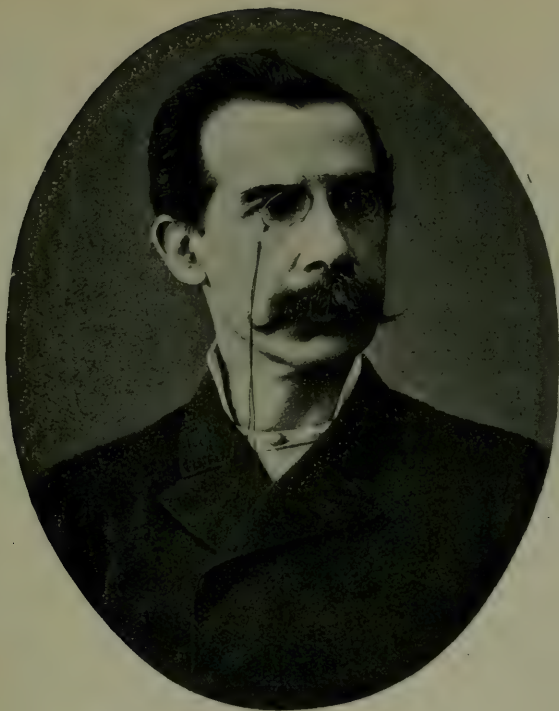
Isolado na Ilha do Pico, em cuja comarca foi collocado pela extinção dos tribunaes administrativos, não resistiu.

O mar, o mar, tempestuoso como o seu peito, atrahiu-o! Só elle, só o mar, equalava as perturbações, que lhe agitavam a alma!

Foi no triste dia 13 de outubro de 1892.

Abraçou-se com o mar... e desapareceu!

Tão nobre, tão distincto, tão infeliz!



José Luciano de Castro

Estudante de direito. — Advogado no Porto.
Jurisconsulto (1)

Foi em 1890, depois de elle haver deixado de ser ministro, que, pela primeira vez, falei com o sr. José Luciano de Castro.

Terminado que foi o meu serviço judicial ultramarino, sendo collocado na Relação dos Açores, servia nella

(1) Artigo de colaboração para o numero da revista juridica — *O Direito* — publicado em homenagem á memoria do seu fundador.

quando o illustre homem de estado, então presidente do conselho e ministro do reino — de quem me julgava inteiramente desconhecido —, por intermedio de um amigo commum, se dignou convidar-me a acceitar um cargo de governador civil com plena liberdade de abstenção de politica, como aconselhavam as circumstancias do districto que me destinava, e só com o encargo de manter a ordem pública e fazer administração.

Declinei o convite. Era esse o dever.

Por um lado, elle se baseava em um erro, que era o da minha aptidão para cargos de tal natureza, quando era absoluta a minha inaptidão e incapacidade para elles; e, por outro, a firme resolução formada de não militar na politica dos partidos, tomando uma posição, que eu não saberia conciliar com os melindres da minha situação de juiz e profissão de magistrado, pois que, pela falta de qualidades de adaptação, sem vantagem pública ou pessoal, isso só podia tirar-me auctoridade e deslustrar a função a que tinha votado a minha vida.

Teve ainda para commigo a benevolencia, por essa época, de querer conferir-me a mercê honorifica da carta de conselho. Tambem me escusei a acceita-la.

Mas, transferido para a Relação do Porto, passando por Lisboa, impunha-se-me a obrigação de ir agradecer-lhe as demonstrações de confiança e de consideração com que tinha querido galardoar-me!

Datam dahi as relações de amizade, com que honrou, não um politico, não um partidario, porque me havia recusado a sê-io, mas o magistrado, mas o sacerdote da justiça, que procurava servi-la com amor e cuidado.

E' que elle tinha o culto do direito. Amava a sciencia do justo, e era grande o seu pendor e sympathia pelos que a professavam.

*

* *

Receando ser importuno no meio da assistencia de politicos, que muito constantemente o cercavam, foram

mais as vezes, em que, cumprindo deveres de delicadeza, fui á sua porta, do que aquellas em que tive a honra de entrar na sua casa.

Mas, sempre que lhe falei, encontrei a mais aberta lhaneza e a mais despretenciosa cordealidade: e a veia abundantissima da sua palavra se desentranhava e largamente comprazia na narraçãõ e apreciaçãõ de pessoas e cousas do fôro, dos tempos presentes e dos tempos passados; figuras de juizes e figuras de advogados; casos da sua vida de advogado; reformas de justiça; historia de codigos e leis; incidentes da sua discussãõ; indole de tribunaes e jurisprudencia destes!

Desaparecia o politico e ficava o jurisconsulto, que o era eminente e muito illustre!

I

Nascido em 14 de Dezembro de 1834, quando concluiu a sua formatura, em 1854, ainda não tinha completado vinte annos, o que era, e é, muito raro!

Quando em 1849, iniciando os seus estudos juridicos, passou e repassou a *porta ferrea*, efectivando aquelle verso do *Garrett* que aqui não posso escrever, ainda não tinha quinze annos!

Era o mais novo dos estudantes do seu curso, que foi notabilissimo pela distincção dos mancebos e pelas grandes e esperançosas inteligencias, que n'elle brilhavam!

Todos os que frequentámos a Universidade em outros tempos (que não nos actuaes, em que não ha annos certos

de frequencia, nem cursos e ha estudantes *in absentia*) sabêmos bem que o *nosso curso* era a nossa *familia academica!* Sabemos os laços fraternos, que ligavam aquelles que, durante cinco annos, entraram nas mesmas aulas, se sentaram nos mesmos bancos, leram os mesmos livros, estudaram as mesmas lições e ouviram a vóz dos mesmos professores!

União de pensamentos de que nascia a união dos corações! Reciproca educação dos espiritos, reciproca educação dos sentimentos!

Durante a época dos actos, que vivo interesse pelos exames alheios! Quantos receios de perder algum companheiro querido! Quanta magua, se isso succedia! Ou quanta alegria, se triumphava e proseguia para diante comnosco na mesma jornada litteraria!

Recordações para toda a vida! Mutuo auxilio n'ella, mutua protecção! Quantas vezes transmittida aos descendentes, e até por estes desconhecida!

Pois esse curso de 1849 a 1854 foi, como dissêmos, distincto e notabilissimo!

N'elle havia tres pares de irmãos, procedentes de familias nobres e casas vinculares!

Tres morgados e tres secundo-genitos. Seis garbosos rapazes! Muito intelligentes, muito distinctos, muito gentis!

Eram os irmãos Castros (Francisco e José Luciano), de Aveiro; os irmãos Mimosos (João e José), de Ponte de Lima; e os irmãos Queirozes (Gaspar e José), de Arcos de Val-de-Vez.

Tendo convivido com estes ultimos desde os meus primeiros annos, tive occasião de lhes ouvir repetidamente apreciar muitos dos seus companheiros de estudo, que depois, mais ou menos, vim a conhecer no futuro.

O mais galardoado nos louros academicos era *Augusto Cesar Barjona de Freitas*, cujo brilho de talento desde logo se assignalou; e em quem admirei — como meu professor em mais de um anno — a rara agudeza de intelligencia, reunida a uma rara fluencia e encanto de palavra, que irresistivelmente prendia aos seus labios a attenção dos

seus alumnos! E estes foram os seus meritos de professor excepcional.

Tinha este por émulo *Carlos Ramiro Coutinho*, fogôso orador das assembléas academicas, estudante de grande prestigio na academia, redactor n'essa epoca do jornal — *Echo dos Operarios* —, talento notavel, que, pelo brilho e pela rapidez, passou, como uma estrella cadente, pelo fôro, pelo parlamento e pelo functionalismo, em que, desde logo, subiu ao desempenho do alto cargo de Procurador Geral da Fazenda. Tem honrosa biographia escripta pela penna litteraria tão illustre de Camillo, onde o genial escriptor diz que «estes dois mancebos (Barjona e «Ramiro Coutinho) por tal modo hobreavam no direito «ás distincções, que houve então parcialidades academi- «cas, ambas concordes no respeito aos dois talentos, mas «ciosas da primasia do seu escolhido: e, como quer que «fosse, o caracteristico assignalmente distincto dos dois «era perspicuidade na percepção, subtiliza critica, e, sobre «tudo, verbosidade elegante.»

E quem eram os outros condiscipulos? Eram:

Joaquim Januario de Sousa Torres e Almeida, bra-carensense distinctissimo, intelligencia brilhante, jurisconsulto illustre, parlamentar de palavra elegante e eloquente, que a morte cêdo arrebatou ao largo futuro que o esperava!

Antonio Alves da Fonseca, luçido espirito, advogado intelligentissimo, grande orador forense.

José Ribeiro Perry, grande juiz e util escriptor de direito, bem cêdo roubado pela morte á magistratura, que muito enaltecia e honrava!

Joaquim Maria da Silva, (terceirense) intelligencia superior, que, sendo ainda estudante, escreveu e publicou o notavel opusculo — *Federação Iberica ou Ideias Ger- raes sobre o que convem ao Futuro da Peninsula. Por um português*. E logo depois (1857) a classica tradução da *Educação das Mães de Familia*, o precioso livro de *Aimé Martin*, por causa do qual travou polemica, no jornal *O Portuguez*, com o redactor do *Bem Publico*, J. M. de Sousa Monteiro, adversario terrivel, mas que não pôde

vencer o polemista com quem luctou! É o traductor do *Chaterton*, de *Alfredo de Vigny*. É o auctor dos *Estudos de Philosophia Racional*, que Alexandre Herculano fez publicar nas *Memorias da Academia Real das Sciencias* e valeram ao auctor as palmas academicas, a que a sua modestia se não pôde eximir.

É o futuro auctor do opusculo — *O Imposto*, dissertação para o concurso da cadeira de economia politica da Escola Polytechnica.

Honra do professorado e honra da advocacia! Fallecido ultimamente em Santarem (30 de Setembro de 1913) partiu para as regiões do Além poucos mezes antes do seu camarada universitario!

Henrique da Gama Barros (felizmente vivo), um dos mais novos, formado aos vinte e um annos.

Entrando na vida administrativa pelo modesto logar de administrador de *Cintra*, em breve confirmou os creditos, que já tinha em Coimbra, mostrando a pujança do seu valor intellectual e capacidade de estudo na então muito importante obra — *Repertorio Administrativo, deducção alphabetica do codigo de 1842 e de toda a legislação correlativa até 1860*, com que se recommendou para os cargos superiores de secretario geral do governo civil de Lisboa, governador civil, vogal e presidente do tribunal de contas, entregando-se então a profundos e altos estudos, que o tornam o sabio auctor d'essa obra monumental, em dois volumes, já publicados e um terceiro em publicação, e que se intitula — *Historia da Administração Publica em Portugal dos Seculos XII a XV*.

Antonio Pereira Telles de Vasconcellos, que foi parlamentar, juiz do supremo tribunal administrativo, presidente da Camara dos Pares e Ministro da Justiça.

José Affonso Botelho de Andrade da Camara (michaelense) litterato, poeta, prosador elegante e purista, fanatico camonianista, cujo nome chegou lembrado á minha geração, porque, tendo soffrido uns dias de detenção academica, foi o protagonista da engraçadissima parodia do *Tasso no Hospital dos Doudos*, de Rodrigues Cordeiro.

João Candido Furtado d'Antas, o honestissimo magistrado superior, musico e poeta, cuja musa, ora sentimental, ora galhofeira e satyrica, o acompanhou na sua vida de juiz. Os seus versos, passando de banco para banco, aligeiravam as horas das aulas, sendo alguns d'elles ainda apreciados pelas gerações academicas, que succederam á sua.

*

* *

Um outro poeta havia no curso. Um grande poeta! Esse tinha em si a faisca do genio e o fogo da divina inspiração! Foi o mais sublime representante do lyrismo sentimental da sua época!

Os seus versos, sempre harmoniosos como os trilos dos rouxinoes do Mondego, são, por vezes, tristes como os gemidos do mar, ou como os echos longinquos das ondas batendo nas penedias!

Era o bardo melancholico do *Noivado do Sepulchro!* O cantor inspirado do *Firmamento*, da ode *A Camões*, dos *Anhelos*, do *Amôr e Eternidade*, da *Vida*, do *Desalento*, da *Infancia e Morte* e de tantas outras pérolas da poesia!

Era *Antonio Augusto Soares de Passos*, fallecido aos trinta e um annos, no *Porto*, sua patria, mas legando á posteridade um pequeno livro de ouro, que lhe confere inapagavel e immorredoura gloria!

*

* *

Estes, além de outros (1), tambem distinctos, foram os companheiros do juvenil estudante de Aveiro, que era o

(1) Este foi tambem o primeiro curso do divinal artista, cuja formatura — como elle proprio disse — durou tantos annos como a *guerra de Troia!* Foi o primeiro curso de *João de Deus*. Tinha na matricula,

Bemjamim d'essa familia academica, d'essa tribu já então gloriosa!

Foi no convivio d'essa pleiade brilhante de mancebos, de tão grande valor intelectual, cheios de uma ardente mocidade, almas aquecidas no culto da sciencia e no culto do bello, que se desenvolveu e educou o seu espirito juvenil!

Dentro das aulas, disse-me a tradição, que procurou sempre desempenhar-se dos seus deveres escolares, hombreando com o grupo dos melhores, e isso confirmam as distinctas informações literarias, que, no fim da formatura, a faculdade lhe conferiu.

Fóra das aulas, disse-me ainda ella, que era estudante de muitos livros! Raros possuíam tantos! Todo o dinheiro, de que podia dispôr, o empregava em livros!

E não era o Pegas, nem o Guerreiro, nem o Velasco, nem o Silva á Ordenação, nem o Caldas, nem o *mosso* Cordeiro — como dizia o velho mestre Neiva — que elle procurava adquirir, posto já soubesse conversar com esses! Eram livros de idéas modernas e novas! Livros de litteratura e direito politico!

como se vê da respectiva pauta d'esse anno, o n.º 62 e José Luciano o n.º 24.

Coube ao Sr. José Luciano de Castro, sendo presidente do Conselho de Ministros e tendo a seu cargo os serviços da *Instrucção Publica*, a honra de ter perfilhado o projecto de Augusto Ribeiro, que foi convertido na Lei de 2 de agosto de 1888, pela qual foi creado o logar de Commissario Geral do methodo de leitura *Cartilha Maternal de João de Deus*, recahindo a primeira nomeação vitalicia na pessoa do seu auctor, com o vencimento de 900\$000 réis, como diz o artigo 1.º d'esse diploma legislativo.

Ao aceitar o projecto e referendar a lei, por certo se lembrou o Sr. José Luciano de Castro que não só cumpria, como estadista, o dever da patria para com o seu filho tão illustre, mas que beneficiava tambem o seu antigo companheiro dos bancos escolares, o que seria grato ao seu coração, que tantas vezes mostrou tê-lo para com outros companheiros d'essa época e para os que o auxiliaram nos inicios da sua trabalhosa vida publica. (Nota escripta para este livro).

E' que a imprensa já o tinha namorado e seduzido. E' que já o havia empolgado o jornalismo!

Foi no fim de 1851, quando frequentava o terceiro anno juridico, que publicou o seu primeiro escripto no *Observador*, jornal fundado em Coimbra, alguns annos antes, para combater a tirania da época, e de que era redactor o grande liberal, *Agostinho de Moraes Pinto de Almeida*, distincto professor da Faculdade de Mathematica.

Tinha-se-lhe manifestado a vocação para a vida politica! A febre do jornalismo tinha já entrado com elle! Nunca mais havia de abandona-lo!

Frequentava o terceiro anno — conta o sr. Marques Gomes —, quando, nas férias de Paschoa, recorreu á ternura materna e conseguiu que a bondosissima mãe se desfizesse de um valioso objecto de ouro, de seu adôrno, para lhe dar *quinze moedas*, com que fundou o *Campão do Vouga*, jornal destinado a advogar os interesses da região, e onde, mais á vontade, podia apagar a sêde de publicidade patriotica, que o devorava!

Mas nem por isso deixou, alguma vêz, de escrever tambem no jornal, onde se havia estreado.

Têm sido reproduzidos artigos seus d'essa época.

Um d'esses o foi pelo infatigavel fallecido investigador, *Joaquim Martins de Carvalho*, no *Conimbricense*, poucos annos antes d'essa folha, interessantissimo repositorio de noticias historicas, haver desaparecido.

Causou-me admiração esse artigo pela firmeza da pena, manejada por mão, que ainda não tinha vinte annos, e pela elegancia e clareza do estylo!

E tambem pela doutrina! E' uma calorosa e entusiastica apologia dos principios da *Revolução Francesa* e da sua influencia no mundo!

E sobe de ponto a admiração pensando-se que o juvenil estudante, que assim prestava entusiastico culto á liberdade, é o filho de um honrado partidario do regimen absoluto!

E' o filho do procurador da villa de Eixo, Francisco

Joaquim de Castro Pereira Corte-Real, que, em 11 de julho de 1828, assigna o assento dos *Tres Estados do Reino*, declarando D. Miguel o unico rei e senhor da corôa d'estes reinos! (1)

Como é que, em tão verdes annos, resiste á força da tradição familiar e revela uma tão grande independencia de espirito?

Facto digno de registo! Não é — como tão frequentemente succedia n'essa época — uma *conversão*, suggerida pelo interesse, aconselhada pelas conveniencias praticas da vida.

Não! E' o primeiro amôr, que, desde logo, lhe nasce e arde luminosamente no coração pela fé liberal — sincero como a sua idade — e ao qual se mantem fiel toda a sua vida!

*

* * *

Como se explica? Como?

Explica-se pela poderosa influencia do meio em que desenvolvia o seu espirito, meio esse que tem sido sempre o mesmo, em todas as épochas, e que só a estreiteza das paixões e a ignorancia da historia têm podido acoimar de meio reaccionario!

Foi ahi, foi n'esse meio academico, onde encontrou a encantadora fonte, em que bebeu as novas ideias e os nobres estimulos, que lhe mostraram novos horisontes e lhe traçaram e abriram o luminoso caminho do futuro!

Por esse tempo, o estudante de medicina, ex-soldado do batalhão academico e um dos que entraram em fogo no combate sangrento do *Alto do Viso*, *João Antonio dos Santos e Silva*, brilhante escriptor e brilhante orador, publicava o seu notabilissimo opusculo, ultra-liberal e demo-

(1) Doc. para a Historia das Cortes Geraes da Nação Portugueza pelo Barão de S. Clemente, Tom. 4.º pag. 799.

cratico, que se intitula — *Revista Historica Politica de Portugal, desde o ministerio do Marquez de Pombal até 1842*, precedida de uma *Introdução* socialista, egualmente eloquente, escripta pelo estudante *Carlos Ramiro Coutinho*.

O periodo academico, em que decorrem os estudos do descendente da casa de Fijó, neto do Capitão-Mór de Feira e dos morgados da Oliveirinha, é um periodo de grande effervescencia liberal e de nobres aspirações politicas e sociaes.

Estava recente a lembrança da revolução de 1848, em França, cuja influencia alastrou pela Europa, e recentes tambem as recordações da revolução popular em Portugal.

A nobre figura politica e litteraria de *Affonso de Lamartine* ainda encantava, annos depois, os estudantes do meu tempo!

A sua prosa attrahia tanto como os seus versos! Não liamos só as *Meditações* e as *Confidencias*, cariciosas leituras para corações de dezaseis e dezasete annos! Devoravamos a *Historia da Revolução de 1848*, narração de acontecimentos, que eram dos nossos dias, e em que figuravam personagens, que estavam vivas. Essa nos convidava e conduzia á leitura da *Historia dos Girondinos*; e para logo as nossas almas ficavam alumiadas e temperadas no fogo da Revolução.

Quando, em 1849, José Luciano começou a frequentar a Universidade, frequentavam-na tambem quasi todos os soldados do batalhão academico, que militaram na divisão do *Conde das Antas*, os quaes haviam feito, sob a mais severa disciplina, depois da batalha de Torres Vedras, a tormentosa retirada para o Porto, e muitos dos quaes, indo na expedição de Sá da Bandeira, heroicamente se bateram no combate do *Alto do Vizo* e n'elle viram cair prostrados para sempre quatro dos seus companheiros de armas e de estudos! (1)

(1) Além dos quatro mortos, houve oito estudantes feridos no combate de 1 de maio de 1847.

Ainda é felizmente vivo um d'esses combatentes, que tinha no

No anno anterior, quando elle por certo já estudava em Coimbra para fazer os seus exames preparatorios, que só lá podiam ser feitos, tinha havido a debatida questão das *exequias*, que a academia quiz celebrar suffragando as almas dos quatro estudantes, martyres heroicos da causa popular! Prohibiu a auctoridade essa publica e solemne manifestação de patriotismo e saudade! Contra tal acto foram levantados os mais vehementes e ruidosos protestos de indignação, que tiveram duradouro echo nas lendas academicas!

Tinha depois havido, no mesmo anno, os graves conflictos, entre a academia e os officiaes e soldados de caçadores 7, por haverem desfeitoado um estudante, que assoviava o hymno da Maria da Fonte!

*

* *

Em 1851 frequentava o segundo anno. Os graves successos politicos do paiz vão reflectir-se na ardente mocidade academica.

Em abril rebentou no Porto a revolta contra o governo do conde de Thomar e a favor do marechal Saldanha. A academia secunda logo esse movimento revolucionario.

O rei D. Fernando, commandante em chefe do exercito, sae de Lisboa, acompanhado de um luzido estado-maior e numerosas forças militares para debelar a revolu-

batalhão academico o posto de *alferes*, e é o Sr. *José Maria Tavares Ferreira*, bondosissimo homem e honradissimo advogado em Ponta Delgada. Tambem é felizmente vivo um outro soldado academico, que sahiu do Porto na expedição, que é o sr. conselheiro *Thomaz Nunes de Serra e Moura*, muito digno ex-presidente do Supremo Tribunal de Justiça. Esse e *Custodio José Vieira*, ambos soldados do batalhão e estudantes do 3.º anno juridico, ficaram no Algarve por haverem sido nomeados commissarios civis para fiscalisar as auctoridades d'aquella provincia e fazer activar a cobrança das contribuições.

ção. Ao chegar a Coimbra, muitos estudantes acorrem á *Ponte* para lhe embargar a passagem. Chegam a intima-lo para retroceder. O rei fica conhecendo a atitude da academia.

Vae hospedar-se no Paço das Escolas.

Os estudantes, em qualquer parte por onde passa D. Fernando, soltam vivas á *liberdade* e á *patria* e gritos hostis contra o ministerio cabralino.

O rei, que é bõdoso, sorri-se e corteja. Mas a sua impressão é profunda. Escreve para Lisboa aconselhando a demissão do governo. (1)

Passados dias retira-se para a capital. Uma parte das forças do seu commando havia-se pronunciado pela revolução, e para isso concorreram alguns estudantes.

Poucos dias depois, em 6 de maio, Saldanha triumphante chegou a Coimbra para passar revista ás tropas.

Vae alojar-se na *Hospedaria do Lopes*, no caes, perto da embocadura da ponte. O largo enche-se logo de capas negras, que fazem ao marechal uma extraordinaria ovação. Nomeia-se uma deputação de cinco estudantes para ir cumprimenta-lo. (2)

Santos e Silva, presidente, escreve (disse-me Philippe de Quental), de improviso, em uma loja de chapeleiro, na Calçada, a saudação, que vae lêr-lhe.

Com os cinco da deputação, entram na hospedaria outros rapazes. O Duque (escreve Camillo Castello Branco) ao deparar-se-lhe o estudante *Carlos Ramiro Coutinho*, abraça-o com lagrimas, porque descobre n'elle a imagem do seu mallogrado filho, Conde de Almoster, que havia sido o seu orgulho e suas esperanças!

O marechal Duque de Saldanha responde á mensagem da academia dizendo que «havia realisado as suas patrio-

(1) Veja-se a Narração dos acontecimentos da *Regeneração*, em Coimbra, publicada em successivos numeros, no folhetim do *Conimbricense*, de 1884, pelo dr. A. L. de Sousa Henriques Secco.

(2) Narração cit.

«ticas esperanças, e que para isso muito tinha concorrido
«a briosa mocidade academica, a quem tributava os maio-
«res signaes de reconhecimento e gratidão...» (1).

*

* *

Seguiu-se depois aquelle periodo politico, a que um d'esses estudantes, *Torres e Almeida*, mais tarde, em um dos seus discursos parlamentares, chamou parenthesis de paz e de melhoramentos, aberto por uma espada gloriosa e fechado pela morte do estadista insigne, que foi Rodrigo da Fonseca Magalhães.

No seguinte anno lectivo, em que José Luciano frequentava o terceiro anno, a Rainha D. Maria II, indo visitar as provincias, esteve em Coimbra, e concedeu um perdão de acto, o que, para rapazes de todas as épochas, era o melhor meio de pacificação e reconciliação.

Seguiu regularmente os seus estudos, e, no anno de 1853 a 1854, matriculou-se no 5.º anno. Esse tinha de ser o mais agitado da sua vida academica, passando-se graves acontecimentos, em que tomou parte.

Os folguedos do Carnaval de 1854 motivaram gravissimas desordens. Estabeleceu-se uma violenta lucta entre estudantes e os que estes chamam os *futricas*. As provocações e os conflictos repetem-se. Disparam-se tiros de lado a lado. Ficam estudantes feridos. A academia procura desforços condignos dos seus brios. Formam-se planos extraordinariamente revolucionarios. Afinal resolve o exodo academico da *Thomarada*. N'elle seguem os dois irmãos Castros.

Mas o que é que foi a *Thomarada*?

No dia 1 de março, trezentos rapazes, depois de se reunirem no *Terreiro da Universidade*, sahem de Coim-

(1) Narração cit.

bra, em ordem e na mais fraternal união, com bolsa comum, sob o commando de dois chefes por elles escolhidos. Caminham a pé pelas estradas e dirigem-se á capital do paiz.

São recebidos de braços abertos pelas populações, sem um unico desacato d'elles ou contra elles. Vão entoando canticos patrioticos e recitando versos!

Em todos os estadios da sua jornada, com a calorosa eloquencia de alguns, pregam *independencia e liberdade*. Chegam até *Thomar*, onde o governo do paiz lhes manda um parlamentar, Francisco Damasio Roussado Gorjão, deputado, militar, um dos ajudantes do Marechal, presidente do conselho de ministros, e formula-se um convenio para retrocederem.

Todas as faltas foram abonadas. Todos os actos da revolta cobertos pelo esquecimento, e as auctoridades de Coimbra foram, pouco depois, substituidas.

*

* *

Deve reconhecer-se que ha em todos esses acontecimentos da vida academica, que ficam narrados, uma expansão de nobres sentimentos patrioticos, bellos lances fraternaes e educativos, bem differentes de outros, em que do sambenito se fez gala!

A segunda época lectiva do anno de 1854 estava passada e rápida passou a terceira época.

Encerraram-se as aulas.

Soares de Passos, no formoso soneto, que não vem no seu livro de ouro, pôde dizer:

Nossas lides findaram. Chega o dia
De deixar estas margens bonançosas
Onde colhemos as purpureas rosas
Da sciencia, do amor e da poesia!

Quem sabe, amigo, onde a fortuna impia
 Nos leva em suas ondas procelosas,
 Apertemos as dextas extremosas,
 Como quem um adeus eterno envia !
 (1).

*

* *

O estudante José Luciano de Castro Pereira Côrte Real, fez acto de formatura no dia 11 de julho de 1854, sendo, como em todos os annos, approvado *nemine discrepante*. Ao lado do assento do acto se declara ter o mesmo estudante sido habilitado para o acto de *Direito Administrativo* em uma das cadeiras do terceiro anno, que frequentou espontaneamente, e de que fez exame conjuntamente com as disciplinas do mesmo anno.

Obteve depois, nas informações litterarias, a classificação de *1 M. B. e 12 B.*, que eram informações que a faculdade só costumava conferir a estudantes de distincto merito e que davam direito ao doutoramento, se quizesse seguir o professorado universitario.

Os acontecimentos da sua vida de estudante o prepararam e adestraram para as luctas politicas do futuro.

Cêdo lhe madrugou o amôr por ellas.

Quantas vezes anteveria os triumphos da tribuna parlamentar e das cadeiras da governança nas agitadas reuniões do *Theatro Academico* (infelizmente desaparecido) ou nas discussões, ao ar livre, n'esse *Forum* da vida escolastica, chamado *Largo da Feira*, onde todos passeámos as nossas illusões e desvanecimentos e, nos sonhos dourados da imaginação juvenil, nos julgámos predestinados para prestar á Patria algum grande e extraordinario serviço !

Póde julgar-se o calor, com que, na juventude, tomou

(1) No album do seu condiscipulo Gaspar de Queiroz Botelho de Almeida e Vasconcellos.

parte em tantos acontecimentos, inspirados por generosas idéas e pelos mais nobres sentimentos, um espirito que, no decorrer da vida publica, nunca teve hesitações, e um coração, que, ainda no declinar da existencia e nos mais adeantados annos d'ella, pulsou sempre ardente e fervorosamente pela causa publica e por tudo que julgou do interesse da patria e da liberdade!

II

Um dos caracteristicos da sua personalidade é um constante labor! E' a persistencia e perseverança no trabalho! E' a sua larga e inexgotavel capacidade para elle!

Terminadas as lides universitarias, pouco tempo, na casa paterna, concedeu ao descanso e distracções que eram proprias da sua idade.

Partiu para o Porto afim de se consagrar á profissão de advogado.

A advocacia portuense era então constituída por uma brilhante constelação de talentos de primeira grandeza!

Occupava o primacial logar a grande figura de *Sebastião de Almeida e Brito*.

Homem respeitabilissimo!

Um sabio de luminosa intelligencia!

Apparecem lampejos d'ella, nos seus mais insignificantes trabalhos!

Ministro da Justiça da Junta Provisoria do Supremo Governo do Reino, durante a revolução de 1846 a 1847, era tambem um grande liberal e um grande patriota!

Para o seu concorridissimo escriptorio é que foi praticar o novel advogado. Varão tão illustre é que foi o seu mestre na advocacia! Não o foi por muito tempo. Pelo

apreço, que logo começou a fazer dos trabalhos, que confiava ao discipulo, e pelos elevados honorarios, que lhes taxava, em breve lhe deu a emancipação, dispensando-se de dirigi-lo!

Um outro advogado havia, muito distincto, gosando já então de grande nomeada. Era *Delfim Maria de Oliveira Maia*.

Dotado de notavel intelligencia e rara perspicacia juridica, eram modelares os seus trabalhos forenses, sendo ainda hoje invocados e seguidos nos tribunaes os que, depois da sua morte, foram reunidos em livro, ficando muitos outros sepultados e perdidos nos autos!

Era *Custodio José Vieira*, intelligencia robusta, advogado sabedor e jornalista vigoroso, mas propenso, quer como advogado, quer como jornalista, ás demasias da palavra e virulencia da linguagem.

Era *Joaquim Marcelino de Mattos*, homem já de si distincto e gentil em sua pessoa!

Causidico illustre, a mais eloquente palavra dos tribunaes portuenses, jurisconsulto de alto merito, fundador e principal redactor da *Revista de Jurisprudencia* (1856 a 1859), onde se encontram trabalhos seus e dos collegas, cujos nomes ficam citados, de um grande valor scientifico e pratico. (E' o pae do distincto homem de sciencia Dr. Julio de Mattos).

Era *José Moreira da Fonseca*, tambem advogado de distincto merito.

Estes foram os causidicos com quem o joven advogado teve de defrontar-se nas lides do fôro. N'ellas entrou com galhardia, conquistando desde logo clientela e honrosa nomeada.

Batendo-se, nas luctas da palavra, com Marcelino de Mattos e Custodio José Vieira, algumas d'essas pugnas ficaram celebres.

Era por vezes — tendo principalmente este ultimo por antagonista — levado a acompanha-lo, para não parecer fraco ou não desmerecer perante o publico, na violencia da linguagem.

«Esses maus habitos — disse-me um dia — eu trouxe para o parlamento e tive de corrigir-me d'elles.»

Tomando assento na camara dos deputados, pela primeira vez, em janeiro de 1855, nem por isso abandonou a sua advocacia no Porto. Fechado que era o parlamento, voltava a ella.

Foi em um d'esses intersticios legislativos que, em fins de 1860, interveio em uma causa criminal, cujo julgamento acompanhei com curiosidade e interesse, embora fosse apenas simples estudante primeiranista da Universidade.

E' que o reu era tambem estudante; e o que se passou no seu julgamento mostra a elevação e nobreza, com que José Luciano comprehendia e desempenhava as funcções de advogado.

Foi o caso que *José de Sá Coutinho* (depois *Conde da Aurora*, muito intelligente e distincto juiz, meu involvidavel companheiro em dois tribunaes de segunda instancia), sendo estudante do 4.º anno, foi forçado a interromper os seus estudos, recolhendo-se á casa paterna, em Ponte de Lima. Ahí se lançou na politica local com a impetuosidade do seu genio e a imprudencia dos seus verdes annos.

Escreveu no *Braz Tisana*, jornal portuense, uma correspondencia anonyma com gravissimas accusações ao presidente da camara municipal, que era um advogado, de bastante nomeada no districto de Viana. Este chamou o jornal á responsabilidade. José de Sá Coutinho nobremente se apresentou a acceita-la.

Custodio José Vieira foi o seu defensor e *José Luciano* o seu accusador. Aquelle, vendo que não podia livrar o seu cliente de uma fatal condemnação (que veio a ser de uma pequena pena pecuniaria), quiz que o adversario sahisse do tribunal tambem moralmente ferido e exauctorado. Era facil á facilidade de virulencia da sua palavra!

Usando de todas as liberdades da defeza, converteu esta em accusação, ou antes na exauctoração do auctor! José Luciano, que havia sido de uma grande correcção na

accusação, embora pedisse a condemnação do reu, teve na réplica de tomar maior calor para cobrir o seu constituinte, castigando mesmo os excessos do seu collega, mas sem ferir o accusado, que nenhuma culpa tinha dos abusos da palavra do seu patrono e defensor.

Por tal forma correu o julgamento, com tanta lealdade e nobreza foi feita a accusação que *Sá Coutinho*, apezar de condemnado e de ser extremamente susceptível em seus brios e melindres, ficou sempre grato e dedicado, toda a sua vida, ao seu accusador!

E' que a comprehensão, que este tinha do orador forense era tal como o exigiam os velhos mestres: *Vir bonus dicendi peritus!*

*

* *

A advocacia, para os que teem de viver d'ella, é sempre um trabalho absorvente e exgotante.

Mas não para um tal trabalhador! Além de advogado, nunca deixou de ser jornalista!

Escrevia artigos sobre assumptos economicos ou administrativos, no *Commercio do Porto*, a grave e ponderada folha, que ainda hoje existe e que foi sempre de muita exigencia e rigor para os escriptos dos seus colaboradores.

Sempre prompto para todos os emprehendimentos, que se destinassem á causa publica, muito especialmente para os do jornalismo, fundou, em 1859, o *Jornal do Porto* com José Barbosa Leão. Era d'este a propriedade do periodico, que logo depois passou a ser tambem da A. R. da Cruz Coutinho, que afinal a tornou exclusivamente sua.

Sahi o primeiro numero em 1 de março de 1859, com o programma de jornal independente, sem nenhum caracter partidario; e o artigo, em que como tal se apresenta, visivelmente da penna de José Luciano, é notavel pela elevação com que está escripto e com que proclama serem a tolerancia, a liberdade e a justiça os seus nomes inspiradores e o lêmma, por que se guiará o novo periodico.

O *Jornal do Porto* tornou-se logo um dos mais interessantes, dos mais auctorisados e bem redigidos do paiz : e d'elle se pode dizer que, durante a sua existencia, que não foi curta, conservando a primitiva feição de jornal alheio a qualquer facção partidaria, foi sempre uma folha perfeitamente honesta, sem especulações interesseiras nem cobardes desfallecimentos, ou transigencias indecorosas.

A imprensa, para os que se honravam do nome de jornalistas, era então um sacerdocio !

O artigo do fundo era escripto, ora por José Luciano, ora por Barbosa Leão, mas embora sem assignatura, não se confundiam os artigos de um com os do outro.

Tinha cada um d'elles o seu estylo, que é a luz do pensamento sahida do fogo e calor do coração.

José Barbosa Leão era tambem homem de valor, largamente versado em todos os ramos da administração publica, como mostrou no desempenho do cargo de secretario geral em duas provincias ultramarinas.

Francisco de Paula Mendes, jornalista muito distincto, que havia sido redactor do *Viannense*, escrevia a revista estrangeira em estylo elegante e com notavel elevação !

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, sob o pseudonimo de *Daniel*, escrevia semanalmente uma carta noticiosa e politica de Paris, e tambem, para o folhetim, a revista dos acontecimentos scientificos, litterarios e artisticos da França.

Ramalho Ortigão, então no começo da sua fulgurante vida litteraria, escrevia semanalmente, para o folhetim, a *Revista do Porto*. Foi alli que se revelou e fez o grande escriptor, que é ! A sua colaboração, que durou muitos annos, estendeu-se mais tarde ao noticiario, que se tornou primorosamente bem feito.

Entre outras, ainda temos na lembrança, pelo seu relevo litterario, a noticia da morte da infeliz e formosa Manoela Rey.

A breve trecho o *Jornal do Porto* adquiriu a colabo-

ração litteraria mais illustre que n'elle podia entrar! Foi para o seu folhetim que foram escriptos os encantadores pequenos romances, colligidos, em 1869, em volume sob o titulo — *Serões da Provincia*, pelo seu auctor, Joaquim Guilherme Gomes Coelho — *Julio Diniz*, o doce e suave realista, o inexcedivel paisagista litterario! E foi tambem no folhetim do *Jornal do Porto*, que, pela primeira vez, viram a luz publica essas joias da litteratura portugueza, chamadas *As Pupilas do Senhor Reitor* e *A Morgadinha dos Canaviaes*.

A correspondencia diaria de Lisboa foi escripta (que nos lembre) por *Augusto Ernesto de Castilho e Mello*, jornalista distincto, e por *Bernardino Pinheiro*, distincto homem de letras, auctor de dois apreciados romances historicos.

Basta de digressão. Seja-nos desculpada. Conhecêmos essa folha na idade, em que a memoria é viva, e, por lembranças posteriores, a ella está preza a nossa saudade! (1).

Não me propuz occupar-me do sr. José Luciano-de Castro como jornalista, mas tive de fazer referencia a esta sua acentuada e preeminente feição, porque anda reunida a outras de que é inseparavel.

*

* *

Nas columnas do *Jornal do Porto* frequentemente appareciam escriptos revelando a envergadura do juriscosulto e o espirito juridico do seu redactor.

E' assim que, logo no n.º 89, de 22 de abril, se lê um artigo, assinado pelo seu estylo, em que, sacudindo o pó a todos os velhos bacamartes da emphiteuse, advoga a sua reforma pela transformação de todos os prazos de vidas

(1) Tem nota no fim.

em prazos fátuosos contra a opinião de Correia Telles, mas sustentando a doutrina, que depois foi legislada no artigo 1697 do código civil e que se esboçava no artigo 1829 do projecto primitivo, que, n'esse anno, pela primeira vez, se imprimiu!

Nem o jornalista, nem o parlamentar absorveram inteiramente o advogado. Nos primeiros annos da sua vida politica, nos intervalos das funcções legislativas, voltava ao escriptorio de advogado.

Finda porém a longa legislatura de 1860 a 1864—uma das mais fecundas para o paiz e talvez a de mais trabalho e mais honrosa para o illustre parlamentar—entrou no funcionalismo. Foi nomeado director geral dos proprios nacionaes. Despe então a toga do advogado e desaparece dos tribunaes.

O seu amor pelas sciencias juridicas, o culto, que lhe mereciam, vão exercer-se em outro campo. É na importantissima revista *O Direito* por elle fundada, e cuja apreciação não pode ser feita n'este logar.

Mas o advogado desapareceu para sempre? Dedignou-se do exercicio da profissão?

Não! Passados muitos annos, já depois de haver sido presidente do conselho de ministros, voltou a folhear autos judiciais! Voltou a ser advogado!

É que em julho de 1891 falleceu seu sogro, o Dr. Alexandre de Seabra. Este era o grande advogado, de bem sabida nomeada, a cujo escriptorio affluíam autos pendentos em muitas comarcas e nos tribunaes superiores. Nos ultimos tempos da sua vida, impedido pela doença, não lhes pôde dar expedição. Fallecendo, havia em seu poder uma grande accumulção de processos, em que o mandato conferido não havia sido desempenhado.

O sr. *José Luciano* tomou a peito o ser o herdeiro não só dos direitos, mas tambem das obrigações do seu grande parente e grande amigo. Voltou a compulsar autos judiciais e a escrever n'elles. Por conhecimento proprio podemos dizer que, se era grande e illustre o primeiro patrono, não foi menor, nem menos illustre o segundo!

Podemos afirmar conscienciosamente, pelo nosso estudo, que os constituintes nada perderam com a substituição do mandatario!

III

Já vae muito longo este artigo e ainda teriamos de falar do jurisconsulto!

Mas como fazel-o? A obra do jurisconsulto não poderia apreciar-se em um só artigo.

Ella anda espalhada, largamente espalhada, pelos pare-



Uma das faces da casa da Anadia, onde falleceu o estadista

ceres das commissões parlamentares, pelos relatorios dos seus decretos e das suas propostas ou projectos, por muitos dos seus discursos nas duas camaras, quer defendendo, quer atacando projectos de lei; e, muito principalmente,

pelos quarenta e cinco volumes da revista *O Direito*, que fundou, em 1868, com Antonio Alves da Fonseca, e que teve uma honrosa influencia e alta importancia nos progressos dos nossos estudos juridicos. Tudo exigiria um largo espaço e uma apreciação condigna, feita por penna competente, vigorosa e illustre, que não pela minha!

É n'elle admiravel a alliança do jurisconsulto com o politico!

Foi um fervoroso sacerdote da sciencia do justo, mas conservando tambem sempre no peito o fogo sagrado pe os ideaes politicos da sua mocidade! *Justum ac tenacem propositi virum!*

Jornalista, advogado, politico, jurisconsulto, parlamentar, homem de Estado, por elles terçou armas e trabalhou, com ardente fé, em toda a sua longa vida!

Que descance em paz o infatigavel trabalhador, que amou a sciencia e amou a patria; e que a ambas serviu e a ambas honrou!

NOTA

Conhecemos essa folha na idade, em que a memoria é viva, e, por lembranças posteriores, a ella está presa a nossa saudade.

(Pags. 148)

O que escreveu isto conheceu bastantemente os redactores e colaboradores do *Jornal do Porto*, porque foi leitor assiduo desde o seu apparecimento e porque — ainda que sete annos depois d'elle — foi jornalista incipiente na honrada folha do Porto. Para ella, durante um certo periodo, antes de ser fundado o *Echo do Lima*, escreveu semanalmente umas modestas cartas limienses.

D'esses tempos lhe ficou o amor pela instituição, que é a mãe da liberdade, e sem a existencia da qual, em toda a sua plenitude, não pode haver governos livres.

E porque assim pensava o illustre homem de estado, que tanto se distinguia e hourou nas lides do jornalismo, queremos deixar aqui transcriptas as passagens de uma biographia de *Lamartine*, em que se narra o seu proceder para com a imprensa por occasião da Revolução de 1848.

É a seguinte :

.....
Plus tard, Lamartine, membre du Gouvernement provisoire, ministre des Affaires étrangères, défend et sauve celui-là même qui attaque le Gouvernement avec le plus de violence. Voici en quelles circonstances :

Certains journaux, tels le *Constitutionnel*, l'*Assemblée Nationale*, la *Presse*, dénonçaient le Gouvernement provisoire à toutes les défiances ; ils l'accusaient de démolir et de ne pas rebâtir ; ils l'accusaient de lenteur criminelle, ils l'accusaient d'être l'auteur de troubles et de ruines.

Le journal d'Émile de Girardin, *La Presse*, sous ses apparences socialistes, semble réactionnaire au peuple. Le Gouvernement est vilipendé, et le peuple va manifester contre les journaux qui lui sont hostiles.

Rue Montmartre, le 29 mars, à huit heures du soir, des attroupe-
ments se forment devant l'imprimerie du journal *La Presse*.

La foule grossit, s'excite, et, furieuse, commence à assiéger les
bureaux.

«A bas la *Presse* ! Mort à Girardin!» crie-t-on.

Encore un instant et on va enfoncer les portes ; mais la garde
nationale, arrivée à temps, dégage les bureaux, sans toutefois par-
venir à dissiper l'attroupeement.

«Girardin est coupable de trahison envers la République ! Justice!»
crie-t-on encore.

La garde nationale a demandé des renforts ; le général Courtais
arrive et parvient à calmer l'effervescence.

Pendant qu'il donne des ordres, pendant qu'il parle avec la
foule, quelques citoyens sont admis dans le cabinet d'Émile de Girar-
din, tandis que d'autres «courent chez Lamartine réclamer du Gou-
vernement un terme aux outrages de la *Presse*.»

La réponse de Lamartine calma les plus acharnés, et on la trouva,
le lendemain, dans la proclamation qui mit fin aux dangers courus
par les divers journaux plus ou moins hostiles au Gouvernement.

Voici cette réponse : «La République exige l'inviolabilité de la
pensée humaine ; elle admet la liberté d'être injuste envers un gou-
vernement ; le Gouvernement ne doit répondre qu'en sauvant la
patrie de ses ennemis au dehors et de tout désordre au dedans.»

La *Presse* et Émile de Girardin étaient sauvés.

(LAMARTINE par Gabriel Clouzet et Charles Fegdal.)

A uma virtuosa memoria ⁽¹⁾

(Na morte da Excellentissima Senhora
D. Anna dos Prazeres Calheiros de Magalhães)

Nunca é tarde para rememorar virtudes! As boninas da primavera, cortadas pela enxada do coveiro, ainda não puderam reverdecer! As lagrimas ainda afluem aos olhos; é pungente a dôr; e imperecedoura será a saudade no coração dos que a conheceram e amaram!

A 3 de abril do corrente anno, falleceu, em Vianna do Castello, uma senhora que foi um raro complexo das mais benevolas virtudes: deixou de bater um coração que foi cofre dos mais puros affectos, fonte inexaurível do bem, altar onde tiveram culto todos os sentimentos bons e delicados.

A sua vida escreve-se em duas phrases: *ninguem a excedeu na practica do bem, nenhum com mais resignação soffreu o mal!*

D'ella se pôde dizer o que um dos maiores, se não o maior, dos escriptores contemporaneos disse da vida de uma illustre titular: «foi um grande exemplar de moral

(1) Este artigo foi escripto a bordo de um paquêto de Africa em viagem de Cabo-Verde para Lisboa, em maio de 1875, sendo depois publicado no n.º 896 do *Echo do Lima*, de 1 de julho d'esse anno.

De novo se publica, porque são inolvidaveis as virtudes da sancta senhora e constituem, ainda agora, a melhor consolação e o melhor patrimonio na vida de suas filhas!

social e christã que tanto precisam estes nossos tempos, abundantes de sublimes theorias, tristemente minguados na practica d'ellas.»

Ao chegar-nos a noticia do seu passamento pezou-nos dolorosamente não podermos com o nosso respeito tomar



Solar do Conde da Barca, na freguezia de Sá (Ponte de Lima)

um lugar no sahimento, que levou o feretro da virtuosa senhora ao cemiterio de Vianna. Prohiãia-o a immensidade do mar!

Paguemos pois por esta fórma o tributo de respeito a tão nobre e sancta memoria!

A mão, que, por vezes, traçou a chronica das festas e alegrias da sua casa, colhe hoje, no campo triste da morte, um goivo para desfolhar na sua sepultura!

*

* * *

A exc.^{ma} snr.^a D. Anna dos Prazeres Calheiros de Magalhães Araujo Bacellar nasceu em 1 de abril de 1818. Casou a 12 de setembro de 1834 com o exc.^{mo} snr. An-

tonio de Araujo de Azevedo Pereira Pinto, morgado de Sá, e representante de um dós mais distinctos homens de Portugal do fim do seculo passado e do principio d'este, Antonio de Araujo de Azevedo, conde da Barca (1).

Habitando successivamente em differentes terras d'esta provincia, e geralmente conhecida n'ella; tendo sempre, pelas larguezas e bizarría que tanto estavam no character de seu marido, franca a sua casa para as pessoas com quem estavam relacionados, e recebendo ali todos os seus amigos a hospedagem mais cordeal, mais sincera, mais larga, e mais intima, teve a illustre senhora constante occasião de patentear os dotes de bondade e de distincção que a Providencia lhe prodigalisara.

Filha de uma das mais distinctas familias da provincia; alliada a outra que conta nomes illustres nas fastos da independencia e da liberdade da patria; compossuidora de uma importante fortuna; irmã de um exemplar e bondosissimo character, Nicolau Calheiros, que pertence ao numero d'aquelles homens que Deus dá para consolação ás causas vencidas para representarem o que ha de nobre, de digno e de respeitavel no passado, a exc.^{ma} snr.^a D. Anna dos Prazeres Calheiros de Magalhães de Araujo Bacellar nunca deixou que o fumo das vaidades humanas empanasse a limpidez das suas virtudes; que o prejuizo

(1) Antonio de Araujo de Azevedo, conde da Barca, enviado extraordinario ás cortes de Haya e S. Petersburgo, ministro plenipotenciario junto á Republica Franceza em 1795, 1797 e 1801, conselheiro de estado, ministro e secretario de estado dos negocios da marinha e ultramar em 1814, primeiro ministro em 1817, socio da Academia Real das Sciencias, grã-cruz das ordens de Christo e da Torre e Espada, da de Izabel a Catholica de Hespanha, e da Legião de Honra de França, nasceu em Ponte de Lima a 14 de maio de 1754 e morreu a 21 de junho de 1817 no Rio de Janeiro, para onde havia acompanhado a corte por occasião da entrada do exercito francez em Lisboa. E' muito conhecido no mundo litterario por uma defeza de Camões contra Monsieur de la Harpe.

Nas Memorias da Academia Real das Sciencias se encontra o seu Elogio Historico por Francisco Mendes Trigoso.

dos pergaminhos nobiliarchicos alterasse a lhaneza e amenidade, tão fina, tão delicada, e tão christã, do seu tracto, igual para os grandes como para os humildes, e entre as bonissimas pessoas da sua familia era apontada a sobre-excellencia dos quilates da sua bondade.

Era muito para vêr como falava aos pequenos, como prestava attenção aos pobresinhos, que se lhe approximavam! Nunca um infortunio lhe bateu á porta que não fosse soccorrido.

Tinha sempre para os pobres uma esmola e uma palavra de conforto!

Presenteára o ceu o seu lar, cercando-o de meninas, que são hoje continuadoras das virtudes da mãe. Dera-lhe Deus a missão mais sublime da mulher, a missão de mãe!

Ser mãe! Ligar as mãos das tenras avesinhas humanas para a supplica ao Omnipotente; ensinar-lhes a balbuciar uma prece; prender-nos para sempre pelo amor, que um dia nos ha-de afastar dos perigos e abysmos da existencia, segredando-nos as palavras — *lembra-te que fazes chorar tua mãe*; fazer o que não pódem fazer as escolas, nem os livros, nem as academias, — a formação do coração: tal é a missão das mães!

E a exc.^{ma} snr.^a D. Anna dos Prazeres Calheiros de Araujo Bacellar soube elevar-se á altura da sua missão; soube ser mãe, não pela severidade dos rigores, mas pela sublimidade dos exemplos!

Era tanta a abundancia da sua bondade, tão larga a conformidade do seu animo que as amarguras communs a todo viver humano passavam por ella sem a alterar. Tinha porém o seu coração de esposa extremosissima de soffrer a mais dura provação para elle.

A 9 de agosto de 1868 a morte roubou-lhe o esposo. Achou-se no mundo sem aquella energica vontade.

Soffreu duramente. Cedeu porém a dôr á virtude. Tinha a cumprir deveres. Resignou-se.

Era para admirar o contraste que então se lhe notava. Coberta com os crepes da viuvez; fulgurando-lhe, na phisionomia placida e bondosissima, as rosas que attestam o

Acceitou resignada, e como vindas de Deus, todas as dôres. Esperou tranquillá o momento fatal. A sua alma pura não se arreceava da morte: e, quando ella se avise-nhava, despediu-se das filhas, que, como anjos do Senhor, lhe velavam o leito de agonia!

Despedida solemne!

E que expressão ha ahi na terra,
Em lingua de homens, que traslade ao vivo
Todo esse accumular de sentimentos
Que em si de tal instante o adeus encerra. (1)

Depois . . . chegado o momento supremo, hora solemne e tremenda, em que os horisontes do mundo desaparecem, e começam já a surgir os do infinito e da eternidade, ella entreviu Deus que ia premiar as suas distinctas virtudes e pediu-lhe, com certeza lhe pediu, que transformasse as suas dôres em felicidades para os que mais amava!

Que assim seja.

(1) Garrett, cit.



Luiz Corrêa Caldeira

i

Luiz Corrêa Caldeira (Luiz Arsenio Marques Corrêa Caldeira, nos registos universitarios e no *Diccionario Bibliografico*, de Innocencio) nasceu na villa de *Ponte de Lima* em 9 de janeiro de 1827, na parte da povoação,

que fica na margem direita do *Lima*, denominada *Além da Ponte*, pertencente á freguezia rural de Sancta Marinha de Arcuzêlo, em cuja igreja se baptisou.

Era mais novo doze annos do que seu irmão Antonio, o illustre funcçionario e parlamentar, de quem já me occupei n'este livro.

Ainda creança sahiu com seus paes da terra em que nasceu e parece que nunca mais a ella voltou.

Filho de um official superior do exercito, na edade propria, entrou no *Collegio Militar*, e ali cursou os primeiros estudos, que o encaminhavam para a profissão das armas, a que se destinou.

Nos annos de 1845 a 1844, 1844 a 1845 e de 1845 a 1846, encontra-se, nas *Pautas ou Relações dos Estudantes da Universidade de Coimbra*, matriculado no 1.º, 2.º e 3.º anno das Faculdades de Mathematica e Philosophia.

Sendo capitão de infantaria e secretario do *Azylo dos Invalidos Militares*, em Runa, foi eleito deputado pelo circulo eleitoral de Torres-Vedras para a legislatura, que durou de 7 de julho de 1858 a 26 de novembro de 1859.

Falleceu, aos 32 annos, no dia 8 de agosto de 1859.

Foi, como não podia deixar de ser, um sentimental, um amoroso! Ainda muito novo, casou com uma senhora illustre, da familia dos Condes de Sampaio, que deixou viuva. Amou-a apaixonadamente!

Da sua vida sómente mais podêmos dizer que foi: em politica, um *conservador*; em moral, um *virtuoso*; em religião, um *crente*!

*

* *

N'essas poucas linhas ficam compendiados todos os factos da vida particular e publica d'esse homem, que, pelo talento, foi verdadeira e grandemente illustre!

Quasi pôde dizer-se que a sua vida não tem historia, nem se presta, pelo seu retrahimento e modestia, á biographia!

E' como poeta de uma alta e fecunda inspiração, que elle tem direito a um logar de honra nos fastos de oiro da litteratura!

II

Coimbra é sempre a terra fecunda e bem fadada da poesia! Nenhuma outra ha que mais a faça nascer; que mais a bafêje; que mais a acalente e acaricie!

Berço amoroso de poetas!

Tem-no sido sempre desde Camões e Sá de Miranda



Igreja de Santa Marinha de Arcuzêlo, onde o poeta foi baptizado.

a Garrett, Castilho, João de Lemos, Gonçalves Dias, Rodrigues Cordeiro, Soares de Passos, Silva Mattos, João de Deus, Anthero, Theophilo Braga, Guerra Junqueiro,

Crespo, João Penha, Candido de Figueiredo, Antonio Feijó, Queiroz Ribeiro, Eugenio de Castro e Antonio Nobre!

E tantos, tantos outros!

São da época, em que viveu em Coimbra, os primeiros versos de *Luiz Corrêa Caldeira*.

Ahi nos apparece fazendo parte da pleiade de poetas do *Trovador*, no qual collabora com as poesias: *A Nuvem*, *A Serra do Monte Juncto*, *As Lagrimas da Rosa*, *O teu nome*, e ainda com a que dedica ás iniciaes A. M. M.

Versos dos 16 aos 20 annos!

*

* *

Mas que significação litteraria e valor tem esse campo da sua iniciação poetica, chamado *O Trovador*?

O Trovador foi um jornal poetico, creado por impulso e iniciativa de *João de Lemos*, e que depois constituiu o livro, que assim é designado: — *O Trovador, collecção de poesias contemporaneas por uma sociedade de academicos* (Coimbra, Imprensa de Trovão, 1848).

Na pagina, que precede este titulo da obra, vem o nome de *Luiz Corrêa Caldeira* entre os nomes dos redactores e collaboradores, que são: Antonio Gonçalves Dias — o grande poeta brasileiro — João de Lemos, A. X. Rodrigues Cordeiro, Augusto Lima, José Freire de Serpa, Couto Monteiro, Castro Freire, Antonio de Serpa e outros.

Lopes de Mendonça, que Bulhão Pato (1) diz que tinha na frente o sêllo do génio e da desventura, talento que brilhou, como um astro, e que, ainda em vida, o apagou a loucura, nas *Memorias da Litteratura Contemporanea*, consagra largas paginas á apreciação critica das poesias e dos poetas do *Trovador*, a que chama «livro que ha-de

(1) *Sob os Cyprestes*, pag. 97.

«viver no futuro; campo onde fizeram as primeiras provas
 «talentos distintos; estadio poetico, que marca o alvore-
 «cer de um movimento litterario e reflecte as aspirações
 «de uma nova escola.» (1)

Depois de esta e outras apreciações muito honrosas, assumindo a alta imparcialidade de juiz, o critico aquilata o valor das poesias do livro, em seu conjuncto, nos seguintes periodos, que entendemos dever transcrever pela auctoridade que dão aos seus julgamentos:

O talento — diz — nunca se apreciou com um ponto de admiração.

A critica não consiste nas cortezias poeticas, que precedem quasi sempre os *in-folios* do tempo de El-Rei D. João V: para ser proveitosa é necessario que seja inteligente: sendo inteligente obedece antes de tudo aos preceitos do gôsto e ás leis que o genio creou para a arte e para a poesia.

O principal defeito do *Trovador*, a meu vêr, é estar encerrado n'uma escola muito limitada de sentimentos individuaes.

Á excepção do Sr. João de Lemos e do Sr. Rodrigues Cordeiro, os poetas cantam apenas a virgindade das suas comoções, em face da natureza e dos seus intimos desejos. É o eterno thêma do amôr, assimilado ás opulentas evocações do mundo exterior; pantheismo do sentimento, aonde a idealidade ás vezes se perde na divagação da descripção material: — no calix da flôr pendido para a terra; no desabrochar da rosa orvalhada pelos prantos da aurora — no escoar trememente da fonte que murmura — no scintilar das estrellas que doudejam — no reflexo encantado da lua, que torna um cinto de saphiras o rio onde mostra a palidez da sua face: são nuvens que andam perdidas pelos plainos do ceu, e que o poeta baptisa com os mais doces nomes e interpela com os mais ternos queixumes.

Não formulamos uma accusação, mas manifestamos apenas um factó.

Para engenhos môços, que ainda não sympathisaram com as grandes questões em que se revolve a humanidade; que vêem apenas

(1) Ricardo Guimarães, Visconde de Benalcanfôr, escreveu o seguinte:

«Na historia da arte moderna, o *Trovador*, de Coimbra, é mais do que um marco miliario, é um monumento ornado de todas as graças do lyrismo moderno (Rev. Contemp. de Port. e Brazil, biografia de Thomaz Ribeiro).

no horizonte da vida uma mulher, bella como os seus sonhos encantados, é este o eterno canto; canto que nunca esmorece; que resuscita todos os dias com fervor de novas illusões; que adormece a Laura de Petrarcha; que faz palpar de emoção a Beatriz de Bernardim Ribeiro; que debulha em lagrimas a saudosa Natércia; canto phrenetico que é mais um anhelar ardente do que uma paixão realisada; que, se não é assim, quasi sempre se abysma no desespero da traição, ou desencantamento de posse; que morre como flôres crestadas pelos primeiros nortes do inverno, envolvidas na torrente que as cospe nas margens sem bellêsa e sem perfume.

A breve trecho verêmos como Luiz Corrêa Caldeira foi um dos que mais depressa se emancipou d'esta escola. Apreciando depois cada um dos poetas do *Trovador*, Lopes de Mendonça diz:

O Sr. Luiz Corrêa Caldeira estreou-se brilhantemente, sobretudo na *Nuvem* e nas *Lagrimas da Rosa*: tem direito ao titulo de poeta.

Entretanto a terceira oitava da *Nuvem* está tocada de gongorismo, que nos não agrada muito. O *Teu Nome* recorda demasiadamente *Lamartine*, e ha um *Eolo*, que nos faz mau effeito por ser recordação classica mal trazida n'essa poesia toda afinada no mysticismo christão.

*

* *

Devem ser d'essa época, isto é, dos desoito aos vinte ou vinte e dous annos, os versos escriptos no album de Rodrigues Cordeiro.

Para aqui os trasladâmos, como amostra e documento da feição lyrica do poeta:

Tu que, nas horas meigas do crepusculo,
Vês, n'um ceu que roxeia o fim do dia,
Levantar-se da purpura do horizonte
A pensativa imagem da Poesia;

Tu que lês, com teus olhos distrahidos,
Nas paginas sem fim da imensidade;
Que escutas, nos lamentos do Oceano,
O longo respirar da eternidade;

Tu que sentes gemer, em cada folha,
 Um acento da lyra do Senhor;
 Tu que descobres, na mudêz dos astros,
 Os mysterios da mão do Creador;

Fita, ás vezes, no azul do firmamento,
 Da rainha da noite o rôsto baço,
 E talvez, apezar da negra sorte,
 Nosso pensar se encontrará no espaço!

Encontram-se estes versos em uma collecção de poesias escolhidas dos melhores poetas contemporaneos, e que se denomina *Lysia Poetica* (Rio de Janeiro, Typ. de F. O. Regadas, 1857). Lendo-os um dia ao joven magistrado e meu querido amigo, Antonio de Magalhães Barros, nobre coração apaixonado por tudo que interessa á gloria da sua terra, tanto bastou para os publicar, com um pequeno artigo em um annuario de Ponte de Lima, onde o poeta era absolutamente ignorado e desconhecido, mesmo dos que lá lêem e desejam aprender!

III

Vamos agora falar do periodo da sua vida litteraria, em que o poeta segue outro ideal: em que alonga a vista para mais largos horisontes e longinquas regiões.

Nascido na ridente terra do Minho, como diz um poeta:

Onde o Lima a ponte morde
 Com dentes de cristal fino,

ou, como disse o Bernardes:

Junto do Lima, claro e fresco rio,
Que Lethes se chamou antigamente.

.....

O rio que verás tão socegado
Que té parece se arrepende
De levar agua doce ao mar salgado ;

não podia haver-se esquecido das formosas e verdejantes paisagens, no meio das quaes abriu os olhos á luz e passou a sua primeira infancia, lembranças essas, que — como diz Castilho — *rescendem aos beijos e leite da feliz meninice*, e que esta para sempre regista.



Alem da Ponte. — Margem direita

Igreja de Sancto Antonio da Torre-Velha e Campo do Arnedo

Mas a sua musa não quiz limitar-se a voar, como abelha doirada, pelos campos da infancia e da mocidade; pelos sineiraes floridos do Lima e do Mondego. Tinha forças e azas para ir mais longe.

Aprouve-lhe, librando-se nas azas da inspiração, subir até ás regiões celestes; e — aguia de longinquo vôo — ir

banhar-se nas aguas do Jordão e do Euphrates para nos descrever as aridas paisagens da Arabia e da Palestina! Para trazer aos nossos olhos e para nos fazer sentir a tristeza e a desolação das ruinas das cidades extinctas!

Sem renegar do seu passado lyrico, o poeta toma nas mãos a *Biblia* e procura trasladar para a poesia portugueza, em versos de admiravel contextura, a poesia sublime dos hebreus!

E' a poesia sacra, a poesia religiosa, que merece agora todo o seu culto.

São os carmes d'esse genero e que desde logo denominou — *Flores da Biblia*, que occupam todo o seu pensamento.

Intentava reuni-los em livro, que um critico illustre diz que viria a ser, realisado o emprehendimento, *um livro monumental?* (1)

*

* *

Quaes os seus modêlos? Onde os encontrou?

Fazem porventura os seus versos lembrar os de um outro poeta, tambem nascido juncto do Lima? Esse que teve no claustro e tem na litteratura o nome de *Frei Agostinho da Cruz?* (2) Foi o nosso vate um seguidor ou imitador da poesia mystica de *Santa Thereza de Jesus*, que é havida por modelar? Não! Em meu fraco juizo, elle teve individualidade propria. As suas composições di-

(1) Pinheiro Chagas, *Ensaio Critico*.

(2) Teve no seculo o nome de Estevão Pimenta e era irmão de Diogo Bernardes. Veja-se o livro *Varias Poesias de Frei Agostinho da Cruz*, publicadas, em 1771, por José Caetano de Mesquita; o *Archivo Bibliografico da Universidade de Coimbra*, 1901, pag. 45 e seguintes; e o artigo de Sr. Dr. Mendes dos Remedios publicado no *Almanach de Ponte de Lima* para 1910.

vergem essencialmente das do mysticismo da santa poetisa e das do frade arrabido, em que o amôr divino, inspiração de ambos, toma tantas vezes a côr do amôr humano!

Tem outra magestade, outro pensamento e outro sôpro de inspiração a poesia biblica de Luiz Caldeira!

*
* *
*

E' no numero da *Revista Popular*, correspondente a 5 de fevereiro de 1851 — quando contava vinte e quatro annos — que, sob aquelle titulo de *Flores da Biblia*, em um prologo, a que dá o nome de *Introduccão*, escripto parte em elegante prosa e parte em verso, expõe o pensamento do seu tentamen grandioso.

Impõe-se-me o dever de pôr aqui uns excerptos d'essa prosa e d'esses versos.

Expõe n'aquella a ideia do seu poetico emprehendimento pela forma seguinte :

A Biblia, o mais admiravel de todos os livros que existem no mundo, é um poema, mas um poema magnifico como o espirito que inspirou os seus differentes cantos, e magestoso como o assumpto que trata.

Singelo e tocante no livro de Ruth; austero e profundo em Job; pompôso, magnifico e sublime, nos canticos; terrivel e ameaçador, no propheta *Isaias*, aquelle livro sublime ora comove, ora rasga o coração do homem; e arrebatá-o sempre da esphera em que se agita, ás regiões superiores conhecidas unicamente por Deus e por suas angelicas creações.

La Harpe, Fenelon, Bossuet, Diderot, J. J. Rousseau, e muitos outros escriptores de reconhecido merecimento, disseram, sobre as bellezas poeticas dos livros santos, tudo que era possivel dizer-se: nada mais poderei portanto accrescentar a este respeito a não repetir as palavras d'aquelles auctores.

Os canticos de Moysés são excessivamente superiores a tudo que escreveu Homero; e este mesmo poeta é quasi nada, se a par

das suas obras se colloca a magestade d'Isaias a pintar as magnificencias de Deus.

.....
 Querer fazer da *Biblia* um poema seria fazer uma coisa que já está feita; colher porém parte d'essas flôres de que estão semeados os livros santos, sujeita-las ao metro e linguagem nacional, é a empreza que me propuz: e esta empreza é tanto mais difficil quanto é grande o risco de depreciar com uma nova forma as bellezas d'essas composições dos escriptores sagrados.

Vejam agora os leitores o começo da *Introducção* em verso:

Passae aos olhos meus, sombras sagradas,
 Magestosos heroes dos Livros Santos,
 Augustos nomes, immortaes imagens
 Do povo do Senhor! Os tempos correm,
 Da mão divina os séculos s'escoam,
 Apagam-se as Nações, somem-se Imperios,
 E de entre as ruinas de esquecidos povos
 Vossa gloria immortal scientila sempre.

Seguem-se mais cento e quarenta e dois versos, eguaes a estes na elevação e espontaneidade garreteana.

*

* *

É na poesia biblica que o poeta conquistou o seu maior quinhão de gloria.

São tão desconhecidas as suas producções que o melhor culto que pode render-se á sua memoria litteraria é torná-las conhecidas.

Por isso para aqui transcrevêmos as estrophes sublimes da *Jerusalem*. Vão todas porque não sabemos fazer escolha, ou a quaes dar preferencia. Não nos atrevêmos a mutilá-las.

Jerusalem

Como assim solitaria está assentada uma cidade
cheia de povo : chegou a ser uma como viuva a senhora
das gentes.

JEREMIAS.

Quem tivera a lyra d'ouro
Dos prophetas de Sião !
Quem víra as terras da Syria,
Por onde corre o Jordão !
Quem víra os campos despidos,
Os muros encanecidos
Da velha Jerusalem,
Que nas partes do Oriente
Brilha ainda á luz fulgente
Do astro de Bethem.

Teu nome é grave poema,
Ó sacro-santa cidade,
Escrepto em letras de sangue
Nos fastos da humanidade.
Um brado teu no Oriente
Revolveu todo o Occidente,
Dobrou a cerviz do mar :
Abalou fortes imperios,
Fez em vastos cemiterios
Tuas arêas tornar.

Quem não tem curvado a fronte,
Sob as arcadas sombrias,
Ouvindo o órgão chorando
C'o o pranto de Jeremias ?
Quem não ouviu pelas naves
Passar os cantos suaves
Dos poetas da Judêa ?
Quem entre aquella harmonia
Não bebe o fel d'agonia
Da cidade que prantêa ?!

Jerusalem, a senhora,
 A rainha d'Israel !
 Aquella patria soberba
 Cantada por Daniel !
 Que recordações de gloria !
 Quantas paginas d'istoria
 N'este nome de Sião !
 Quem não pensou um instante
 N'aquelle drama gigante
 De Christo, da Redempção ? !

Magos poetas da Syria,
 Inspirados pelos céus,
 Lyras sagradas da Biblia
 Chorando a ira de Deus,
 Vossa passagem no mundo
 Foi um gemido profundo,
 Um grito d'escravidão ;
 E vossas sombras sagradas
 Choram inda debruçadas
 Sobre as aguas do Jordão.

Oh ! se eu escutar podéra
 Do deserto a brisa ardente,
 Dos rios de Babilonia
 Sobre a languida corrente !
 Se beijar pudéra os traços,
 A senda de vossos passos
 Nas terras do captiveiro ;
 Se o ecco de vossas magoas
 Ouvira gemer nas aguas,
 E nas folhas do salgueiro !

Não posso ; a mão do destino
 Prendeu-me em terra distante ;
 Do vosso inspirado engenho
 Sigo a estrella scintillante ;
 E escuto a voz divina
 Das harpas da Palestina,
 Dos psalms do rei cantor ;
 E colho as flôres caidas,
 As lagrimas desparzidas
 Sobre a terra do Senhor.

Deixo vagar os meus olhos
 Sobre as paginas da historia,
 E pelas trevas do tempo
 Vejo brilhar vossa gloria;
 Vejo, nas remotas éras,
 Passar as sombras austeras
 Dos velhos reis de Judá,
 Cujos tumulos desertos
 Fixam, já entre abertos,
 O valle de Josaphat.

Os tempos fogem debalde
 P'ra ti, ó Jerusalem,
 P'ra ti, cidade guardada
 Pelo Golgotha e Belem!
 P'ra ti, que ostentas d'um lado
 Esse berço consagrado
 D'uma crença sem igual,
 E do outro a sepultura,
 Que tragou a raça impura
 D'imperio quasi immortal!

Que importam chagas abertas
 Pelo ferro, e a escravidão,
 P'ra ti, a eterna cidade
 De David, e Salomão?
 Vês Babylonia deserta,
 Sua memoria coberta
 Do lôdo das tradições;
 E a estrella dos teus magos,
 Por cima de teus estragos,
 Brilha aos olhos das nações.

Teus patriarchas dormiam,
 Em sua eterna mansão,
 Escutando a voz das aguas
 Da torrente do Cedrão,
 Junto do valle sagrado,
 E pelos céus destinado
 P'ra julgar a humanidade;
 D'esse valle de mysterios,
 Que tem de vêr os imperios
 Entre o mundo e a eternidade!

E veio o ferro acordal-os
 De Nabuchodonozor,
 Instrumento dissoluto
 Das justiças do Senhor :
 E suas cinzas dispersas
 Foram na terra submersas
 Com o teu templo sem par :
 O ouro de teus altares
 Gasto nos ímpios folgares
 Do devasso Balthazar.

Chorae, prophetas sagrados,
 Chorae, filhos de Sião,
 Escravos de Babylonia,
 Da mãe da devassidão !
 Vossas tribus perseguidas,
 Vagam tristes, e perdidas
 Nos desertos de Judá ;
 Chorae, porque o vosso pranto
 Vae erguer o denso manto
 Das iras de Jehovah.

Eis emfim, eis d'Izaías
 A prophécia de pé !
 Curvae, ó reis, o joelho,
 Que outro rei nascido é :
 Outro rei, que a um sôpro escasso
 Dispersa os astros no espaço,
 E povôa a immensidade !
 Outro rei, muito diverso,
 Que tem aos pés o universo,
 E na mão a eternidade !

Jerusalem, foi immenso
 Qual teu nome o crime teu :
 Que o diga, no mundo errante
 O resto do povo hebreu ;
 Que o diga a cruz do martyrio,
 Que em teu nefando delirio
 Viste do monte Sião ;
 Que o diga Israel inteira,
 Vergando em terra estrangeira
 Co'o pêso da execração.

Quem pôde pintar agora
As tuas tribulações,
Ora captiva, por terra,
Ora orgulho das nações ?
Ora vendo o sol d'Oriente
Deslumbrar do mundo a gente,
Mostrando-lhe a cruz divina,
Ora no lôdo arrastada
Pela torrente abrazada
Da tormenta de Medina.

Bradaste, e todo o Occidente
A teu brado estremeceu !
E o turbilhão das cruzadas
Os imperios revolveu !
Vêdes as arêas ardentes,
Testemunhas indifferentes
D'essa guerra colossal ;
Os feitos de Godofredo,
De Balduino e Tancredo,
Heroes do Tasso immortal.

Agora triste, esquecida,
Pobre filha d'Israel,
Vês teu templo profanado
Pela planta do infiel !
A voz chorosa do vento
É para ti como um lamento
Na harpa de Jeremias :
És cidade de tristezas,
Passou nas tuas grandezas
O sôpro das prophecias.

Mas tu não pôdes morrer,
Não pôdes, santa cidade ;
Tu vives sô do passado,
De lembranças, de saudade :
Pôde o tempo fugitivo
Esmagar imperio altivo,
Consumir as gerações ;
Mas não roubar á memoria
Todo esse livro d' historia,
Guardado nas tradições.

Tu vives de cada pedra,
 Que marca um passo de Deus,
 Da estrella que aos tres reis magos
 Dirige os passos dos céus;
 Vives de passadas magoas,
 Do gemer das pobres aguas
 Da fonte de Siloé;
 E d'angelica poesia,
 Da vaga melancolia
 Da Virgem de Nazareth.

Tu vives de teus prophetas,
 De Jerichó, do Jordão,
 Da Judêa, do Mar-morto,
 Da gloria de Salomão;
 Vives da vida do mundo,
 D'esse mysterio profundo
 Da vida do Redemptor!
 Tens ainda regio manto,
 Por throno o sepulchro santo,
 Por sceptro a cruz do Senhor!

*
* * *

Que dizem os leitores da sublimidade d'esses versos?
 Não ousamos fazer comparações, nem insistir nas que
 ficam feitas!

Não podêmos, não as sabêmos fazer!

Por um lado, a raridade d'este genero de poesia e,
 por outro, a pobreza do nosso saber!

Não alcançamos lêr os versos do brasileiro Pereira
 Caldas (1), nem os de João Pinto Delgado, cuja persona-

(1) Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, poeta brasileiro, formado em leis pela Universidade de Coimbra, que chegou a ser despachado juiz de fora de Barcellos, e depois se consagrou ao estado ecclesiastico. Nasceu no Rio de Janeiro em 24 de junho de 1762 e falleceu em 2 de março de 1814. (Vid. cit. *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio, tomo 1.º).

lidade só conhecêmos pela *Memoria* do fallecido erudito escriptor Souza Viterbo (1).

Mas pelas apreciações, que lhes são feitas, julgamos terem ambos ficado muito áquem do poeta contemporaneo.

A leitura dos primeiros annos da nossa mocidade trouxe-nos á memoria o proemêto, que se encontra nas *Premières Méditations*, de *Lamartine*: intitulado — *La Poesie Sacrée*, dedicado, com uma nota, a Mr. de *Genoude*.

Relendo agora os bellos versos do grande poeta francês, não sentimos empalidecer a admiração pelos carmes sublimes do poeta portugûês!

Diz a ultima estrophe do poemêto de *Lamartine*:

Silence, ô lyre! et vous, silence,
 Prophètes, voix de l'avenir!
 Tout l'univers se tait d'avance
 Devant Celui qui doit venir.
 Fermez-vous, lèvres inspirées;
 Reposez-vous, harpes sacrées,
 Jusqu'au jour où, sur les hauts lieux,
 Une voix au monde inconnue
 Fera retentir dans la nue:
 PAIX Á LA TERRE ET GLOIRE AUX CIEUX!

IV

Exige capitulos especiaes, n'este trabalho, o que vae dizer-se.

Para que a sorte do poeta lhe não fosse — em tudo e

(1) João Pinto Delgado, judeu portuguez nascido em Silves e fallecido em 1590. (Vid. cit. *Diccionario Bibliographico*, tomo 4.º e 10.º e a citada *Memoria* de Souza de Viterbo).

sempre — fatal e adversa; para que o seu nome não desaparecesse ficando para sempre sepultado nas escuras trevas de um perpetuo olvido — de que não podiam redimi-lo as poucas linhas de Lopes de Mendonça, — quiz a fortuna, como que arrependida, que, volvidos annos após a sua morte, um escriptor illustre lhe consagrasse algumas paginas, brilhantes como todas aquellas em que elle pôs a eloquencia e o encanto do seu fulgurante e prodigioso talento!

Foi *Pinheiro Chagas*.

Foi este insigne litterato, este brilhante e infatigavel polygrafo — que tambem foi um poeta — quem lhe sagrou a memoria como a de um predilecto das musas e eleito da inspiração! Foi quem lhe assignalou o tumulo, depondo-lhe sobre este a aureola de vate sublime!

Colocando-o ao lado de Soares de Passos, o immortal auctor do *Firmamento* e da ode a Camões — tão prematuramente morto tambem — e de Lobato Pires, outro predilecto de talento e de desventura (1), intitulam-se *Tres Poetas* as paginas, a que nos referimos, apparecidas primeiro no *Archivo Pittoresco* e transferidas depois para o livro, que tem por titulo — *Ensaio Criticos* (1886).

Julgamos de toda a vantagem, para quem lêr, substituir a nossa descolorida prosa pela prosa elegantissima de Pinheiro Chagas e versos de Luiz Caldeira, porque será substituir chumbo ou pinchebêque por oiro sobre marfim.

Começa assim Pinheiro Chagas:

Corrêa Caldeira apenas chegou a balbuciar a linguagem sublime, que, estamos bem certos, elle falaria depois com immensa superioridade.

. . . . As poucas poesias, que elle deixou, ou talvez as poucas que eu conheço d'elle, dá-nos direito de pensar que, se tivesse vida, e podesse desprender livremente o seu genio, havia de occupar um dos mais elevados logares na litteratura contemporanea, como tentarmos mostrar nas paginas que seguem.

(1) Sobre o talento e desventuras deste infeliz poeta pode lêr-se um artigo de *Bulhão Pato* no *Atmanach de Lembranças* para 1885.

Depois, no capitulo especial que lhe consagra, diz :

Não se revelou completamente o poeta ; só tres ou quatro poesias formam o verdadeiro peculio litterario ; mas que imaginação, que ardor, que verdadeiro enthusiasmo transluzem. bastantes vezes incorrectamente, n'um pequeno legado que deixou á posteridade.

Como n'elle se sente, não o litterato, que adoptou a especialidade da poesia, mas o poeta, o verdadeiro poeta, que chora, que geme, que delira, e que lança ao publico essas paginas soltas, em que se revela o desalinho da inspiração, a que a lima não succedeu : porque parecia que o poeta presentia o seu prematuro emudecer, e tinha pressa de aproveitar todas as caricias da musa, e de sorver até á ultima gota, no calix dourado da poesia, esse licôr inebriante dos sublimes delirios.

Leiam alguns dos fragueamentos das *Flores da Biblia*, livro que elle nunca chegou a publicar.

Vejam o *Mar Morto*.

Pelo elevado valor, que o brilhante escriptor dá a esta poesia de *Mar Morto*, aqui a vamos publicar, pondo em notas as apreciações que elle faz.

O Mar Morto

Na terra gretada e nua (1)
Pesa um ceu abrasador ;
Aridos montes d'areia,
Tisnados pelo calor :

(1) Como o poeta se possuiu bem da grandeza biblica do quadro, e como encontrou na sua palheta não só as côres mais esplendidas, mas tambem as mais proprias para o pintar.

A voz do poeta abafa-se n'um religioso terrôr : as paizagens não as descreve só, mostra-as taes quaes ellas devem ser.

Veja-se a descripção do principio :

Na terra gretada e nua

Transcreve toda a primeira decima.

Tudo immovel, mudo, absorto,
 Tudo fulminado e morto,
 Nesse valle de terror :
 O mesmo vento se cala :
 Só o silencio aqui falla
 Das vinganças do Senhor !

Ao longe, o sulco azulado
 Do poetico Jordão,
 Que vem trazer ao *Mar-morto*
 As lagrimas de Sião :
 E sob os céus, que scintillam,
 Da Arabia as serras desfilam
 Até que perder-se vão
 C'o os pardos morros d'areia
 Das montanhas da Judeia,
 Vigias da Solidão ! (1)

Na terra immovel s'estende,
 Como liquido metal,
 Do Mar-morto a face immensa
 Adormecida no val.
 Mar-morto ! — lagôa impura !
 Mudo abysmo, em que murmura
 Uma agonia immortal !
 Mar de funebres lembranças,
 De suspiros, de vinganças,
 De Sodoma, a sensual !

No mudo espelho das aguas
 As margens pintar-se vem,
 Co'a face nua e queimada
 Das serranias d'alem ;
 Com a terrivel paisagem,
 Que dos raios a passagem,
 Na fronte marcada tem ;
 Com a imagem devastada
 D'essa terra fulminada
 Que tanto pranto contem !

(1) Depois de transcrever esta decima, Pinheiro Chagas diz :
 «Este quadro é perfeito. A descripção como que nos opprime. Involuntariamente procuramos respirar, como se realmente nos rodeasse a atmospha abafadiça das plagas do lago *Asphaltite*.

E que silencio profundo
N'esse spectaculo sem par!
Que terror povôa ainda
A superficie do mar!
Nem uma vaga murmura,
Nessa vasta sepultura
De mysterio e de pesar,
Aonde as aguas serenas
Vem, de quando em quando, apenas,
Nas márgens rumorejar.

Não tem a terra uma planta,
Em que gema a viração,
Um fio d'agua corrente,
Um florinha em botão!
O céu, vaporoso e ardente!
Nem uma ave innocente,
Que povôe a solidão!
Alguma aguia pesada,
Que bate o vôo cançada,
Para as montanhas de Hebrão!

Contudo, aqui foi Sodoma,
Além Gomorra existiu;
Entre os encantos e as galas
Todo um povo aqui dormiu!
Havia fontes, frescura;
E fôfa branda verdura
Essas encostas vestiu!
Agora, luto sómente,
Porque a mão do Omnipotente,
De sobre a terra as baniu!

Oh! Deus, que justiça a tua!
Que assustadora lição!
Um povo todo esmagado,
Geração por geração!
Que pranto, que dó profundo,
D'aquellas aguas no fundo
Ainda bradando estão!
Como se lê neste espaço,
A passagem do teu braço,
Teu grito de maldição!

Agora o sol fulgurante
 Surge num céu de rubim,
 Em que lentamente passam
 Vapores côr de marfim;
 Como que debil e exangue,
 O seu raio côr de sangue
 Tinge as nuvens de carmim,
 E os pinaros incendeia
 Das alturas da Judeia,
 E das terras de Siddim.

Mas quando a voz da tormenta
 Começa ao longe a bramir,
 E um denso manto sombrio
 Vem de luto o céu vestir;
 Quando a louca tempestade,
 Nos echos da soledade,
 Vem desgrenhada rugir;
 E que as rajadas do vento,
 Chorando no firmamento,
 A terra vem succudir;

Então o valle desperta
 Do seu somno secular;
 Do lago os fundos abysmos
 Se rasgam de par em par;
 Densos turbilhões de areia,
 Que a luz do raio incendeia;
 Giram rapidos no ar,
 E correm sobre o deserto
 Entre o funebre concerto
 Dos furacões e do mar!

Vagas turvas, espumantes,
 Fervendo em alvo cachão,
 Fogem batidas dos ventos,
 E, de baldão em baldão,
 Vão rebentar furiosas
 Nas praias betuminosas.
 Do lago da maldição,
 Cuspindo, nas penedias,
 As espumas alvadias,
 Rasgadas pelo tufão!

No poente, côr de sangue,
 Bruxulêa o temporal,
 Aonde as azas de fogo
 Sacode o genio do mal!
 Ronca o trovão nas montanhas;
 E, das tremulas entranhas
 Do mar, do seio do val,
 Illusão, delirio ou sonho,
 Sobe como um grito medonho,
 Um gemido sepulchral!

Como que as torpes cidades,
 Que as vagas em si contém,
 Estremecem nos abysmos,
 E se lamentam além;
 Essas irmãs deshonestas,
 Que adormeceram nas festas
 Aos pés de Jerusalem;
 E um anjo, co'a ponta d'aza
 Foi desperta-las em braza,
 Num céu em braza também! (1)

Abrahão debalde implora!
 Não pôde o Senhor mover!
 Nem dez justos, que buscara,
 Nem só dez, pôde escolher!
 E Sodoma adormecida,
 Profana, torpe, esquecida,
 No seu nefando prazer,
 Foi ainda, ébria e devassa,
 Bradar por sua desgraça,
 E o proprio Loth offender!

(1) Depois de transcrever esta decima e as quatro anteriores, Pinheiro Chagas escreve:

«Ha um verdadeiro delirio n'esta descripção; o genio do poeta corre desgrenhado, como o genio da tempestade, e o espirito do leitor, arrastado na carreira vertiginosa, quasi que sente, dentro em si, o temporal medonho, e pára, afinal, pavido e extatico, a contemplar o quadro sublime, que doudeja furioso dentro de si. A inspiração apoderou-se do poeta, arrancou-o do mundo prosaico e transportou-o ás esferas da sublimidade, como o carro de fogo transportou outróra o propheta do lôdo da terra aos ambitos do empyrio!

Vê-se que, ainda que quizesse, não podia parar. . .

Assim, a terra despida
 Inspira tristeza e dó;
 O mar espelhento e mudo,
 Pensativo, triste e só!
 Como que a sombra invisível
 Das iras do Deus terrível
 D'Israel e de Jacob,
 Inda nos ares troveja,
 Em quanto ao longe bafeja
 Os valles de Jericó!

Inda um mysterio insondavel
 Ha nesse mar sem egual,
 Que desdobra amargas aguas
 Por suas margens de sal;
 E as condemnadas cidades,
 Nas verdes profundidades
 Dos abysmos de crystal,
 Surgem, ás vezes, sombrias,
 Petrificadas mumias,
 De um corpo monumental!

Até os mesmos vapores
 Do lago de perdição,
 Fetidos, levam ao longe
 A febre, a desolação!
 E os fructos, que apparecem,
 Que isolados esmorecem
 No meio da solidão,
 Só tem, no seio abrasado,
 Um pó, subtil e tisonado,
 De denegrido carvão!

O coração arquejando,
 Treme de assombro e pavôr,
 Ante essa terra deserta,
 Tisonada pelo calor!
 Tudo immovel, mudo, absorto,
 Tudo fulminado e morto
 Nesse valle de terror!
 Tudo tomado de espanto
 Pelo sopro sacrosanto
 Da colera do Senhor!

.....

Nas duas poesias biblicas, que ficam transcriptas, todos poderão admirar a pujança do seu estro, remontando-se até Deus e aos primitivos tempos da humanidade!

Parece-me encontrar n'essas duas composições o mesmo divino sopro do *Le Feu du Ciel*, de Victor Hugo (1).

V

Mas o poeta ficou sempre olhando para as bandas do oriente e com o seu pensamento como que prêso e exclusivamente absorvido na antiguidade biblica?

Deixou de beber em outras fontes da inspiração?

Julgou a sua musa somenos e indigno d'ella qualquer outro assumpto?

Não!

Luiz Correia Caldeira commungava n'aquelles canones da arte e de universal bom gosto, legislados por *Victor Hugo*, e que o genio immenso d'esse simi-deus litterario, tão admiravelmente executou e impôz ao mundo das letras!

E' no prologo das *Orientaes*, que elle os expôz e formulou :

L'auteur de ce recueil n'est pas de ceux qui reconnaissent à la critique le droit de questionner le poëte sur sa fantaisie, et de lui demander pourquoi il a choisi tel sujet, broyé telle couleur, cueilli à tel arbre, puisé à telle source. L'ouvrage est-il bon ou est-il mauvais? Voilà tout le domaine de la critique. Du reste, ni louanges ni repro-

(1) *Les Orientales*.

ches pour les couleurs employées, mais seulement pour la façon dont elles sont employées. A voir les choses d'un peu haut, il n'y a en poésie ni bons ni mauvais sujets, mais de bons et de mauvais poètes. D'ailleurs, tout est sujet; tout relève de l'art; tout a droit de cité en poésie. Ne nous enquerons donc pas du motif qui nous a fait prendre ce sujet gai, horrible ou gracieux, éclatant ou sombre, étrange ou simple, plutôt que cet autre. Examinons comment vous avez travaillé, non sur quoi *êt* pourquoi.

Hors de là, la critique n'a pas de raison à demander, le poète pas de compte à rendre.

No mesmo volume da *Revista Estrangeira*, em que Correia Caldeira publicou a *Jerusalem* e o *Mar Morto*, apparece a *Melancolia*, bella expressão do seu lyrismo.

*

* *

N'essa poesia ha versos, como este :

.....
 Tu és a vaga profunda.
 Que sobre a praia suspira,
 Harmonia gemebunda
 Das cordas da eterna lyra,
 És a lua, que suspensa
 Corre na abobada extensa,
 Como uma perola imensa
 N'uma concha de saphíra!

És o som de bronzeo sino
 Que bate ao longe trindades;
 És a estrella de ouro fino;
 O murmurar das cidades;
 O castello abandonado,
 Esquecido, derrocado,
 Como o espectro do passado
 Chorando antigas saudades.

*

* *

Apparece, em diferentes numeros, o largo poemêto, que tem por titulo *Uma Paixão—Romance em versos e em Cartas* (pag. 205 a 206, pag. 240 a 241 e pag. 301 a 305).

Não tem assignatura. Mas, pela contextura e espontaneidade do verso solto — em "que era verdadeiro discipulo de Garrett — e pela repetição de phrases suas, empregadas em outros trechos poeticos; e por ser publicado em jornal litterario de que era redactor, pode afiançar-se pertencer-lhe e ser o seu auctor. (1)

Sem assignatura foram publicados na mesma *Revista* os dous quadros biblicos, em prosa, que têm por assumpto um *Eva* e o outro *Agar*, acompanhados de duas bellas gravuras, e tem de considerar-se tão seus como se estivessem assignados com o seu nome.

Ainda ali apparece a poesia dedicada á memoria de Garrett, que *Pinheiro Chagas* diz estar abaixo do seu talento.

Mas mostra como elle tinha esse seu *mestre* no coração e no pensamento.

*

* *

Afóra os versos de poesia biblica aquelles a que o auctor dos *Ensaías Criticos* dá maior valor é á poesia intitulada a *Voz do Oceano*.

Seria defraudar a memoria de Luiz Corrêa Caldeira

(1) Tenho para mim de que nenhuma duvida pode haver de que os versos d'esse poemêto são do redactor da revista. O anonymato tem facil explicação. Traduz talvez um sentimento de pudor!

Não quiz confundir a sua religiosidade de marido inseparavel do seu nome, com a sua phantasia de poeta. Não conheci pessoalmente Luiz Caldeira, mas conheci o irmão; e, pelas austeros e meticulosos escrúpulos d'este, descubro os d'aquelle.

não trasladar para aqui o que d'essa composição diz o brilhante escriptor e critico auctorisadissimo, que é tambem o poeta do *Poema da Mocidade*.

Vejâmos — exclama — a obra prima do seu talento, a poesia em verso solto intitulado a *Voz do Oceano*, em que se encontram quadros que *Garrett* intercalaria com orgulho no principio de quinto canto do *Camões*. Não achem ousada a comparação. Leiam e julguem.

Oiçam o principio, e admirem a gradação lenta e artistica, que prepara tão bem o effeito dos dous ultimos versos:

Vento das noites, que a meus pés revolves
 As folhas amarellas do arvorêdo;
 Lugubres sons da livida floresta;
 Aguas do rio, que fugis lá abaixo,
 Beijando as margens tristes já sem flôres,
 E reflectindo nos ceus em que não brilha
 Uma estrelinha só; vozes sem nome,
 Que murmuraes nas regiões do espaço;
 Deixae que o grito immenso do Oceano
 No silencio geral se escute apenas.

Que descripções se seguem a este bonito exordio! Como o poeta soube escutar as vozes dos mares, e como soube traduzir as impressões que ellas despertaram no seu peito! Corrêa Caldeira sentiu com um fôgo indissivel, e o quadro, que pinta na imaginação, reprodu-lo na tela do poemêto com uma verdade e com um vigor admiraveis! Vêde o mar em noite de bonança:

Vêde-o beijar as rochas carcomidas
 Por essas praias, que o luar inunda;
 Como uma virgem, tremula de pejo,
 E que o amôr, mau grado seu, arrasta,
 A vaga no areal passa gemendo;
 A fraga cinge em fugitivo abraço,
 E foge vagarosa, desparsindo
 Argenteo pranto sobre limos verdes.

O pensador succede ao contemplador. O poeta debruçando-se sobre o abysmo do Oceano, pergunta a si mesmo que mysterios se esconderão sob aquellas aguas. Lá no fundo tenebrôso e nas insondaveis entranhas desse leão espumante, esconde-se um mundo horrido!

Alli chimeras mil passam medônhas!
 Fabulosos jardins alli florecem
 Sobre um sólo de perolas e conchas;
 Alli, das maravilhas, escondidas
 Aos olhos dos mortaes, são testemunhas
 Entes sem nome que talvez olharam
 Das creações as obras primitivas,
 E que se arrastam no despojo immenso
 D'esquecidas nações, de mortos seculos.
 Alli ainda os continentes jazem
 D'um mundo que ha-de vir; alli se encerram
 Povos e gerações talvez inteiras!
 E nos segrêdos da grandeza eterna
 Suas ondas o mar rola bramindo!

Vejamos ainda a descripção que se segue, e lastimêmos mais uma vêz a sorte fatal que prostrou um genio que se poderia elevar a tamanha altura!

O mar, ha pouco tranquilo e bonançoso, desperta finalmente á voz da tempestade. O genio da procella corre desgrenhado por sobre as ondas, e esses liquidos corseis, de crinas espumosas, empinam-se furiosos ao sentirem o latego da tormenta! A descripção do poeta é inexcedivel. Ha um trecho de prosa com que o podemos comparar. É verdade que esse trecho é a obra prima de um dos primeiros prosadores francêses. É a descripção que se lê no *Capitaine Paul* de Alexandre Dumas.

Se me não tivesse já alongado tanto em citações, transcreveria essa admiravel pagina de prosa. Não resisto, contudo, á tentação de citar o final do quadro.

Pela extensão das praias se levantam,
 Em pé nos mares, as imoveis penhas.
 Á luz fugaz do scintilante raio
 Suas fronte rugosas relampejam;
 A tormenta sacode em torno dellas
 Alvo sudario d'humidos vapôres;
 E, ao vê-las assim, quêdas, tranquillias,
 Na confusão da natureza inteira,
 Quem poderá affirmar que não festejam.
 Mudos espectros, sob um veu de espuma,
 Da morte os anjos, que passando bradam,
 Suas azas de fogo sacudindo
 Nas solidões do furibundo Oceano!

Creia o leitor que o poeta, que escreveu versos como estes, é quasi desconhecido na sua patria! e que, para se poderem ler os seus escriptos, é preciso folhear intrepidamente os periodicos litterarios da época em que viveu.

Portugal é tão abundante em poetas desta força que, um de menos, segundo parece, não faz falta na immensa lista!

.....

*
* *

Refere-se ainda Pinheiro Chagas elogiosamente á poesia *A Minha Sina*.

Aprecia largamente a traducção do *Oceano Nox*, de Victor Hugo.

Apesar — diz — de ficar a uma immensa distancia do poeta francez, comprehendeu perfeitamente a ideia da poesia, e conservou-lhe o tom de infinita tristesa.

Lendo o original e lendo a traducção, parece-nos que escutámos um canto delicioso e plangente e que ouvimos depois o echo longinquo que lhe repete as notas, enfraquecidas sim, mas egualmente sentidas, egualmente melancholicas.

Compara em seguida algumas das estrofes de Victor Hugo com a traducção, e faz a sua critica notando-lhe as bellas e os defeitos.

VI

Aqui encerro este trabalho, que nem sei que nome possa dar-lhe.

Não é um estudo da obra do poeta e muito menos uma critica della.

Não é um panegírico, porque não dispomos das tintas e côres litterarias, nem da academica auctoridade, que seria preciso imprimir-lhe.

E' apenas um feixe de noticias e informações sobre um poeta illustre, mas quasi desconhecido!

Quizemos chamar a attenção de algum desvelado cultor das letras, de coração dedicado e penna illustre, que



A ponte antes de mutilada e tal como era quando o poeta nasceu

Tirada de uma velha gravura de 1780, que se encontra nos *Estrangeiros no Lima*

com elementos e faculdades que nos faltam, reunindo em volume todas as admiraveis composições do desdenhado vate. lhe eleve o monumento litterario a que tem direito.

Sempre nos doe o olvido que tem pesado sobre o seu nome! Até na pequena terra, de que é filho tão illustre!

Quiz pagar-lhe o culto de admiração e de amôr que, em meu coração, sempre tem existido pela sua personalidade litterariamente tão alta e pessoalmente tão nobre

e tão pura; e (porque não dizê-lo?...) em que entra também a lembrança daquella, cujas mãos acariciaram o poeta, quando menino, e as quaes eu tive a infelicidade de não poder beijar e molhar com lagrimas quando ficaram para sempre arrefecidas !

NOTA 1.^a

O pae do poeta

No *Diccionario biografico de Portugal* se encontram os seguintes traços da vida de *José Marques Caldeira* :

Nasceu em Coimbra a 6 de janeiro de 1786 e falleceu em Runa a 11 de fevereiro de 1855.

Fôra destinado por seus paes á carreira das letras, mas os acontecimentos de 1808, em que o estrangeiro invadio a patria, vieram afasta-lo dos estudos. Assentando praça no batalhão academico, entrou nos sangrentos combates da *Roliça* e do *Vimeiro*.

Passando depois ao exercito regular, alistou-se no batalhão de caçadores n.º 6, assistindo ás batalhas do *Bussaco*, de *Salamanca* e de *Fuentes de Honor*, na qual ficou gravemente ferido.

Acabada a guerra peninsular, foi despachado alferes para caçadores n.º 12 em janeiro de 1818 e promovido a tenente em junho de 1821.

Professando ideias liberaes, entrou nos combates da Cruz de Morouços e da Ponte do Vouga em 26 e 28 de junho de 1828, merecendo os elogios e recomendação do major Francisco Xavier da Silva Pereira, depois *Conde das Antas*. Emigrou por Galliza, concorrendo muito para que o seu batalhão entrasse em Hespanha bem disciplinado, embarcando depois para Inglaterra e de lá para a liha Terceira, onde foi requisitado pelo comandante do batalhão academico, João Pedro Soares Luña, para instructor desse corpo.

Fêz parte da expedição, que desembarcou no *Mindêlo*, distinguindo-se logo na sortida a *Villa do Conde*. Destinguuiu-se depois em outras occasiões, principalmente no ataque ao sitio do Pasteleiro, no dia 5 de julho, em que ficou gravemente ferido. Recebeu então pelo seu valor a cruz da Torre e Espada. Tambem se distinguiu no combate de 25 de julho de 1833, em que, defendendo o posto que lhe fora destinado, á direita do reducto de *Campanhã*, mereceu os elogios dos seus superiores. Levantado o cêrco do Porto, continuou a tomar parte activa nas operações, commandando a 6.^a companhia de caçadores n.º 12, prestando n'essa qualidade grandes serviços na batalha de *Almoster*. Foi elle que tomou a bandeira do novo regimento miguelista.

Na batalha da *Asseiceira* foi commandante das avançadas e o primeiro a romper fogo, desalojando o inimigo das suas posições e perseguindo-o até que cahiu gravemente ferido.

A 4 de setembro de 1834 foi nomeado commandante do corpo de invalidos de *Runa*, desempenhando este cargo até 1849, em que, pela morte do brigadeiro Palha, lhe pertenceu o governo interino deste estabelecimento. Passou ao commando effectivo quando se reformou, em 1851, no posto de brigadeiro.

*

* *

Por penhorante confiança da veneranda senhora, que é a viuva illustre do Conselheiro Antonio Correia Caldeira, me foram confiados documentos honrosissimos da vida militar do pae de seu marido, e entre esses o conceito que das suas qualidades militares, moraes e intellectuaes formavam os marchaes Duque da Terceira, Duque de Saldanha e Conde das Antas, documentos esses que são dignos da publicidade. Desviar-nos-ia, porém, do nosso assumpto, occuparmos desses documentos. Só aproveitamos os que esclarecem as notas transcriptas.

Delles se vê que, antes de ser nomeado alferes para o batalhão de caçadores n.º 12, era já n'elle sargento-ajudante, e foi depois alferes-ajudante e tenente-ajudante.

Dahi proveio a sua longa residencia em Ponte de Lima.

*

* *

Sobre esse batalhão, esclarecendo quanto fica dito, é digno de ler-se um interessante artigo, que se intitula — *O batalhão de Ponte de Lima — Caçadores n.º 12* — publicado no *Almanach de Ponte de Lima* para 1910 pelo joven, brioso e illustrado tenente José de Magalhães Barros de Abreu Coutinho.

NOTA 2.^a

**Nascimento do poeta.—Casa em que nasceu.—
Edade em que sahi da terra natal.—Ingrati-
dão.—Um alvitre em honra de sua memoria.**

Ainda por captivante obsequio do Dr. José Alberto dos Reis, distincto professor e illustre reitor da Universidade de Coimbra, podemos aqui publicar, extrahida dos archivos d'esta, uma copia da certidão de baptismo de Luiz Corrêa Caldeira.

É a seguinte:

CERTIDÃO

O Padre Manoel José Gomes, coadjutor nesta Freguezia de Santa Mari-
nha d'Arcuzello, Concelho de Ponte de Lima, etc.

Certifico que revendo o livro dos Baptismos d'esta mesma Freguezia, a folhas 183 se acha o assento do theor seguinte: Luiz, filho legitimo de José Marques Caldeira, Tenente do Batalhão numero doze, e de Dona Anna Efigenia Corrêa, ambos da Villa de Ponte de Lima; Neto paterno de José Marques Caldeira e de Dona Joaquina Tereza de Macedo, da Cidade de Coimbra, e Materno de José Rodrigues Lima e de Dona Marianna Tereza, da dita Villa. Nasceu no dia 9 do mez de Janeiro de 1827, e foi baptisado solemne-
mente com imposição dos Santos Oleos, por mim, o Vigario João Alves de Mello, no dia 13 do dito mez, e foram Padrinhos o Reverendissimo Frei Luiz dos Sarafins, Monge Benedictino, e madrinha Dona Joanna Ritta do Carmo Saraiva, e por sua procuração tocou o Illustrissimo Gaspar Pereira Ferraz Sarmento, da mesma Villa. E para constar lavrei o presente assento era ut supra. O Vigario, João Alves de Mello. — Nada mais se continha no dito que aqui fielmente copiei e ao qual me reporto. Santa Marinha d'Arcozello, 18 de Junho de 1844. Em ausencia do Parocho, o Coadjutor, *Padre Manoel José Gomes.*

RECONHECIMENTO

Reconheço a letra e assignatura supra ser do proprio. Ponte de Lima era ut supra. Em testemunho de verdade (logar do signal Publico) O Tabelião, *Antonio Rocha Paris.*

Causa reparo que, estando Luiz Corrêa Caldeira matriculado no 1.^o anno das faculdades de mathematica e philosophia, no anno de

1845 a 1844, o tivesse sido com uma certidão passada em 18 de Junho d'este ultimo anno.

Haveria permissão para junctar mais tarde, depois da matricula, esse documento? Haveria uma posterior substituição por erro da anterior?

Não me é permitido agora deslindar melhor este caso.

*

* *

Está pelo documento, que fica transcripto, authenticamente verificado que o poeta nasceu na margem direita, e assim com visiveis indicações de ter nascido na casa das tias.

Mas qual casa era essa? Conheci ainda a Senhora D. Marcelina Saraiva morando na casa do Largo da Alegria, que faz esquina para a velha estrada, tendo n'ella fallecido no dia 6 de fevereiro de 1866 na propecta idade de 95 annos.

Penso que tambem ahi haveria fallecido a Senhora D. Joanna. Evidentemente não foi n'essa casa que nasceu o poeta.

Dizia-me a tradição que as duas senhoras tinham morado na casa do mesmo Largo, fronteira aquella, e que é hoje habitada pelo Sr. José Maria de Abreu de Lima e sua distincta familia; e tambem me dizia terem residido na casa de *Faldejães*, que foi de João Luiz Salgado Achioli e Vasconcellos.

Em qual d'ellas residiriam, ao tempo do nascimento do poeta? Eis o ponto a investigar.

O meu respeitavel e illustrado amigo, Monsenhor Pereira Lima, digno Prior da freguezia de Nossa Senhora dos Anjos da Villa de Ponte de Lima, — com o obsequioso intuito de auxiliar-me — entregando-se a pacientes investigações, nos antigos livros da sua parochia, chegou a esclarecer este ponto por forma a não deixar duvidas.

Já depois de impresso o que fica escripto no texto, descobriu no livro 4.º, folhas 8, a reproducção, promovida pelos paes do neophito, do assento de baptismo da freguezia de Arcozêllo, com a declaração de que nasceu *casualmente* n'esta freguezia e dizendo-se que a madrinha D. Joanna Rita do Carmo Saraiva era *moradora no lugar de Faldejães*.

Fica assim apurado, sem sombra de duvida, que o poeta nasceu na casa historica, de que se occupa *Lima Bezerra*, nos *Estrangeiros no Lima* (paginas 302 a 304), e da qual começa dizendo:

Esta casa, com seu delicioso jardim, pomares, hortas, pinhal, lago e veigas, tanto enobrece esta freguezia...

Bello ninho para o nascimento de um poeta!

Vista deslumbrante a da ampla e formosa varanda, formada por

elegantes columnas de pedra! Como que tendo aos pés a larga veiga verdejante a mirar-se no *Lima*, que a namora e beija, na estação calmosa; e, soffrego e ciumento, a abraça e invade no inverno!

Casa em que nasceu, em 1628, *Antonio Pereira Rego*, auctor do celebre livro *Instrucçam da Cavallaria de Brida*, escriptor, poeta e valoroso soldado da independencia nacional, que mereceu ser o heroe e protagonista de um poemêto de Jeronimo da Motta, Abbade de Mujães.

Diz o poeta:

Donde o Lima a ponte morde
Com dentes de cristal fino
.....
Antonio Pereira Rego
Nasceu; e desde menino
Em vez de cána pueril
Montou os brutos altivos.
De nobre sangue gerado,
E de acções heroicas filho,
Não sei qual seja mais nobre,
O herdado ou o adquirido.

E passados uns desaseis annos desde o nascimento de Luiz Caldeira, tambem n'essa casa (que havia sido comprada por seu pae) nascia um querido companheiro dos meus primeiros annos, que desde logo revelou as brilhantes aptidões litterarias e scientificas de que era dotado, *Lourenço Malheiro*, engenheiro de minas, fallecido em 1890, quando acabava de entrar no parlamento e a fortuna parecia sorrir-lhe e que ia levanta-lo ás eminencias para que os seus comprovados talentos o recommendavam!

Infeliz!

*
* *

Terminada a guerra, era bem natural que a Sr.^a D. Anna Efigenia quizesse ir reunir-se a seu marido. E tanto mais isso se impunha ao seu amor, que elle soffria ainda muito do grave ferimento, recebido na batalha da Asseiceira, em que um estilhaço de metralha lhe fracturou e dilacerou o braço direito, ficando por muito tempo privado do movimento d'esse braço, como consta do attestado do Cirurgião-Mór de Infantaria Ligeira, Marcellino Miguel Gomes (1).

Ferimento este que por certo determinou a sua collocação em *Runa*.

Partiu pois para Lisboa a Sr.^a D. Anna Efigenia com o seu filho mais novo.

Antonio, como já dissemos no esboço deste, ficou sempre ligado ás tias.

(1) Documento em poder da familia.

Tinha oito annos incompletos o futuro poeta das *Flores da Biblia* quando sahiu de Ponte de Lima com sua mãe.

É o que mostra o seguinte e interessante documento, que é sagradamente guardado por sua familia:



TENDO-SE apresentado hoje nesta Prefeitura
 N.º 944-
 Folhas 87-
 L.º 4-
D. Anna Effigenia Costa
Colheita e Lago, n.º de l.º 4-º

SIGNAES.

Idade de *35* annosAltura *baixa-petite*Rosto *ovado*

Cabello

Sobrolhos } *cast.*

Olhos

Nariz } *regular*Boca } *regular*Cor *natural*

se lhe concede permissão de residir nesta Capital, por tempo de *dois meses*

Tendo em sua companhia *um c.º e um*

filho menor

Declarou ir morar para *freguesia de A. N.º 1* do *3.º* Districto a cujo Provedor se apresentará dentro em 24 horas.

E para que possa ser admittido em qualquer casa de hospedagem, ou particular se lhe passou o presente, que deverá reformar, acabado o prazo do tempo porque lhe he concedido, sob pena de pagar 4\$800 réis de multa para a Casa Pia, e para o Official de justiça que for intima-lo,

Lisboa em *vinte e nove* de *Setembro* de *1834*

Notado nesta Provedoria.

Lu. 3.º de Set. del 23.º 1834 O Secretario Geral

Pro. Bombal

Pimenta.

Assignatura do Provedor.

D. Anna Effigenia Costa
Costa

Deveria terminar aqui esta nota que já não é curta. Mas outras considerações me estão imperiosamente dominando o espirito.

Não posso furtar-me a faze-las. Não posso esquivar-me a dizer

que os representantes do municipio de Ponte de Lima teem uma di-vida em aberto para com a memoria desse mallogrado mancebo, que, não obstante ter fallecido aos trinta e dois annos, projecta reverberações de gloria sobre a terra do seu berço!

Tem-na sempre tido muito grande para com D. Francisco de S. Luiz!

Sim; porque não pode julgar-se solvida para com a sua memoria tão illustre em pôrem-lhe o nome (sem a mais singela lapide designando a casa em que se suppõe nasceu) em uma via publica, que não é a principal praça, nem o principal passeio, nem a principal avenida, como seria de honra para terra que o fosse! Mais para a terra do que para elle!

O seu nome é o de um benemerito da patria!

É o de um vulto que tem um largo logar na historia ecclesiastica da Igreja portugueza, na historia litteraria e na historia politica do nosso paiz.

Foi um grande sabio e um grande patriota!

Não é só o filho mais illustre de Ponte de Lima, mas um dos filhos mais illustres de Portugal! É um dos seus varões illustres!

E porque assim hão de pensar todos os que conhecerem a sua nobre e gloriosa vida, atrevo-me a propôr o alvitre de um bem pequeno monumento! Bem simples, bem modesto e de bem facil execução!

Para elle e tambem para o sobrinho. Para o poeta tão illustre, tão esquecido e tratado com tão absoluto desdem!

Para fazer executar esse singelo monumento basta que haja, em Ponte de Lima, uma camara, não digo patriotica porque todas o são, mas uma camara que, occupando-se menos das politicas do presente, se occupe mais da politica do futuro, isto é, da educação litteraria e civica das futuras gerações.

Essa vereação, se chegar a havê-la, deverá votar uma verba, que não arruinará o municipio, para fazer uma edição, popular e barata, de um pequeno livro destinado a servir de premio aos alumnos das escolas e para andar nas mãos de todos, porque a todos convém lê-lo.

É o *Elogio Academico de D. Francisco de S. Luiz* por José Maria Latino Coelho, edição de 1875, com as notas, e não a edição posterior da Academia (1878) sem ellas.

É o monumento litterario de um sabio levantado por outro sabio!

Ficariam conhecendo as maiores bellezas a que se presta a nossa lingua e que lhe podem ser dadas! Conheceriam tambem as virtudes moraes e as virtudes civicas de um grande sabio e de um grande portuguez!

Já se vê que, para tal edição, seria preciso haver prévio contracto, facil de obter, com a Empresa Litteraria Fluminense, que tem hoje a propriedade do livro.

Mas deveria este conter uma segunda parte. N'ella seriam transcriptas as brilhantes paginas de *Pinheiro Chagas*, consagradas a Luiz Corrêa Caldeira e ainda algumas das mais sublimes poesias do malogrado poeta.

Seria um livro de consagração e de preciosos e uteis ensinamentos!

Lições de historia, lições de civismo, lições de litteratura !

NOTA 3.^a

Pessoa da mais alta competencia litteraria nos informou que o distincto escriptor portuense, o Sr. José Pereira de Sampaio (Bruno) se havia occupado, em um dos seus livros, do nosso poeta. Procurei debalde. Resolvi-me por isso a escrever ao erudito homem de letras, perguntando-lh'o.

Teve elle a generosa benevolencia de honrar-me com uma carta, que aqui se publica, porque contém o seu conceito auctorisadissimo, honrando a memoria litteraria do illustre poeta.

Diz assim:

«Porto, 1 de junho de 1915.

«Illustrissimo Excellentissimo Senhor.

«Não me recordo de passagem de livro meu publicado onde tractasse do poeta Luiz Corrêa Caldeira, cujo alto merecimento aliás muito considero.

«Devia ter sido em qualquer artigo da *Voz Publica*, no tempo em que entremeava alli artigos politicos com artigos litterarios. Mas quando? Por agora, enfermo e cansado, não me sinto com força e disposição para fazer a busca. Fal-a-hei, porém, por isso mesmo que tenciono dar á estampa o meu promettido livro acerca dos modernos poetas portuguezes, entre os quaes deve avultar no juizo publico Corrêa Caldeira, hoje tão injustamente esquecido.

«É o que me occorre responder á honrosa carta de V. Ex.^a, e a V. Ex.^a agradecendo, muito penhorado, a benevolencia das suas expressões para mim, respeitosamente, me subscrevo

De V. Ex.^a

Mt.^o Att.^o Ven.^{or} e Cr.^{do} Obg.^{do}

JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO.

«Casa de V. Ex.^a

«Bomjardim, 414.

Infelizmente a persistente enfermidade do distinctissimo escriptor não permittiu que aqui fosse indicado o n.º e anno do jornal, onde poderia lêr-se a sua apreciação litteraria.



D. Amelia Janny

I

Amelia Janny foi uma nobre mulher e uma inspirada poetisa.

O vento dos preconceitos sociaes açoitou-lhe o berço!

Mas ella era como estas plantas, que os ventos não desarreigam, nem quebram; e antes parece que mais as fazem prender á terra e adquirir maior vigôr.

A natureza não a privilegiou com dotes de formosura, mas não lhe negou os da sympathy; e era alta, elegante, gentil!

Aos setenta annos, sem curvar o peito, caminhava erecta e direita, como caminhava antes dos vinte, em que a conheci!

E o seu aprumo moral era como o physico! Tinha uma nobre altivez de sentimentos, que lhe provinha da superioridade do seu espirito e da consciencia do seu valor.

Foi-lhe escudo no caminho da vida! No perigoso meio, em que foi creada, ficou sempre intangivel a sua honra de mulher e immaculado o seu nome de senhora!

Pelo muro moral, que, com maior ou menor razão, existia entre os estudantes e as familias de Coimbra, nunca lhe falei nos dias da mocidade. Nunca procurei falar-lhe, posto por vêzes estivesse bem proximo d'ella. Mas sempre a acompanhei com muita sympathy, que provinha do seu talento e do mysterioso romance do seu nascimento, que eu conhecia!

Eramos da mesma geração. Tinhamos quasi a mesma idade.

Quando ella fêz o enterro da sua mocidade, enterrou, sem o saber, tambem a minha!

E que lindo enterro lhes fez! Ora vejam:

Camara Ardente

No luxuôso salão de purpura forrado,
Avista-se uma urna em pedestal doirado.

Sobre ella ondeia e treme a chamma de mil lumes;
Respiram-se no ar suavissimos perfumes;

E sobre o pavimento, em profusão de côres,
Alastram-se festões de peregrinas flôres.

Em desalinho, solta a farta e longa trança,
Suspira ajoelhada e moribunda a *Esperança* ;

E defronte, gentil e bello como a aurora,
Na urna debruçado, o *Amor* soluça e chora.

E quando esmorecia o sôm da résa
Sahida a meia voz dos labios da *Tristeza*

E se iam apagando os ultimos clarões
Dos cirios funeraes e das mortas illusões ;

Então, com mão febril, fechei o athaude
Onde ficava morta a minha *Juventude* !

É bello e viril !

*

* *

Uma das paixões, que a acompanhou em todos os dias
da sua vida, foi o amôr pela sua terra !

Amou Coimbra, como só se ama uma mãe ! As offensas feitas a Coimbra, doiam-lhe como feitas a ella propria !

D'essa sensibilidade do seu affecto se encontraram provas ainda depois da sua morte !

Fez testamento. Legava os seus haveres (que eram modestos, mas sufficientes para lhe garantir uma honesta independencia e a pôr a coberto das mais exigentes necessidades) a uma parenta, que sempre protegeu. Sabendo porém que essa parenta estava em communhão politica, com os que ella chamava os *inimigos de Coimbra*, deu um traço no testamento e declarou que o inutilisava !

D'ahi resultou um letigio, que está pendendo no tribunal de Coimbra.

✽

* *

O amôr por Coimbra foi um dos elos da cadeia da nossa amizade.

Logo nas nossas primeiras conversações, conheceu ser eu um de aqueles para quem Coimbra era a *terra de encanto* da poesia de João de Lemos; e que fizera meus os versos do poeta:

Sou quasi teu filho: amei-te
Da vida no alvorecer.
De Minerva o sacro leite
Por tuas mãos vim beber!

.....
Foi aqui que me sorria
O mundo, a vida, a poesia,
Sou quasi teu filho, sou!

Este commum sentir deu-nos umas relações quasi fraternaes!

Começaram pessoalmente bem tarde. Só nos ultimos annos.

E como começaram? Por forma bem simples:

Uns bellos rapazes, que me são queridos, sollicitaram a minha collaboração no *Almanach de Ponte de Lima* para 1910. Não soube resistir-lhes. Escrevi um artigo de homenagem litteraria a Amelia Janny, que, nos annos anteriores, apparecera como collaboradora d'essa publicação.

Determinou o artigo, por um lado, a admiração pelo seu talento; e, por outro, os laços de sangue, alli desconhecidos, que ligavam a poetisa á formosa terra do Lima.

Sahiu sem assignatura, e só com duas iniciaes.

II

Eis o artigo:

«A distincta senhora e illustre poetisa do Mondego tem direito a entrar na galeria de figuras illustres, que aqui se expõe annoalmente á consideração e respeito de todos os amigos desta terra.

«Não é pela collaboração, com que tem honrado estes pequenos livros. Não!

«Um titulo melhor, mais sagrado, mais intimo a impõe á nossa homenagem!

«É o serem elles — estes livros — como que um registro de tudo quanto gloriosamente pertence a esta querida terra do Lima; de tudo que com ella se prende e relaciona; de tudo que a honra!

«Nascida juncto daquelle formoso rio, tão irmão deste nosso pela belleza das margens e pela limpidez cristalina das aguas, a senhora D. Amelia Janny tem sangue limiense nas veias!...

«São-lhe aqui devidas todas as honras, como a pessoa, que tambem é *nossa!*...

«Mas como prestar-lh'as?

«Tendo de escrever acêrca da illustre poetisa e de pessoas, que pelo sangue lhe foram conjunctas, e aqui nasceram, como pode fazel-o a minha penna desprimorosa e — ha tantos annos! — entregue a assumptos alheios a cousas litterarias e até muito em divorcio com ellas?!

«Como é que, desacostumado e desfavorecido, eu posso ter a ousadia de escrever de Amelia Janny, que é uma sacerdotisa do *bello*; e que, tendo em si o fôgo sagrado da poesia, se eleva, nas azas do seu genio, a alturas, onde a não posso seguir?!...

«Como?...

«Só o saberei fazer; só poderei desempenhar-me do imprudente e pesado encargo, deixando falar o meu coração, a tradição da minha familia e as minhas recordações pessoas!

«Só assim!... Desculpem-me que as evoque; e que por ellas me dirija!...

*

* *

«A senhora D. Amelia Janny provém de uma familia, que tem os mais illustres pergaminhos litterarios, de que póde orgulhar-se esta villa! De uma familia, em que os dotes privilegiados da intelligencia e do talento foram patrimonio commum de todos, cujos nomes andam ainda na memoria dos vivos!

«O sabio D. Francisco de S. Luiz — Cardeal Saraiva; Antonio Correia Caldeira, eloquente parlamentar e distinctissimo homem publico; o poeta Luiz Corrêa Caldeira, têm os seus nomes inscriptos nas folhas de ouro da historia, da litteratura e da politica do nosso paiz!

«Frei Luiz Saraiva, irmão do Cardeal, foi tambem homem muito intelligente e instruido!

«É o que sempre ouvi; e, interessantissimo para a época, delle li um largo manuscripto em poder de pessoa, que muito me pertenceu pelo sangue e pela afinidade.

«As duas irmãs de ambos, D. Joanna e D. Marcelina, possuiram distinctas prendas de senhoras, e uma cultura intellectual, que era rara, n'esse tempo, em pessoas do seu sexo, que nunca sahiram daqui, como creio não sahiram!...

«A senhora D. Amelia Janny — como é bem sabido — nasceu de um romance de amôr de Antonio Corrêa Caldeira, que, na verdura dos annos, foi um gentil, esbelto e amoroso rapaz.

«Tendo-o eu conhecido mais tarde — muito mais tarde

— e com elle pessoalmente tratado, posso dar testemunho da grandissima bondade do seu coração; da inexcedivel lealdade do seu character; e, portuguez de antiga tempera, de ser dotado de escrupulos de honra e de uma austeridade de principios e de proceder, levados ao extremo do maior rigôr!

«A senhora D. Amelia Janny é herdeira directa dos talentos litterarios da sua familia!

«De seu tio, o malogrado poeta das *Flores da Biblia* — tão cêdo roubado pela morte ás palmas da gloria que o esperavam! — herdou o dom privilegiado da poesia!

«Mal pensava o infeliz poeta que á creança que, sentada em seus joelhos, elle acariciava e beijava, estava insuflando e transmittindo a musa, continuadora da sua inspiração!

«O poemeto — *A. Guerra* — (1870) tem versos, que são da sobrinha e parecem do tio! Elle se honraria muito de assigna-los!

•

* * *

«Nunca tive a honra de falar á distincta poetisa!

«Mas sempre a li. Por vezes a applaudi!

«No historico sarau litterario, presidido por A. F. de Castilho, realisado no desaparecido e saudoso *Theatro Academico*, em maio de 1862, as minhas mãos não foram as que menos entusiasticamente a applaudiram!

«Nas minhas palmas ia admiração pelo genio poetico, que a bafejava, e a minha sympathia pela familia, de que procedia!

«Que saudades!

«Que lembranças dessa noite litterariamente celebre!

«O poeta dos *Ciumes do Bardo* recitou a lenda de *Nossa Senhora da Nazareth*, a *Carta á Imperatriz do Brazil*, o *Janota*, e não sei que mais.

«A sua recitação era vagarosamente cadenciada e monotoná!

«*Theofilo Braga* recitou uns formosos versos — como elle nunca mais os fez — da *Visão dos Tempos*.

«Não lhes deu relêvo, que fizesse impressão!

«*Guerra Junqueira*, quasi uma creança, apparecia, pela primeira vez, perante a academia reunida; e recitou uns versos que mal se ouviram.

«*Anthero de Quental*, esse adoravel rapaz de 20 annos, com a fronte aureolada de cabellos de ouro, entrou no palco — que era a tribuna dos poetas — com passo firme e o ar de independencia desdenhosa, que predizia o futuro *Calvino*; o futuro auctor do *Bom Senso* e *Bom Gosto*,



Vista de Coimbra. — Do lado da casa onde morava a poetisa

onde, mais tarde, a golpes profundos e brilhantissimos, havia de deixar, para sempre, mal-ferida a auctoridade, respeitavel e respeitada, do pontifice litterario da época!

«Não recitou. Leu, sentado a uma mêsa, alguns dos versos, que depois publicou nas *Odes Modernas*.

«Dos outros poetas não ficou registo na minha memoria!

«Appareceu afinal, sympathica e timida, pela mão de Castilho, a senhora D. Amelia Janny.

«A harmonia dos seus versos (que aqui não reproduzo para reproduzir outros), a sua recitação, a suavidade da sua voz encantaram a irrequieta assembleia, que a pre-

meou com palmas e homenagens de respeito, bem raro nos que a compunham!

«Dessa saudosa festa litteraria pôde Castilho, referindo-se depois a ella, escrever, com justiça, o seguinte:

«Como que symbolizando a musa do Mondego, uma gentil poetisa, veio, nova Sapho, merecer n'este certame corôa de louros e murtha!

«Ditosa filha de Coimbra! com os teus donosos vinte annos em flor; com a tua voz suave e timida, como o aroma exhalado da tua alma!

«Amelia Janny! perdoa-me, se hoje diante do maior publico, te renovo os meus applausos» (1).

«Esta a prosa do insigne poeta e grande mestre da nossa lingua!

«Mas como prestar homenagem á personalidade litteraria e illustre de Amelia Janny, sem lembrarem logo os formosissimos versos, que *João de Deus* lhe consagrou, escrevendo-os no seu album?

«Que pode haver de mais sublime? De maior glorificação para ella?

«Para aqui vou transcrever esses versos, não do volume de lyricas do divino poeta, coordenadas pelo snr. Theophilo Braga, onde os encontro com *variantes*, com que não posso conformar-me (2)!

«Não! Prefiro ir busca-los ao meu saudoso guarda-joias do poeta... um velho caderno com as folhas amareladas e soltas, como as folhas das arvores por cima das quaes o outono passou!

(1) Conversação Preambular do poema *D. Jayme* ou *A Dominação de Castella* por Thomaz Ribeiro, 1.^a edição, 1862.

(2) *Poesias lyricas completas coordenadas sob as vistas do auctor*, por Theophilo Braga, pag. 156 a pag. 159. Faça quem quizer a comparação; e, nas estrophes omittidas, ainda são maiores as variantes.

N. B. — Publicam-se agora integralmente todos os versos.

«Para ali foram copeados do original, que não vem para aqui dizer como — ha tantos annos — esteve nas minhas mãos!...

A Amelia Janny

Oh Janny! teus ais me exaltam;
 Partem d'alma e n'alma echôam;
 Filhos de alma á alma vôam,
 Sim Janny!
 E se as lagrimas te esmaltam,
 Te aljofáram, te matizam,
 Pelas faces me deslizam,
 Como a ti.

Mas tu, flôr! brotaste agora!
 Quando o sol mal te inda aponta,
 Porque choras como á conta
 Do porvir?
 Se ella, a flôr, sorri á aurora,
 Tua irmã na primavera,
 E ave e homem — anjo e féra —
 Vês sorrir?

Pomba, eu sei! ha em toda a alma
 Mola occulta: por mais cedo
 Que lhe toque incauto dedo,
 Mal nos vae!
 Outra Oreb a sede acalma,
 Mas de pranto amargo e duro,
 Que é da nuvem do futuro
 Que elle cae!

Tu, Janny, nas azas tuas,
 Do teu genio, tens anhelos,
 Que pediam sonhos bellos
 E de amor!
 Sonhas inda? tu fluctuas,
 Já nas aguas do diluvio,
 Viva imagem, sôpro, effluvio
 Do Senhor!

Que vês tu? Sobre a mais alta
 Das montanhas d'este globo,
 Que vês tu? N'um throno o roubo
 Que é o rei.

Digno rei! que mais exalta
 Mais eleva os que o adoram,
 Quanto mais odio lhe imploram
 Povo e lei.

Rei é Deus . . . se é escravo o homem
 Rei fez elle o homem todo.
 Cada' qual pode a seu modo
 Bem viver.

Pois se as feras se não comem
 Uma á outra; havia aquelle
 Que Deus fez á imagem d'elle
 Tal fazer?

Se o fez, fel-o porque o sangue
 É manjar de regio labio . . .
 Deus é justo, Deus é sabio,
 Não quer tal!
 Manda Deus que o boi se cangue
 Mate e coma, porque esse
 Tal qual nasce, á terra desce
 Tal e qual!

Deus é livre: imagem sua
 Livre a alma que perscruta:
 Livre o braço que executa
 Não servil!
 Ante o crime só recúa,
 Ante o sangue . . . petrifica!
 Mas se um dedo o rei lhe indica
 Mata o vil!

Oh, se Italia, Italia ainda
 Presta ao mundo um novo mobil,
 Se ainda á vida esta alma ignobil
 Restitúo!
 Desce! desce éra bem vinda!
 Quer manná inebriante,
 Quer espada flamejante,
 Vem, se és tu!

Bella és sempre! De Deus filha,
 Saes ao pae na formosura!
 Bella és sempre, sempre pura,
 Como a luz!

Tu, auctor da maravilha
 D'este mundo, ajuda-o n'isto!
 — Garibaldi! ou novo Christo! . . .
 Gloria . . . ou Cruz!

Geme, pomba! . . . Quem não ha-de . . .
 Chora, rosa! chora dhalia,
 Dos jardins d'esta outra Italia,
 Portugal;
 Mas se um dia a liberdade
 Passa enxuta o mar vermelho,
 Tu, dos anjos casto espelho,
 Cala o mal . . .

*
* * *

«A obra poetica de Amelia Janny anda espalhada por tão grande numero de jornaes litterarios e outras publicações d'esse genero, que impossivel me é dar uma relação completa de todos!

«Podem encontrar-se versos seus no *Cysne do Mondego*, *Preludios Litterarios*, *Estreia Litteraria*, *Panorama Photographico de Portugal*, *Portugal Pittoresco* — jornaes litterarios de Coimbra —; na *Illustração Universal*, *A Mulher*, *Semana de Lisboa*, *Republicas* — jornaes litterarios de Lisboa; *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, *Almanach das Senhoras*, em annos seguidos (Lisboa), *A Borboleta* (Braga), *A Alvorada* (Famalicão), *A Guerra* (folheto avulso), *A Imprensa Portugueza aos Povos de Andaluza* — numero unico — *Almanachs do Commercio do Lima*, e muitas outras publicações.

«A musa de Amelia Janny nunca envelhece! Como Garrett, ella fará versos sentidos e bellos até morrer!

«De tão rico e opulento thesouro, querendo trazer

para aqui uma das suas joias, eu só poderia ter difficuldades e hesitações na escolha! Não tenho!

«Transcrevo, só devo transcrever, aquella que a auctora por certo mais ama; a que lhe é mais saudosa e mais querida!

«Todos que temos sentido no peito o mais santo e mais puro dos affectos, faisca divina, — *o amôr por nossas mães*; todos que se enlevam n'esse sentimento, mais que nenhum outro, reciproco e leal, todos que fizeram d'elle um perenne culto de saudade, que lhes é como que religião; — todos — hão-de reconhecer que esta poesia de Amelia Janny deveria lêr-se e ouvir-se, de joelhos, como uma piedosa oração! (1)

«Vejam:

Aos annos de minha Mãe

A ti, que debruçada no meu berço,
Por noites de amargura e de agonia,
Velaste, coração em dôr submerso,
Abrazada na febre em que eu ardia;

A ti, que me ensinaste, entre mil beijos,
A louvar o Senhor, em cada aurora,
Que encerraste as esperanças e os desejos
Em vêr-me alegre e forte d'hora em hora;

A ti, que da affeição fazendo escudo,
Affrontaste o rigôr de atróz destino,
Que ao deixares, por mim, familia e tudo
O teu seio de mãe soltava um hymno;

A ti, ó minha Mãe! martyr obscura,
Que percorreste a via dolorosa,
Forte do teu amor, com mão segura,
A amparar-me, a sorrir-me, carinhosa;

(1) Tem nota no fim.

A ti, que eu vejo sempre, se a doença
 Me entristece, me abate e curva a fronte,
 Junto de mim, qual brilha, em noite densa,
 Uma estrella surgindo no horisonte;

Livro, em cujas paginas eu leio
 Um poema de amor e de ternura,
 Voz — como outra não ha —, seguro esteio,
 Reprehensão, que sorri; perdão, que dura;

Olhar em que se espelha o affecto immenso,
 Onde vão reflectir-se as minhas dôres,
 Abrigo sem igual, luz do que eu penso,
 Mystica urna de immurchaveis flores;

A ti, no dia dos teus annos, dera
 A alegria, que em prantos consumiste,
 Os folguedos da tua primavera,
 Em vêz da tua vida amarga e triste!

.....

«Depois da harmonia d'estes versos, em que se sente o carpir melancolico das rolas e os trillos suaves dos rouxinoes do Mondego e do Lima, quaesquer palavras nossas seriam... o pio do môcho!»

III

Esse era o artigo publicado no annuario de Ponte de Lima. Só alli podia e devia ser publicado. Só o auctor se atrevera a publica-lo alli.

Quantas razões havia!

É que o talento da distincta senhora era o corolario de uma genial permissa, que, em pleno seculo 18, no dia

26 de janeiro de 1766, surge á luz e depois se manifesta existir occulta n'aquella villa!

Era o fructo de uma arvore, cuja raiz fôra levada d'alli!

Era a demonstração, evidentissima, da força — ao mesmo tempo querida e tremenda — de uma lei, escripta pela natureza no proprio sangue de cada sêr, ora em caracteres dourados e brilhantes, ora em traços negros e horri-veis; e que se chama a *lei da hereditariedade!*

São bem dourados de talento e distinção os caracteres com que essa lei se lê, em pessoas da familia, que têm a mesma origem limiense!

Que força de divina luz nos globulos sanguineos da obscura familia, a que pertenceu algum dos progenitores do homem illustre, ao qual, em meados do seculo 18, seus paes deram o nome de *Francisco Justiniano Saraiva!*

Depois de apparecer n'este, appareceu em quasi todas as pessoas, que teem a mesma origem, e em successivas e prolongadas gerações! (1)

Comparando o appellido da mãe dos Caldeiras, D. Anna Efigenia *Corrêa* com o da mãe do Cardeal Saraiva, D. Maria *Corrêa* de Sá, vê-se que é d'essa plebéa familia *Corrêa*, que promana uma tão grande nobreza e fidalguia intellectuaes!

*

* *

O artigo do annuario limiense sahiu, como fica dito, sem assignatura, mas não foi difficil á poetisa saber quem d'elle era o auctor.

(1) Já vae na 5.^a geração!

Um juvenil advogado, o Sr. Caldeira Coelho, neto do Con- seheiro *Corrêa* Caldeira, recentemente formado, mal tomou a palavra nos tibunaes criminaes, revelou dotes de distincto orador forense.

E tal é a força da hereditariedade, n'esta familia, que entre a mãe do esperançoso advogado, a Senhora D. Maria Thereza Deslandes Caldeira, e D. Amelia Janny — que nunca se encontraram — havia não só inteira similitude physica, mas até de gestos e de caligraphia.

Tive então a honra de receber a seguinte carta:

III.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor

Nunca me senti tão pequenina e tão grande!

Pequenina em relação ao meu valor; mas, erguida a uma tão grande altura na sua proza elegante e rendilhada, subo tanto que até se me perturba a vista!

Não tento agradecer a riquíssima moldura em que V. Ex.^a metteu o meu pequeno nome.

Não o saberia fazer; mas não posso furtar-me ao desejo de dizer a V. Ex.^a quanto ambiciono conhecê-lo e apertar a sua mão, que tem de ser, por força, mão amiga!

De modo que vou augmentar a minha divida, fazendo-lhe um pedido: é o de, na sua passagem para P... avisar-me para eu ir á Estação cumprimenta-lo.

É pedir muito?

A sua generosidade é capaz de dispensar esta fineza á

De V. Ex.^a
Veneradora e amiga

AMELIA JANNY

Seria indelicado desprimôr obtemperar a este pedido!

Com um velho amigo, antigo companheiro dos bancos escolares, que desde logo revelou, no inicio dos nossos estudos, possuir o cerebro de um homem de sciencia e o nobre coração de um velho portuguez, o Dr. Chaves e Castro, eu tinha um compromisso: o de ir estar com elle alguns dias e irmos juntos passear na sua bella propriedade, beijada pelas aguas do *Mondego* e do *Ceira*, a qual não conhecia. Esse compromisso me levou a Coimbra.

Por essa occasião fiz a minha visita á poetisa. Não foi preciso que algum guia me fosse mostrar a casa. Era ainda a mesma em que já morava nos meus tempos de estudante, proximo daquella, onde, no quarto de Alberto Sampaio, pela primeira vez, falei a Anthero com aquella familiaridade escolastica, que dispensava cerimoniosa apresentação.

Durante os dias, que estive em Coimbra, a visitei nessa sua casinha da *Couraça de Lisboa*, onde tudo era simples e singelo, mas disposto com ordem, elegancia e bom gosto.

Durante as nossas conversações, por vêzes, a sua porta se abria para receber a visita de senhoras, de professores e outras pessoas distinctas de Coimbra, que iam levar-lhe homenagens de estima e consideração.

Tantos acontecimentos tínhamos visto passar, em outro tempo, por diante de nós; tantas pessoas nos eram conhecidas, e a respeito das quaes completavamos reciprocas informações, que parecia continuarmos conversações que já havíamos tido no passado!

Era interessantissimo o seu dizer, cheio de observação e espirito.

E nunca faltava o assumpto! Mulher intelligentissima, dotada de rara memoria, durante meio seculo, esteve, naquella sua casinha da formosa encosta, a vêr e registrar todos os acontecimentos, conhecendo mais ou menos, todos os homens distinctos das diversas gerações academicas, que, n'esse largo periodo, passaram por Coimbra!

Tinha uma singular atracção aquelle ninho da ave canora! Ninho de poesia, de virtude e de bondade! Onde a caridade recebia culto por diversas formas e aparecia nas suas variadas manifestações (1).

E que deslumbrante panorama o desse formoso ninho!

Debruçado sobre o Mondego, vendo correr as suas aguas e ouvindo os rouxinoes na margem! Abaixo a ponte. Em frente, o ridente bairro de Santa Clara, coroado pelo historico convento com o culto e a lenda poetica da Rainha Santa! A' esquerda, lá ao longe, a formosa estancia da *Lapa dos Esteios*, ou *Lapa dos Poetas*! Mais á quem, os sitios, a que anda ligada a tragica morte da linda Ignês, as *Lgrimas* e a *Fonte dos Amôres*! Sitios a que nem falta a poesia no nome, mas onde falta agora,

(1) Vejam-se as correspondencias de Coimbra para o *Diario de Noticias* de 20 e 21 de março de 1914.

— creio — o *copado cedro* dos versos da *Victoria Linda*, que muitas vezes me vieram á memoria pensando na morte de uma outra *Victoria Linda*, que é a ultima figura deste livro!

Foi ahi, que, durante mais de meio seculo, a poetisa esteve entoando canticos a tudo quanto é bello e bom; a tudo quanto é nobre e grande! Esteve, durante esse largo periodo, compondo versos com a mesma natural facilidade despretençiosa, com que qualquer outra senhora cuida das suas flores ou das suas avesinhas.

IV

A poesia — disse alguém — é a musica das almas!

Se nem todos amam os versos e a poesia é porque nem todos têm a alma afinada para perceber as bellas e harmonia dessa divina musica!

Instinctivamente a percebeu Amelia Janny. Ninguem lh'a ensinou. Advinhou-a bem cêdo, quando, ainda como creança, brincava! Não tinha quinze annos!

Foi n'essa edade que, em uma tarde de chuva, estendendo da sua janela a mão para aparar algumas gotas de agua, fez uma pequena quadra, que ficou na memoria das pessoas da familia, não tendo nunca sido publicada:

Ó chuva! cahi, cahi!
 Cahi-me na minha mão:
 Assim pudera a virtude
 Cahir-me no coração.

Desde esse momento sentio, dentro do peito, a chamma sagrada!

Fez depois versos, que rasgou; e, aos 16 annos, apparecem os seus primeiros versos publicados. Foram-nos por Antonio Lucio Tavares Crespo, seu parente por afinidade, em um jornal de Leiria, *O Liz*, e depois reproduzidos por Augusto Cesar da Silva Mattos no *Cysne do Mondego*, de que era redactor.

Silva Mattos foi grande amigo e admirador de Amelia



Vista de uma parte do Terreiro da Universidade e de uma parte da Via Latina

Janny. Juiz exemplar, apesar de poeta, e bom poeta, apesar de juiz, é um dos que muito tem mostrado quanta verdade ha nos versos do quinhentista:

*Não fazem mal as musas aos doctores
Antes mais lustre a suas letras dão!*

*

* *

Li agora esses primeiros versos de Amelia Janny, que se encontram no n.º 11 do *Cysne de Mondego*, de 11 de Maio de 1857. São uma longa elegia á morte de uma amiga.

Entre elles e os que agora ahi se lêem que largos estadios percorridos!

Era a aguia, ainda implume, que tentava o vôo. Depois, ganhando azas, ergue-se á maior altura para cantar *Camões* e *Victor Hugo*, sem que lhe offusquem a vista e a ceguem os raios deslumbrantes do Sol d'essas immensas glorias!

A elegia do *Cysne* marca apenas uma data. Nunca mais deixou de poetar.

Em todas as festas e solemnidades nacionaes, em todas as festas de caridade, em saraus litterarios, em recitas commemorativas, e sempre nos beneficios a favor da *Sociedade Philantropico-Academica*, apparecem versos de Amelia Janny e, muitas vêzes, apparecia ella a recita-los.

No Theatro Academico, no Theatro de D. Luiz, no Salão da Associação dos Artistas — onde recitou a sua bella poesia *Progresso* — ella por vêzes se fez ouvir e colheu farto quinhão de applausos.

Quando alguma celebridade artistica passava por Coimbra, não deixava de a saudar com os seus versos. Acho muito bellos os que dedicou a *Celestina Paladini!*

*

* *

Não se limitava a cantar os intimos e ternos sentimentos, que aninhava no coração.

Lançava a vista para mais largos horizontes! Deixava-se arrastar pelos altos ideaes, que lhe illuminavam a mente e lhe ardião no coração.

Por vêzes, pedia a benção a Calliope; e ella, uma fraca e modestissima mulher, calçava o cothurno da musa épica para entoar canticos á Patria e aos grandes nomes da sua historia!

É d'esse genero a bella poesia por ella recitada, em

1880, no Theatro Academico, por occasião das festas camoneanas, na recita organizada pelos estudantes d'essa época. Admirem-na:

A Camões

Nós vêmol-o surgir, heroico, austero, grande,
 Envolto n'essa luz que só o genio tem,
 E ao contemplal-o assim, o coração se expande,
 E rende-se ao poder que d'esse vulto vem.

Tres seculos depois, mais viva, mais intensa
 Resplende e maravilha a gloria de Camões,
 Herança collosal d'uma grandeza immensa,
 Que cada geração transmite ás gerações.

No seu poema enorme, em cantos magestosos,
 Desdobra-se o valor do povo portuguez,
 Deslumbra, ao descrever em versos assombrosos,
 O fero Adamastor e a desditosa Ignez.

Soffreu como ninguem, luctou como um gigante.
 Um malfadado amor... rasgou-lhe o coração,
 E pôde, ao naufragar, exausto, agonisante,
 Salvar o seu paiz, erguendo uma só mão!

É que essa mão continha a historia nunca lida
 Dos brios nacionaes, dos feitos d'além mar,
 D'essas victorias mil d'uma nação, erguida
 Ao maximo esplendor que é dado conquistar.

E, salvo o seu poema, a morte era o repouso,
 Era a alvorada amiga, era a suprema luz,
 Era a ventura, enfim, o ambicionado goso,
 De quem, sem murmurar, levára a sua cruz!

Previo, prophetizou a queda vergonhosa
 Da patria, a quem legára os cantos divinaes,
 E ao expirar, talvez de fome, luminosa
 A gloria lhe cingia as vestes immortaes!

De El-Rei D. Sebastião nos impetos vehementes,
 Da proxima ruina o passo adivinhou,
 E de Alcacerquivir nos areaes ardentes,
 Prestigio, c'roa, rei, poder — tudo rolou . . .

Do muito que foi nosso é pouco o que hoje resta,
 Do velho leão do mar, do ousado Portugal,
 Apenas um tropheu o seu poder atesta:
 — Um livro — esse padrão do epico immortal!

Que se a destruição passa como Ashavero,
 Levando a decadencia ao seio das nações,
 O genio as faz viver. A Grecia teve Homero,
 A Italia teve Dante, e os Luzos tem Camões.

Nos lancês mais crueis, nas maguas da existencia,
 Na terra e mar gravou em bronze o seu valor,
 E teve na afflicção, no exilio, na indigencia,
 A força de viver, a fé que esmaga a dor.

A inveja quiz pousar-lhe um veu sobre a memoria,
 A ingratição teceu-lhe o funebre lençol,
 E elle resurgiu nas paginas da historia,
 Qual dentre nuvens sae mais fulgurante o Sol.

.....

Nem todos podem ser o que elle foi — Portento — !
 Mas vós podeis segui-l-o. — Ávante, mocidade!
 No vosso coração erguei-lhe um monumento,
 E amaê, como elle, o estudo, a patria e a liberdade!

Eu, que a ouvi recitar e a applaudi, n'esse Theatro,
 quando ella tinha vinte e um annos, lendo agora esses
 versos, parece-me estar ainda a ouvil-a!

Outros tem, de egual, acendrado patriotismo!

V

A obra poetica de Amelia Janny é enormissima. Enchia volumes.

Tendo de transcrever para aqui versos da illustre poetisa, tenho grandes difficuldades na preferencia. Tantos são os que se me offerecem.

Começarei por dar publicidade a uns, ainda inéditos, que ella me mandou em carta de 13 de agosto de 1910:

Tres Cantos

Ó dias luminosos, sempre em festa,
Quando somos creanças, a folgar,
Cantando o hymno de que a lettra é esta:
Gosar, gosar!

Ó loura adolescencia, ó sonho lindo,
Que nos povoa o somno e o despertar,
Em doce melodia repetindo:
Amar, amar!

Ó sombra da illusão, que foi ventura,
Fumo que o vento dissipou no ar!
De que só resta o psalmo d'amargura:
Chorar, chorar!

*

* *

Entre tantissimas composições da distinctissima poetisa, eu quero honrar-me em trazer para aqui a que ella consagrou á que chama a sua *confidente e amiga*:

Á Poesia

Poesia! eu te amo, confidente e amiga,
Com quem minha alma se entrelaça e chora!
Tu, que és nas trevas de veladas noites,
A estrella d'alva precedendo a aurora.

No teu regaço descançando a fronte,
Sorri-me a crença de um melhor viver;
Olvido tudo que me opprime; e góso
Com teus afagos divinal prazer.

Fogem-me as debeis affeições da terra,
Que a aragem fria da traição balança;
E ao vê-las todas resvalar no abysmo,
Sinto com ellas fenecer a esperança.

Então surgindo luminosa e bella,
Deixando em ondas fluctuar o veu,
Tu vens n'um beijo, que me enxuga o pranto,
Roubar-me á terra, recordar-me o ceu!

Ruge a calumnia a tripudiar maldicta,
Por sobre as rosas do sentir mais puro
Curvada ao pêso de um soffrer cruento
A paz d'esta alma nas soidões procuro.

Mas tu despontas magestosa e altiva,
E a um leve acêno da nevada mão,
O desalento desaparece; e eu fito
A lisa estrada que diviso. então.

Da consciencia no pallido espelho
Revêjo as scenas de um viver formoso,
Sem que uma culpa lhe ensombrasse o brilho,
Ou negra mancha lhe empanasse o góso.

E tu, sorrindo, graciosa e linda,
Dos negros olhos na divina luz,
Dás-me a ventura que me nega o mundo,
Ergues ditosa quem vergava á Cruz!

Poesia! eu te amo! por caladas noutes,
 Quando entre folhas se adormece a aragem,
 E a lua passa no cristal do rio
 Em longos beijos reflectindo a imagem;

Quando exaurida me descae a fronte
 E no futuro, desolada, scismo,
 Sem que uma esperança me illumine a vida,
 Sem ter a força de encarar o abysmo;

É então que as azas, desprendendo rapidas,
 Fendendo o espaço, qual subtil vapor,
 Vens dar-me a fé, que se extinguiira em lagrimas,
 E a doce crença que murchava em flôr.

Visão querida, que anciosa invoco,
 Se um dia perco teu materno abrigo,
 N'essa hora, solta dos terrenos laços,
 Livre, minha alma voará contigo!

*

* *

Não ousou fazer a apreciação d'estes formosos versos!
 Ahi os tem o leitor.
 Aprecie e admire-os!

VI

Como documento do vigor do seu estro e do seu poder
 descriptivo com as finas côres da sua palheta, ha uma
 poesia que desejo appareça n'este livro, já porque é pouco
 conhecida e merece sê-lo, já porque é uma das que lhe
 era mais querida.

O Medico

Nas horas de remanso iriadas de ventura,
Quando a alegria solta os cantos seductores,
Quando nos foge o tempo e tudo nos murmura
A canção do prazer, e a vida é aroma e flores,

Ninguem o vê, ninguem se lembra que elle existe,
— Heroe sublime e bom, de si proprio esquecido,
Entrando, como a luz, na casa pobre e triste,
A tudo o que padece attento sempre o ouvido.

Passa sem elle a festa, o baile deslumbrante,
O banquete ruidoso, a dança estonteadora
Aonde a mocidade, inquieta e palpitante,
Vive sec'los d'amor no espaço d'uma hora!

Quem pensa n'elle então, no martyr ignorado,
Que consome, a estudar, as longas noites frias,
Em lucta permanente, em duello despiedade,
A combater com a morte em lentas agonias?!

Onde a tristeza e a dôr, o desespero e as lagrimas,
Se juntam n'um concerto estranho e procelloso;
Quando a mãe desgrenhada abraça o filho pallido
Em que a doença estampa o sello pavoroso;

Sempre que a humanidade o seu auxilio implora;
Da noite a escuridão, os temporaes, a neve,
O conchego do lar, a familia que o adora,
— Nada o detem; caminha a passo firme e breve.

É medico: pertence aos seios que soluçam,
Às mãos que para elle estendem supplicantes
Os que, loucos de dôr, de dôr apenas pulsam,
E lhe pedem a vida, em gritos lancinantes!

Entrou? entrou com elle a esperança radiosa,
Interrogam-lhe o olhar, esperam a sentença;
Faz-se o silencio em torno ao leito onde repousa
Alguem que geme e soffre o horror d'atroz doença.

«Doutor! brada-lhe um pae, a minha filha é nova,
 «Formosa e boa, e é mãe — não deve inda morrer. . .
 «É-lhe esta casa um céu, é fria e negra a cova. . .
 « — Tudo póde alcançar a sciencia quando quer. . .

Póde roubar á morte a victima que chora?
 Trocar, no d'alegria, o pranto d'afflicção?
 Terá de a ver morrer, impassivel, embora
 Lhe estremeça d'angustia e magua o coração?

Que de vezes, meu Deus, domina triumphante
 A doença que enlucta e esmaga uma familia,
 E bemdiz o trabalho, a lida fatigante,
 Os dias d'anciedade, as noites de vigilia;

Mas quantas, quantas mais, debalde pensa e estuda,
 Tentando penetrar na noite da incerteza,
 É interroga a sciencia implacavel, muda,
 Ante o poder da morte arrebatando a presa!

Austero no dever, altivo no seu posto,
 Aceita a ingratição — a moeda mais vulgar —
 Benevolo, sereno, a placidez no rosto,
 Na consciencia a paz, sempre o perdão no olhar!

Fatiga-se na lucta, alvejam-lhe os cabellos,
 Invade-lhe a existencia uma tristeza infinda. . .
 Sumiram-se, d'ha muito, os seus ideaes mais bellos,
 Mas, se tudo mentiu, a sciencia resta ainda.

Mais tarde, quando passa o velho sabio, o medico,
 As creanças, a rir, querem beijar-lhe a mão. . .
 E quando, emfim, termina o nobre sacerdocio,
 A sua historia fica em mais d'um coração! . . .

*

* *

Ainda uma pequenina composição para contraste. Re-
 commenda-se pela singelesa e espontaneidade.

N'um dia de annos

Tres de março — alegre data,
 Que entre perfumes se espera,
 Porque do cinto a desata
 A deusa da primavera.

E a primavera da vida,
 Que nos cinge em seus fulgores
 É tão ditosa e florida
 Como a quadra dos amores.

Que o destino, em seus arcanos,
 N'um abraço deixou prêsa
 A festa dos vossos annos,
 Á festa da natureza.

VII

Ella, que, em toda a sua vida, amou tanto o seu Mondego, teve, ao fim d'ella, preitos de admiração para outro rio.

Amou também o *Lima*.

Nas visitas, que lhe fiz em Coimbra, manifestou-me vehementes desejos de conhecer Ponte de Lima. D'ahi um convite e a acceitação d'elle para o futuro mês de setembro.

Não pôde ir, por causa do compromisso tomado para a assistencia a um casamento, cuja data não podia ser alterada, nos dias em que se realizam as festas annuaes d'aquella villa. Teve de ir dias antes.

A carta, que precedeu essa visita, contêm, em poucas palavras, com tanta sinceridade e modestia, o resumo da sua vida, que quero reproduzi-la, omittida apenas a parte em que é exageradamente amavel e honrosa para mim.

«Coimbra, 3-9-910.

«Ex.^{mo} amigo

«Agradeço, comovida, toda a amizade de que a sua carta, recebida hontem, vem cheia.

«A mim, pobre creatura, creada modestamente, trabalhando muito, a exemplo de minha mãe; quasi sempre sem creada, por varias razões; singelamente vestida: frequentando pouco a sociedade, que eu via com maus olhos, — impressiona-me immenso o que V. Ex.^a me diz!

«... diz-me que não tem commodidades, nem *pessoal* para me receber!

«Não me torne a dizer isto, pois não? Não são as festas, embora muito pomposas, como diz o jornal que V. Ex.^a fêz a fineza de mandar-me, que ahi me levam. Tenho a aspiração de conhecer esse Lima, que me não será *Lethes*, porque ficará sempre como a mais linda miragem na minha saudade; os esplendores d'essa natureza; a graça d'essa terra amada por quantos a conhecem.

«O seu espirito, meu amigo, é a mais inquieta e matizada borboleta. Não; as suas azas nasceram consigo, como as das aves. Não tem o sol... , mas achei-lhe uma graça infinita pela sua inesperada amabilidade!

«Deve sentir um grande prazer n'esse descanso de poucos dias, que essa *verificação de tristes poderes* lhe vae roubar, sem proveito para ninguém.

«Deixe passar a minha ignorancia, sem reparo; mas accete, sem sacrificio, a amizade e admiração com que o recorda a

AMELIA JANNY.»

*

* *

Durante os dias que alli estive, conquistou a admiração e as sympathias de toda a gente que d'ella se approximou: grandes e pequenos, alguns bons rapazes das escolas superiores e algumas pessoas distinctas da terra, e, entre estas, a Senhora Condessa e Conde de Bertandos, que muito expressivamente lhe manifestaram a sua sympathia.

Démos um pequeno passeio, acompanhando o rio até á Ponte da Barca, pela margem esquerda, e, depois de alguma demora em Arcos de Val de Vez, admirando os formosos panoramas que enquadram aquella villa, regressamos pela margem direita, não se cançando de admirar as bellezas do rio, fazendo repetidamente parar o trem!

Ficou com saudosas impressões. Em carta, que precedeu apenas doze dias a sua morte, mandou-me os versos, que vão lêr-se, que deviam ter sido publicados na *Limiana*, e não foram por virtude da suspensão temporaria d'esta interessante revista litteraria regional.

Intitulam-se :

Ponte de Lima

(Aos seus filhos)

Não, não posso esquecer o mago encanto
D'essa terra graciosa e sonhadora,
Onde as horas e o tempo correm tanto,
Onde tudo nos prende e a vida inflora ;

Dos montes que se elevam como altares
Onde, perto do céu, Deus nos escuta
A narração dos prantos e pesares
Da vida, na tremenda e eterna lucta !

Do Lima preguiçoso e disfarçado,
Mudando de caminho, a cada instante,
Nas curvas serpentinadas resguardado
Por margens lindas, d'arvoredo ondeante;

Dos Palacios as paginas gloriosas
Da sua, tão authentica, nobreza,
Mantida, sempre, nas açções briosas,
Dos seus filhos no porte e na firmeza.

Bem gravada no intimo do peito,
Bem prêsa na memoria do meu ser
Tenho a data em que a vi ! Com que respeito
Invoco d'essa tarde o esmorecer !...

Ponte romana, enegrecida e linda,
 Banhada de luar e de poesia,
 Quando te atravessei, lembro-me ainda
 Como, nervoso, o coração batia!

.....

Passavam auras perfumadas, leves,
 E, na paz d'essa noite constelada,
 Parecia-me ouvir as notas breves,
 Os maviosos sons d'uma Balada!

Foi, talvez, devaneio, essa harmonia,
 Ephemero prazer diluido em pranto,
 Um ecco do passado .. a fantasia
 Bordando um sonho que eu amára tanto! ..

VIII

Eram muitas as pessoas que lhe pediam para colligir em livro os seus versos.

Muito especialmente a instigavam a isso o Dr. Guimarães Pedrosa, o abalisado professor, com cuja amizade muito se honrava, João de Paiva e eu.

Dizia-me que era preciso uma grande selecção, e que se sentia sem forças para a fazer.

Chegou-me a dizer que tinha começado esse trabalho e que teria por auxiliar a Senhora Marqueza de Pomares; e não podia tê-la melhor, porque a nobre e distinctissima senhora, além de amiga dedicada de Amelia Janny, é tambem uma distincta poetisa.

*

* * *

Em 1915 veio a Lisboa e aqui esteve trez mezes, hospeda da Senhora D. Emilia Midosi, a respeitabilissima

senhora que é viuva de Henrique Midosi, e que professava pela poetisa a mais carinhosa afeição.

Foi aqui que compôz o soneto dedicado a D. Constança da Gama.

Indo para Coimbra escreveu os versos a *Ponte de Lima* e outros ao *Tribunal de Haya*. São aquelles e estes os seus ultimos versos.

Ella que, em 1870, tinha fulminado a carnificina d'esse anno, escrevendo o seu brilhante poemêto *A Guerra*, parece que adivinhava que os campos de uma grande parte da *Europa* iam converter-se em mares de sangue! Saudou por isso a conferencia de *Haya*. Pensou até em ir de perto saudar os sacerdotes da *Paz!*

Chegou a fazer as malas para ir á Hollanda na companhia de duas senhoras, sobrinhas de João de Paiva.

Não pôde ir! Cahia de cama, e nunca mais se levantaria d'ella! No dia 19 de março de 1914, falleceu!

*

* *

Foi uma pobre mulher cheia de uma enorme riqueza moral e intellectual!

Teve no peito um thesouro de nobres affectos e no espirito os mais elevados ideaes!

Viveu sempre com a *mente ás musas dada!*

Foi uma alma gentil!

NOTA 1.^a

Silva Mattos, o distincto amigo, distincto magistrado e distincto poeta, depois de ler o artigo do annuario limiense (não escrevo *ponte-limense* por uma razão chorographica e porque, dizia Castilho, que havia palavras que lhe faziam o effeito de lhe estarem a picar o ouvido com lasquinhas de côrno) ¹ devolveu-m'õ com os seguintes versos:

De Joelhos

(Ao meu amigo P. O.).

D'alma lucidos espelhos
Um a um seus versos dão.
Devem lêr-se de joelhos
Com fervor, com devoção.

Que amôr, que ternura brilha
No sentir que elles contêm!
Distilam da alma da filha
Enlêvos d'amôr da mãe.

Desde que os li, meu intento
Foi seguir os teus conselhos,
Versos de tal sentimento
Devem lêr-se de joelhos!

(1) Em puro latim: *Llmia*, *Limia*, o rio Lima; e por isso tem uma immediata e legitima filiação o meu *limiense*.

NOTA 2.^a

Por occasião do fallecimento de Amelia Janny, em diversos jornaes foram publicados artigos prestando homenagem ao talento e ás virtudes da illustre poetisa.

D'esses artigos quero transcrever aqui, supprindo assim, quanto possivel, as defficiencias do meu escripto, o que foi publicado na *Capital*, na secção que se intitula — *Serões Femininos*, devido á penna elegante da distincta senhora, que, sob o pseudonymo de *Roxane*, esconde o seu nome illustre, mas não o seu fino talento; e que todos sabem ser a Senhora D. *Amelia Caldas Xavier*.

Eis o artigo:

«Quando hontem os jornaes, no cumprimento da sua missão imperiosa, me trouxeram a fria noticia da morte de Amelia Janny, senti dentro da minha alma o travo amargo d'uma surpresa dolorosa, impressionando tristemente o meu espirito.

«Tinha-me habituado desde creança á sympathia d'este nome feminino, subcrevendo sempre versos de extraordinario brilho poetico e grande merito litterario.

«O anno passado, pelo verão, encontrámo-nos, a poetisa e eu, no hospitaleiro e nobre salão da sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, em Santa Catharina, e o conhecimento pessoal da illustre poetisa deu-me o prazer que geralmente sente quem sabe admirar ao descobrir as delicadezas d'uma fina alma de mulher, cheia de emotividade, e as scintillações luminosas d'um espirito gentil, cultivado e vivo, da mais interessante vivacidade. A partir d'esse dia, trocaram-se as nossas visitas durante a sua curta permanencia em Lisboa — n'esta Lisboa que não tinha para a poetisa os encantos do seu suggestivo Mondego, que tanto enter necera a sua alma, inspirando-lhe lindos versos de requintado sabor romantico e de incontestaveis bellezas.

«D'uma d'essas visitas a que alludo, ficou-me a inapagavel recordação d'algumas poesias que me disse, na mais singella despretenção litteraria e, o que é mais interessante, a d'uns magnificos sonetos, compostos ultimamente para um concurso de *sonetos de amor*, aberto não ha muito tempo ainda, por umá revista de Lisboa e que me deram a extranha impressão de serem versos dos mais radiosos vinte annos . . . tal era a frescura, a vida, a expontaneidade do sentimento, a graça das imagens e os tons quentes do seu extraordinario colorido.

«Tinha 73 annos a illustre senhora, a delicada e fina poetiza, que

eu ha pouco ainda ouvi com tanto interesse e tão sincera ternura, e que ao ler agora a inesperada noticia da sua morte tantas saudades senti que me deixára . . . Mais um bello espirito que se apaga, uma commovida alma de mulher que desaparece . . .

«A *poetisa do Mondego*, como em Coimbra lhe chamavam, deixa, com os seus versos dispersos em varias publicações, muitas tristezas e saudades dispersas pelas almas dos que a conheceram e affectuosamente a admiraram.»

ROXANE.

Joaquim Champalimaud e Vasco Leão ⁽¹⁾



O anno de 1895 tem sido fatal para a Relação do Porto!

Pouco tempo ha que a morte lhe roubou um dos seus mais distinctos juizes, o sr. Joaquim d'Araujo Cabral Montez de Champalimaud!

A leiva do cemiterio, revolvida pela enxada do coveiro para abrir a sepultura d'este magistrado illustre, mal começava a solidificar-se, e já uma outra sepultura se abre para abrigar os restos mortaes d'um seu digno companheiro de tribunal, o sr. João Vasco Ferreira Leão!

Caracteres de indole differente, a ambos irmanava a mesma paixão da justiça, o mesmo amor de illustrar e enriquecer o espirito para o cumprimento do dever.

«*Erudimini qui judicatis terram*», diz o psalmo: e ambos elles eram zelosos observantes d'este preceito, imposto a todos os julgadores pelas lettras sagradas.

Champalimaud foi admiravel exemplo de amor pelo trabalho e de escrupuloso desempenho da profissão, que tanto se empenhava em honrar!

Era para vêr e admirar como aquelle homem, desde tantos annos torturado pela doença, debil e sem forças, que mal podia subir as escadas do tribunal, onde entrava

(1) Artigo publicado no n.º 319 da *Revista dos Tribunaes*, de 15 de setembro de 1895.

Os perfis dos juizes Poças Falcão e Dias de Oliveira foram publicados no livro — *No Campo da Justiça*.

sempre cansado e offegante, pouco depois tomava parte vigorosa nas questões que se discutiam, e se esforçava pelo acerto das decisões, pugnando com ardor pelo que julgava justo e legal até ficar extenuado e sem fala!

Cavalheiro de primorosa educação e distinto porte, gentilissimo nas relações pessoais, era intractavel quando defendia a justiça, ou julgava que esta era offendida; e, ao mesmo tempo, a lucta não lhe obscurecia a perspicacia e clareza do entendimento, pois que para logo se tornava docil e se rendia á opinião que combatia, se lograssem convencê-lo que era esta a mais legal.

Chegado que fosse a este estado do espirito — diga-se em honra da sua immaculada memoria — não raro inutilizava os trabalhos, que trazia preparados, para perfilhar os alheios!

Nenhuma razão pessoal, nenhum sentimento de vaidade sobrelevavam ao amor da justiça que o dominava!

O julgamento em conferencia (a que tanto tem querido jungir-nos, como fórmula unica de julgar collectivamente, uns pretendidos innovadores que a si proprios puzeram borla e capêllo em organização judiciaria) perderia muitos dos seus gravissimos defeitos com juizes como J. Champalimaud!

As paginas dos seus autos attestam a somma de cuidados e de illustração juridica que punha nas suas decisões este tão enfermo e tão zeloso magistrado; mas era principalmente no viver intimo do tribunal que mais sobressahiam as suas qualidades e distinctas virtudes, a sua educação de legista, e a alta e perfeita comprehensão, que possuia dos seus deveres de julgador.

Havia n'elle aquella «perpetua e constante vontade» do «*suum cuique tribuere*», que os romanos consideravam attributo da justiça, e que o é por excellencia do verdadeiro magistrado!

O grande pendor, em que perennemente estava, para diminuir penalidades, mostra que o juiz que, nas comarcas em que serviu, passou sempre por austero e rispido, era uma nobre alma!

*

* *

Vasco Leão tinha a religião da honra e o culto do dever. Amava a justiça e a liberdade. . . sim . . . elle amou tambem a liberdade!

Nascido em 1830, o seu berço foi molhado pelas lagrimas que o despotismo fez chorar a sua mãe!

Era por isso natural adversario de todos os que querem felicitar-nos com instituições do passado.

Tendo concluido — como Joaquim Champalimaud, de quem foi condiscipulo, e a quem tão de perto havia de acompanhar na morte — o seu curso universitario em 1853, foi em 1856 nomeado delegado do procurador régio para a comarca da Ilha do Pico, sendo algum tempo depois transferido para a da Ilha do Fayal.

Desde logo se revelaram as aptidões do magistrado; e o seu brioso proceder de homem e de funcionario por tal fórma alli se assignalou, que, passados mais de trinta annos, d'elle existia ainda honrada nomeada n'aquellas terras do archipelago açoriano!

Eleito deputado por Guimarães, sua terra natal, nas legislaturas de 1871 a 1874 e de 1875 a 1879, e par do reino pelo districto de Bragança em 1887, preoccuparam-no quasi exclusivamente no parlamento os assumptos judiciaes e os da classe, sendo, pelo seu amor e assiduidade no trabalho, escolhido, durante todo aquelle periodo, para secretario da commissão de legislação da camara electiva, tomando, em tal qualidade, constante e activa parte nos trabalhos de revisão e discussão do projecto do Codigo do Processo Civil e redigindo as numerosas actas das sessões da commissão.

Dá testemunho da elevação do seu espirito e da bondade da sua alma um projecto de lei sobre o ensino dos surdos-mudos, que por elle foi apresentado ao parlamento.

Apaixonado por tudo que considerava nobre e digno; tenaz na defeza das opiniões que julgava de interesse da

justiça ou do paiz, por vezes descia á estacada da imprensa a combater em pról d'ellas.

Era um paladino do justo. Tinha a organização d'um combatente!

Em vez da penna tomaria a espada e arriscaria a vida se por tal fórma fosse preciso defender o direito, a justiça, a liberdade!

Com os seus escriptos por vezes honrou esta *Revista*, e os artigos aqui publicados em 1887 e 1889 sobre o projecto de organização judiciaria, que estava então affecto ao parlamento, mostram quanto amor lhe merecia tudo quanto tendesse a melhorar a administração da justiça e a elevar a magistratura, que devotadamente amava!

Dedicado, leal, cavalheiroso, era um nobre companheiro de um valor inapreciavel!

Prostrado no leito, ferido mortalmente pela doença que tão prestes ia arrebatá-lo, reanimavam-no ainda os assumptos da profissão e do tribunal, e a illusão de que breve voltaria aos trabalhos d'elle!

Nobre e consoladora illusão, digna da sua honrosa vida de magistrado!

*

* *

Bem mereceram da justiça!

Nas paginas d'este jornal, dirigido por magistrados, e destinado, sem distincção de classes, a todos os homens do fôro, a todos os homens da *lei*, queremos pôr este *memento*, em homenagem a dois dignos soldados d'ella!

E, imitando as palavras do poeta que melhor soube definir a *saudade*, e com que elle terminou o elogio academico de um varão illustre, diremos: — Seja leve a terra da patria aos que dignamente a serviram e honraram!



In memoriam



Na sentida morte de Sofia de Abreu de Magalhães
Pereira Coutinho (1)

.....
Répondez, a-t-on vu son ombre,
S'évanouir dans la nuit sombre,
Ou fuir vers le jour immortel ?
La vit-on monter ou descendre ?
Où déposerons — nous sa cendre ?
Est-ce à la tombe ? est-ce à l'autel ?

— Ne pleurez pas, — prions — les saints l'ont réclamée ;
Prions : adorez-la, vous qui l'avez aimée !
.....

V. HUGO, ODES.

Desappareceu!... Tinha desanove annos! Era bon-
dosa como uma santa e bella como uma flôr! Simples e
modesta como a violeta! Pura como as flôres de laran-

(1) Não é uma figura do passado!
E' de hontem, é de hoje e será de amanhã!
Vive ainda pela nossa saudade!
Faz aqui a sua aparição como figura celestial, estendendo as

jeira, que só lhe poderam ornar a grinalda do noivado místico e sacrosanto da eterna Gloria!...

Abandonando a linguagem das cousas materiaes e terrenas, porque não hei-de empregar a linguagem do que, por santo e sublime, é superior á nossa estreita e pobre comprehensão.

Porquê? Procurando alar o pensamento ás regiões onde subiu esse ser querido, direi aos que a amaram:

Sim!... Desappareceu!!... Os anjos teem sempre uma breve passagem na terra! Pertencem ao ceu!

«Botão de rosa murcho á luz da aurora»... o vento da morte a levou!

Rose
Close
La brise
L'a prise!

Bella, gentil e tímida como uma alveola!

Tinha a fina delicadeza das aves ribeirinhas e o ar triste, que ellas manifestam ao verem-se fóra da sua região!

O anjo sentia a nostalgia do ceu! Adormeceu!... Depois... bateu as azas... fugiu!

Acodem á lembrança aquelles versos do *Prémier Regret*, de *Lamartine*, e que são talvez, na traducção de Bulhão Pato, os que melhor correspondem ao pensamento do grande poeta francez:

Como de noite a avesinha,
Menos formosa do que ella,
Esconde n'aza singela,
O colo para dormir;
No veu da sua tristeza
Escondeu-se por instantes,
E adormeceu... mas antes
Meu Deus, da noite cahir!

suas immaculadas azas de anjo por sobre o pobre livro e o pobre auctor!

Teve esse escripto publicidade na *Nação* e foi reproduzido no *Jornal de Vianna*, na *Aurora do Lima* e no *Commercio do Lima*.

Nascida junto do formoso rio, na ridente villa de Ponte de Lima, foi lá que se finou!

Filha estremecida dos excellentissimos senhores José de Abreu Pereira Coutinho e D. Maria Augusta de Magalhães Barros de Araujo Queiroz, a innocente menina, pelo fino perfil da sua belleza, pelo encanto da sua ingenuidade, pela attracção da sua timidez e da sua sympathia, era o enlevo querido dos seus paes, de sua familia, de todos que a viam e amavam!

A sua vida foi um sonho lindo! Passou como passa o aroma da flôr!

Dava-lhe a bondade uma especial e rara distincção!



Uma vista da villa em dia de mercado

Ao cimo avista-se a Capella das Pereiras, perto da qual a adoravel menina nasceu e onde costumava ir á missa

Via-se-lhe na meiguice do rôsto a belesa da alma como se vê a chamma atravez do cristal!

Foi a mais dôce das creaturas! Nunca soube oppôr a sua vontade á vontade dos que mais a amavam! Passou pelo mundo obedecendo e sorrindo!

Querida Sofiinha! Adoravel creança! Pomba innocente! Anjo querido!

Os olhos, que te viram crescer, enviam-te uma lagrima, que vae misturar-se ás lagrimas dos teus desolados paes

e das tuas formosas irmansinhas, mais risonhas e alegres do que tu... e agora santamente entristecidas!

A mão, que muitas vezes te acariciou, colhe hoje — trémula —, no campo triste da morte, um goivo para desfolhar na tua sepultura!

A bocca, que te beijou, diz-te pela bocca do grande lyrico:

*Anjo ! quem do ceu vos trouxe
E vos perdeu ?
Desterro que isto não fosse
Quanto não é mais doce
Viver no ceu !*

É esta a minha despedida! Adeus.

NOTA FINAL



Na carta de Alberto Sampaio, a paginas 111, dá elle auctorisação para ser publicada uma carta anterior.

Não fazer essa publicação seria menospreso pela honra que aquella auctorisação envolve.

Seria uma falta de respeitosa delicadeza para a memoria virtuosa e querida de um dos homens de maior valor moral e intellectual d'este paiz, cujo nome não é, infelizmente, tão conhecido como devia e merecia sê-lo!

Não! Fallecido em 1 de Dezembro de 1908, a morte só fez augmentar ainda mais o respeito e admiração, que me mereceu em vida!

Refere-se a carta a uns escriptos sobre o caso academico da *Rolinada*, onde appareceram alguns dos nossos companheiros d'essa época, que, com outros, de novo apparecem n'este livro.

Por todas essas razões se usa da auctorisação. A carta será publicada.

Sei que haverá quem diga que esta publicação obedece a um pensamento de vaidade.

Talvez! Reconheço-o. É que um documento, que traduz a amizade e consideração de um homem, tão illustre e tão virtuoso, é para envaidecer aquelle que o possui e a quem foi dirigido!

E acrescenta-se:

Quem, em sua vida, deu algumas demonstrações de não obedecer ás suggestões da vaidade e de ter o desdém por honrarias, tem auctoridade para reclamar esta.

Não prescinde d'ella.

Eis a carta:

Boanense

Jumbo 14, 1907

Cabeçudos

V. N. de Família

Meu querido Pinto Osório

Está em meu poder a tua bendita carta que recebi por via de meu sobrinho, assim com os teus artigos no "Illustrado".

Mil vezes obrigado por te lembrares de mim, e escrevendo-me e enviando-me o teu escrito: sobre tudo aceita o agradecimento mais affectuoso pelas effusões ao meu José. Bem sei quanto eras seu amigo, e deixaste falar o coração.

Os Antheos o mesmo: só tenho a honrar o que dissestes. A tua memoria não te enganou: não há a menor dívida a resqito

da visita ao Herculano. Os versos, que lhe leu, foram trechos das "Odes Modernas" - leites em que impressionou grandemente o sábio historiador. A isto já me reportei no "In Memoriam".

Comigo é que foste exasperado em excessos. A minha vida tem sido de bem inútil, e o pouco produzido de pequeno e valia.

Mal imaginava quanto me agradariam os teus artigos, e que momentos deliciosos me ocasionariam! Bem hazas pela resolução de os coligir em opúsculo. Eu corria da pena, sem o querer e sem o dadeir, fizestes uma obra literária delicada - um "Memórias," onde os novos velhos

amigos e contemporâneos apparecem
com toda a frescura da novidade.

Mas não é só a nós ^{que} nos cativam: a
qualquer leitor deve acerte em o mes-
mo: a narrativa despretenciosa, a
cada passo temperada de piz e gra-
ça, diz-se - ia contada em luctua
familiaridade. É um género mui-
to raro nos letros vernáculos.

Eu por aqui estou em convalescença
de uma maçadora febre que ^{me} durou
perto de dois meses. E aqui
ou ali, sempre a' tua disposi-
ção.

Receba um grande e saui-
doso abraço.

O teu velho e dedicado
Amigo

Cellso Pamparo

INDICE

Pela ordem dos escriptos

	Pags.
Uma explicação	v
Á memoria de Amelia Coutinho Filgueiras Osorio	VII
O ultimo Marquez de Ponte de Lima.....	1 a 16
Linha descendente de Pedro Alvaros Cabral.....	17 » 19
Serviços de D. Leonel de Lima	20 » 25
Freguezias, cujos parochos eram apresentados pelos Marquêses.....	24 » 25
Decreto de 13 de agosto, que extinguiu os privilegios ...	26 » 28
Antonio Corrêa Caldeira	29 » 46
Certidão de baptismo e considerações sobre a falta de respeito pelas leis do bom gosto	47 » 49
João de Deus	51 » 71
Francisco Guimarães Fonseca	73 » 74
<i>O Echo do Lima</i>	75 » 76
Antonio de Magalhães Barros	75 » 76
Anthero de Quental	77 » 112
Rodrigo Velloso	113 » 114
Julio Pereira de Carvalho e Costa	115
Refutação de um artigo do <i>In Memoriam</i>	116 » 120
Fernando Rocha.....	121 » 126
José Luciano de Castro.....	127 » 151
Lamartine e a Imprensa em 1848.....	153 » 154
Á Memoria de D. Anna dos Prazeres Calheiros de Ma- galhães.....	155 » 160
Luiz Corrêa Caldeira	161 » 193
José Marques Caldeira.....	195 » 196
Casa onde nasceu o poeta, idade em que sahiu da terra natal e um alvitre em honra da sua memoria.....	197 » 202
Uma carta de José Pereira de Sampaio (Bruno).....	205

	Pags.
Amelia Janny	205
Artigo em honra da sua memoria por D. Amelia Caldas Xavier	238 » 239
Joaquim Champalimaud e Vasco Leão	241 » 244
Sofia de Abreu Coutinho	245 » 248
Alberto Sampaio e uma carta sua (nota final)	249 » 252

INDICE ONOMASTICO



A

	Pags.
Acacio de Carvalho Fontes.....	73
Affonso de Albuquerque.....	2
Agostinho da Cruz (Frei).....	169
Agostinho de Moraes Pinto Almeida.....	135
Alberto Sampaio..... 80, 81 e	108
Alberto Telles..... 76 e	83
Alexandre da Conceição.....	84
Alexandre Herculano..... 55 e	58
Alexandre de Seabra.....	149
Alves Matheus.....	76
Amelia Janny..... 45 e	89
André Ponte de Quental da Camara.....	77
Anna Ephigenia Corrêa (D.)..... 29, 47, 197 e	200
Anna Guilhermina Maia (D.).....	78
Anna de Lima (D.).....	11
Anselmo de Andrade.....	83
Anthero José da Maia e Silva.....	78
Antonio Alves da Fonseca.....	131
Antonio de Araujo de Azevedo Pereira Pinto.....	157
Antonio de Azevedo Castello Branco..... 85, 84, 116 e	117
Antonio Bernardino Cerqueira Lobo.....	91
Antonio Feijó..... 43 e	164
Antonio Francisco Barata.....	35
Antonio Luiz de Seabra.....	36
Antonio de Magalhães Barros.....	75
Antonio de Magalhães Barros (filho).....	167
Antonio Nobre.....	164
Antonio Pereira Rego.....	199
Antonio Rodrigues Sampaio.....	55

	Pags.
Aristides Motta.....	108
Arthur Fernando Rocha.....	125
Augusto Cesar Barjona de Freitas.....	130
Augusto Lima.....	164
Augusto Ribeiro.....	134

B

Barbosa Leão.....	146
Bartholomeu de Quental (Frei).....	78
Basilio Alberto..... 53 e	94
Basilio José Ferreira.....	54
Bernardino Pinheiro.....	148
Bernardo de Albuquerque e Amaral..... 54, 56 e	95
Bernardo de Sá Nogueira.....	6
Blacons.....	14
Bocage.....	77
Bulhão Pato..... (?) ,164 e 179	246

C

Champfleury.....	1
Châtelet.....	14
Chaves e Castro.....	220
Caldeira Coelho (Antonio Corrêa).....	219
Caldeira (José Marques)..... 29 e	195
Camara Leme (José Alfredo).....	63
Camillo Castello Branco.....	131
Camões..... 87, 163, 179 e	224
Candido de Figueiredo.....	164
Cardeal Saraiva.....	45
Carlos Bento.....	36
Carlos Ramiro Coutinho..... 131, 137 e	139
Casal Ribeiro.....	36
Castilho (Antonio Feliciano)..... 55, 58, 163 e	168
Castilho e Mello.....	148
Castro Freire.....	164
Celestina Paladini.....	224
Conde de Almoester.....	139
Conde das Antas..... 131, 137 e	139
Conde da Barca.....	157
Condessa e Conde de Bertandos.....	235

	Pags.
Conde de Santa Maria.....	62
Conde de Thomar.....	138
Conde de Villa-Flôr.....	5
Couto Monteiro.....	164
Cruz Coutinho.....	146
Cunha Rivara.....	35
Cunha Souto Maior.....	36
Custodio Duarte.....	94
Custodio José Vieira.....	138 e 144

D

Dante.....	87
Delfim M. Oliveira Maia.....	144
Delgado (João Pinto).....	177
Diogo Bernardes.....	168
Domingos Ribeiro Vieira.....	124
Duque de Avila.....	36 e 37
» » Loulé.....	106
» » Ragusa.....	3
» » Saldanha.....	33, 139 e 196
» da Terceira.....	37, 41 e 106
» de Welington.....	3

E

Eça de Queiroz.....	83, 106 e 117
Eduardo de Andrade.....	81
Eduardo David e Cunha.....	91
Elias Garcia.....	6
Emilia Midosi, (D.).....	235
Eugenio de Castro.....	164

F

Fausto de Queiroz Guedes (Visconde de Valmôr).....	56
Fernando de Quental.....	77 e 81
Fernando, (Rei) (D.).....	138
Fernando Rocha.....	83 e 119
Fernão Alvares Cabral.....	17

	Pags.
Fernão Annes de Lima.....	11
Ferrão (Francisco Antonio F. da Silva)	9
Fialho Machado.....	92 e 94
Filippe de Quental.....	80, 85, e 139
Filomeno da Camara	83 e 116
Florido Telles de Vasconcellos.....	85
Fonseca Pinto (Antonio Joaquim).....	63
Fontes Pereira de Mello.....	36 e 76
Francisco de Castro Matôso Corte-Real.....	130
Francisco Joaquim de Castro Pereira Corte-Real.....	156
Francisco Machado de Faria e Maia.....	83
Francisco de Paula Mendes.....	147
Francisco Pereira Sanches de Castro.....	6
Francisco Roberto de Magalhães Barros.....	76
Frei Francisco de S. Luiz	22, 198, 199 e 210
Frederico Philemon	60, 81, 87 e 105

G

Gama Machado	1
Garrett	36, 31, 129, 159, 160, 163 e 189
Gaspar Pereira Ferraz Sarmento.....	197
Gaspar de Queiroz Botelho.....	142
Germano Vieira Meyrelles	81, 82 e 108
Gomes Coelho (Julio Diniz).....	148
Gonçalves Crespo	164
Gonçalves Dias	163 e 164
Guerra Junqueiro	163 e 212
Guilherme Vasconcellos Abreu	83 e 97
Guimarães Fonseca.....	62, 63, 75 e 83
Guimarães Pedrosa.....	235

H

Helena de Vasconcellos e Souza (D.) (Marqueza de Castello Melhor).....	11
Henrique da Gama Barros	132
Henrique de Macedo	91
Henriques Sêcco (Dr. Antonio Luiz).....	139
Hohenzollern.....	10
Homero.....	68
Humberto (Principe).....	118

J

	Pags.
Jayme Cardoso de Gouveia Corte-Real.....	62
Joanna Cabral de Vasconcellos (D.).....	18
Joanna Saraiva (D.).....	31, 48, 197 e 198
João de Barros.....	2
João de Barros Mimoso.....	130
João Bento de Medeiros.....	47
João Candido Furtado d'Antas.....	133
João de Deus.....	100, 133 e 213
João Fernandes de Lima Vasconcellos Brito Nogueira.....	18
João Gomes Cabral.....	17
João (Infante) (D.).....	55
João de Lemos.....	163, 164 e 208
João de Lima (Vidè <i>errata</i>) (D.).....	11
João Lobo de Moura.....	83
João Machado de Faria e Maia.....	83, 93, 116 a 120
João de Paiva.....	235
João Penha.....	164
João de Sousa Vilhena.....	60 e 83
Joaquim Antonio de Aguiar.....	41
Joaquim Maria da Silva.....	137
Joaquim Martins de Carvalho.....	120 e 135
Joaquim de Vasconcellos.....	78
José Affonso Botelho.....	132
Jeronimo da Motta (abbade de Mujães).....	199
José Alberto dos Reis (Dr.).....	47 e 197
José de Azevedo e Meneses.....	78
José Bernardino de Abreu Gouveia.....	83
José Caldas.....	76
José da Cunha Sampaio.....	60, 80, 82, 91, 118 e 250
José Dias Ferreira.....	75
José Ernesto de Carvalho e Rego.....	53
José Estevão.....	36 e 115
José Falcão.....	83, 89, 91 e 100
José Freire de Serpa.....	164
José Leite Monteiro.....	83
José Luciano de Castro.....	35
José de Magalhães Barros.....	196
José Maria de Abreu de Lima.....	199
José Maria Andrade Ferreira.....	38
José Mimoso de Barros Alpoim.....	130
José Moreira da Fonseca.....	144

	Pags.
José Pereira de Sampaio (Bruno).....	203
José Ribeiro Perry.....	131
José de Sá Coutinho..... 91 e	145
José Teixeira de Queiroz.....	130
Julio Mardel.....	17
Julio Pereira de Carvalho e Costa..... 109, 110 e	115

L

Lamartine..... III, 157, 153 e	245
Latino Coelho..... 38 e	201
Leonel de Lima (D.)..... 3 e	21
Levy Maria Jordão.....	55
Lima Bezerra.....	198
Lopes de Mendonça.....	164
Lourenço de Almeida Azevedo..... 68 e	86
Lourenço Malheiro.....	199
Luiz Jardim, Conde de Valenças.....	74
Luiz de Magalhães.....	77
Luiz Saraiva (Frei).....	210
Luiz (D.) (Rei).....	55

M

Manoel Duarte d'Almeida.....	84
Manoel Faria.....	31
Marcelina Saraiva (D.)..... 31, 41, 198 e	210
Marcelino de Mattos (Dr.).....	144
Maria Cabral de Noronha (D.).....	18
Maria Xavier de Lima Hohenloe (D.).....	18
Manoel Alves da Silva.....	108
Manoel de Arriaga..... 83 e	89
Manoela Rey.....	147
Maria Amália Vaz de Carvalho (D.).....	238
Maria José Deslandes Caldeira (D.)..... 45 e	196
Maria da Silva Baptista Rocha (D.).....	124
Maria Theresa Deslandes Caldeira (D.).....	219
Marianna Povoas (D.).....	70
Marianno Machado de Faria e Maia..... 83, 91 e	92
Marqueza de Alorna.....	33
» de Pomares.....	235

Marquez de Chaves	4
» de Fronteira	33
» de Loulé	41
Michelet	96
Miguel (D.)	136
Mendes Leal	36 e 55
Mousinho da Silveira	9

N

Nicolau Calheiros	157
Noailles (Duque e Marquez de)	14

O

Oliveira (Dr. Manoel de)	20 e 26
Oliveira Martins	77 e 96
Oliveira Valle	122
Osorio de Vasconcellos (Alberto)	6

P

Palmella (Duque de)	7
Passos Manoel	36
Pedro Alvares Cabral	2 e 17
Pedro 5.º (D.)	55
Pereira Caldas	177
Pereira Lima (Monsenhor)	198
Petrarcha	87
Pinheiro Chagas	46, 169, 179 e 184
Pinho Leal	11
Pizarro (Joaquim de Sousa Quevêdo)	6

Q

Queiroz Ribeiro	164
-----------------------	-----

R

	Pags.
Rachel Nazareth (D.).....	69
Ramalho Ortigão 48 e	147
Raymundo Capella	83
Rebello da Silva (Luiz Augusto)..... 35, 36 e	55
Ricardo Guimarães (Visconde de Benalcanfôr)	165
Rodrigues Cordeiro..... 132, 163, 164 e	166
Rodrigo da Fonseca Magalhães 36, 38 e	39
Rodrigo Velloso..... 13, 57, 60 e	98
Roque Barcia.....	52

S

Sá da Bandeira	6 e 137
Sá de Miranda	163
Santa Thereza de Jesus.....	169
Santos e Silva	136, 137 e 159
Santos Valente..... 83 e	105
Sebastião de Almeida e Brito.....	143
Serra e Moura.....	138
Silva Mattos..... 163, 223 e	237
Silva Tullio.....	55
Simão de Novaes (Frei).....	78
Simões (actor)	94
Soares Luna	195
Soares de Passos..... 133, 141, 163 e	179
Souza Martins.....	97

T

Tavares Crespo	223
Tavares Ferreira (José Maria)	138
Telles de Vasconcellos	132
Teixeira de Vasconcellos.....	147
Theophilo Braga..... 61, 65, 67, 83, 163 e	212
Thomaz José Xavier de Lima de Vasconcellos de Brito Nogueira Telles da Silva (D.)..... 2 e	19
Thomaz de Lima Vasconcellos Brito Nogueira (D.).....	18

	Pags.
Thomaz Ribeiro.....	76 e 165
Thomaz Xavier de Lima Nogueira Telles da Silva.....	19
Tolentino.....	32
Torres e Almeida.....	131 e 140

V

Venancio Jacintho Deslandes Caldeira.....	45
Vicente Ferrer.....	36
Victorino da Conceição Rebello (D.).....	62
Victor Hugo..... 100, 105, 115, 186, 191, 224 e	245
Victoria Linda.....	222
Vieira (Padre Antonio).....	78
Vieira de Castro..... 53, 54, 56, 98, 116 e	118
Virieu.....	14
Visconde de Faria e Maia.....	78

ERRATAS



A paginas 11, linha 8, onde se lê: «D. José Xavier de Lima», deve lêr-se: «*D. João Xavier de Lima*».

A pagina 43, linha 9, onde se lê: «nada melhoraram», deve lêr-se: «nada *melhoram*».

A paginas 47, linha 13 e a paginas 48, linha 1.^a, onde se lê: «Rua do Carrerido», deve lêr-se: «Rua do *Carracido*».

A paginas 105, nota, onde se lê: «Function du Poete», deve lêr-se: «*Fonction du Poete*».

A paginas 168, linha 13 (legenda da gravura), onde se lê: «Campo do Arnêdo», deve lêr-se: «Campo do *Arnado*».

CT Pinto Osorio, Augusto Carlos
1372 Cardoso
P55 Figuras do passado por Pedro
 Eurico

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 13 20 08 02 007 1